

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES - CCH
DEPARTAMENTO DE LETRAS - DLE
MESTRADO EM LINGÜÍSTICA APLICADA - MLA

**O TEXTO DOS FORMANDOS DE LETRAS: UM ESTUDO
SOBRE A COESÃO E A COERÊNCIA**

MESTRE:

BRUHMER CESAR FORONE CANONICE

Maringá

1999

O TEXTO DOS FORMANDOS DE LETRAS: UM ESTUDO SOBRE A COESÃO E A COERÊNCIA

Dissertação do Curso de Mestrado em
Linguística Aplicada, área de concentração em
Ensino-Aprendizagem da Língua Materna, do
Departamento de Letras da Universidade
Estadual de Maringá, sob a orientação da
Professora Doutora Maria do Carmo de
Oliveira Turchiari Santos.

MARINGÁ

1999

Agradecimentos

Em primeiro lugar, a Deus, que me concedeu inteligência e saúde para conduzir os trabalhos desta pesquisa.

A minha mãe querida, Maria de Lourdes Canonice, meu suporte de vida, que, com muito carinho e amor, foi a primeira pessoa a me apoiar, estimulando-me a continuar a vida acadêmica e enfrentar mais este desafio.

A todos os meus familiares: meu pai, Jesus Canonice e meus irmãos: Rejane e Thiago, que também acreditaram em minha capacidade e me apoiaram em mais esta jornada de minha vida.

Ao grande amigo Adão Aparecido Molina, pelos seus incansáveis elogios e estímulos, que muito contribuíram para o andamento de meus trabalhos, enquanto pesquisador do Mestrado em Linguística Aplicada.

À Professora Doutora Maria do Carmo de Oliveira Turchiari Santos, minha orientadora neste trabalho, que muito se dedicou a ensinar-me e direcionar-me durante todo o período em que me submeti à realização desta pesquisa.

À Professora Eliana Alves Greco, que gentilmente me forneceu o *corpus* deste trabalho, sem o qual não seria possível sua realização.

Ao Professor Dr. Antônio Suárez Abreu, pela gentileza por ter aceitado o convite para participar de minha banca examinadora para o Exame de Qualificação e para a Defesa Pública.

Ao Professor Luiz Tatto, meu chefe imediato, que sempre me apoiou, liberando-me quando necessário, para apresentações de meus trabalhos em Congressos e outros eventos científicos.

À Andrea Regina Previati, secretária do Mestrado em Linguística Aplicada da UEM, que com paciência e profissionalismo muito me suportou durante a realização do Curso.

Aos professores e funcionários do Departamento de Administração, meu local de trabalho, em especial Maria Terezinha Calijuri Ortêncio, que muito me incentivou e acreditou no meu potencial enquanto pesquisador do programa.

À Cláudia Valéria Doná Hila, minha colega de classe, pela força de todas as horas, principalmente quando de nossas viagens para apresentarmos trabalhos em eventos científicos.

Dedicatórias

Dedico este trabalho a todos os professores e alunos do Curso de Letras da Universidade Estadual de Maringá, principalmente os envolvidos no Programa de Mestrado em Linguística Aplicada, que conviveram comigo durante esses dois anos e meio, sem os quais não seria possível a realização desta pesquisa.

SUMÁRIO

	Pág.
INTRODUÇÃO	01
1. PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS	03
1.1. Corpus	03
1.2. Dados	03
2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	06
2.1. TEXTO	06
2.2. ESCRITA	10
2.2.1. O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA ESCRITA	13
2.3. COESÃO TEXTUAL	17
2.4. COERÊNCIA TEXTUAL	25
2.4.1. FATORES DE COERÊNCIA	33
2.4.1.1. Elementos lingüísticos	34
2.4.1.2. Conhecimento de mundo	34
2.4.1.3. Conhecimento partilhado	36
2.4.1.4. Inferências	36
2.4.1.5. Fatores de contextualização	37
2.4.1.6. Situacionalidade	37
2.4.1.7. Informatividade	38
2.4.1.8. Focalização	40
2.4.1.9. Intertextualidade	41
2.4.1.10. Intencionalidade e Aceitabilidade	42
2.4.1.11. Consistência e Relevância	43
3. ANÁLISE DOS TEXTOS DOS ALUNOS	44
3.1. QUANTO AOS MECANISMOS DE COESÃO	48
3.1.1. Quanto ao uso de pronomes	48
3.1.2. Quanto às expressões que podem levar a uma seqüenciação de enunciados	71
3.1.3. Marcadores de seqüenciação parafrástica ou recorrência semântica	73
3.1.4. Quanto à utilização de elipses	78
3.1.5. Quanto a recursos a expressões nominais	82
3.1.6. Inadequações verbais	93
3.1.7. Artigos definidos	96
3.1.8. Quanto às formas remissivas livres não-referenciais	98
Reflexões acerca dos mecanismos de coesão	102
3.2. QUANTO AOS MECANISMOS DE COERÊNCIA	107
3.2.1. Repetição	107

3.2.2. Progressão	113
3.2.3. Não-contradição	119
3.2.4. Relação	121
Reflexões acerca dos mecanismos de coerência	127
SUGESTÕES	129
CONCLUSÃO	131
BIBLIOGRAFIA	135
ANEXOS	143

INTRODUÇÃO

Apresentação do Problema

Os acadêmicos do Curso de Letras, ao encerrar a graduação, em sua maioria, apresentam uma produção textual muito aquém do esperado de um formando, segundo o julgamento de alguns professores que ministram aulas no Curso. Supõe-se que o acadêmico dessa área deveria ter a obrigação de se formar fazendo jus ao título de alguém que sai da Universidade sabendo escrever muito bem.

Em nossa participação no Curso, enquanto acadêmico, sempre ouvimos os professores, após fazerem correções dos trabalhos de suas disciplinas, reclamarem da falta de coesão e coerência dos textos - e isso ocorria até o último ano do Curso -, dizendo, ainda, que “*o aluno de Letras não sabe escrever!*”.

O que mais nos chamava a atenção era que, mesmo diante de comentários como os que expusemos acima, os acadêmicos não se importavam muito com isso e mostravam-se totalmente indiferentes e alheios ao problema, dando a impressão de que tal fato não era relevante para a sua formação e que não seria preciso munirem-se de conhecimentos da área de produção escrita, como se isso um dia não fosse necessário, esquivando-se, então, do aperfeiçoamento dos recursos de que se valeriam na sua vida profissional.

No entanto, não ocorria nenhuma discussão em torno do assunto que, a nosso ver, poderia, de certa forma, orientar os acadêmicos a tomar uma atitude de reflexão, levando-os a procurar uma solução para o problema. Isso fazia com que pensássemos, à luz de uma concepção de linguagem cultivada por lingüistas e professores até alguns anos atrás, que talvez o que lhes faltasse fosse um estudo mais profundo de regras gramaticais (!) que supostamente pudesse suprir essa deficiência e, de uma maneira equivocada - hoje podemos admitir esse equívoco - questionava o currículo de Letras por não apresentar uma disciplina específica dessas regras gramaticais normativas logo no início do Curso. Obviamente essa inquietação era advinda da formação para ensino médio e fundamental, que ainda insiste ensinar uma

gramática que certamente não subsidia os seus alunos para o domínio da linguagem escrita.

Justificativa

É pertinente observar que para haver uma melhoria da composição escrita não basta o aluno saber as maçantes regras gramaticais estudadas no ensino médio e fundamental; é preciso haver interesse pela leitura e, conseqüentemente, pela escrita. Em decorrência disso, o aluno passaria a perceber melhor as construções da língua apresentadas nos textos, sejam eles literários ou informativos. Assim, além de alargar sua visão de mundo, passaria a adquirir formas de interação para produzir textos adequadamente. Daí nossa reflexão sobre o estímulo que esse aluno deixou de ter de seus professores, enquanto colegial.

É necessário que o encaminhamento pedagógico da escola deixe de insistir no ensino tradicional ou tecnicista para tornar-se o espaço efetivo de constituição do sujeito. O aluno e professor, interagindo um com o outro, teriam condições de produzir o conhecimento, fazendo da escola um espaço voltado para se viver o profissionalismo e a consciência crítica.

Objetivo e Pergunta

O objetivo da pesquisa é investigar *as dificuldades de composição de textos* dos alunos do Curso de Letras da Universidade Estadual de Maringá e, para isso, faremos uso de métodos voltados à análise de trabalhos que esses alunos desenvolveram para seus professores na graduação; nossa intenção é analisar cinquenta e nove avaliações da disciplina de Língua Portuguesa, do quarto e quinto períodos do Curso.

1. PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

1.1 *Corpus*

O *corpus* analisado é constituído por cinquenta e nove textos escritos para avaliação dos alunos do quarto ano noturno e do quinto ano diurno e noturno do Curso de Letras da Universidade Estadual de Maringá, no período que compreende o ano de 1997, da disciplina Língua Portuguesa IV.

1.2. Dados

A coleta dos dados ocorreu de maneira bastante simples, haja vista que apenas tivemos o trabalho de dirigirmo-nos à professora da disciplina “Língua Portuguesa IV”, do Departamento de Letras da Universidade Estadual de Maringá, que nos recebeu muito bem e se dispôs a nos fornecer as avaliações dos alunos com os quais ela mantivera contato no ano de 1997.

A professora teceu alguns comentários sobre as turmas para as quais ela lecionou, no sentido de que a maioria dos alunos ,realmente, “não sabia escrever”, e que constataríamos esse fato tão logo iniciássemos nosso processo de análise dos dados.

É importante frisar que os textos das avaliações dos alunos do quarto e quinto anos do Curso de Letras da UEM foram produzidos em uma instituição de ensino, tendo como interlocutor o professor , numa situação em que havia alunos sendo

observados e avaliados por alguém, o que gera, certamente, um certo tipo de tensão por parte deles e que em muito pode influenciar no seu desempenho na escrita.

Tivemos a intenção de utilizar as abordagens quantitativa e qualitativa no processo de investigação. Todavia, preocupamo-nos em evitar a escolha de apenas um desses dois gêneros (quantitativo-qualitativo) por acreditarmos que, embora nosso estudo se reporte a um enfoque qualitativo, foi de extrema valia utilizarmos o gênero quantitativo para o levantamento das ocorrências do processo de coesão e coerência dos cinquenta e nove textos analisados, porque nos proporcionou uma visão mais geral das ocorrências, o que nos ofereceu a confiabilidade necessária nos resultados obtidos durante a análise.

Embora tenhamos consciência de que a experiência direta representa “o melhor teste de verificação da ocorrência de um determinado fenômeno” (cf. Lüdke & André, 1986), procedemos à análise de textos de avaliações produzidos **à distância**, ou seja, são textos produzidos em decorrência de avaliações entregues ao professor de uma disciplina. Entendemos que esse procedimento contribuiu para que os alunos não se sentissem ainda mais observados e investigados, o que influenciaria no momento da produção.

Vale notar que nosso estudo caracterizou-se como uma pesquisa com **abordagem etnográfica** por tratar-se da “descrição de um sistema de significados culturais de um determinado grupo.” (cf. Spradley, 1979), de membros de uma determinada comunidade de investigação: os alunos formandos da graduação do Curso de Letras.

De posse dos textos produzidos pelos alunos do quarto e quinto anos do Curso de Letras, o processo de análise dos dados foi caracterizado pela observação e levantamento dos registros de coesão e coerência da escrita desses alunos, por meio da elaboração de fichas específicas de cada mecanismo levantado.

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Neste capítulo, iremos abordar os diversos pensamentos teóricos de autores que muito contribuem para o desenvolvimento da análise de textos como os que nos propusemos a trabalhar.

Num primeiro momento, passaremos a discorrer sobre as diversas concepções de **texto**, citando autores como: João Bosco MEDEIROS, João Wanderley GERALDI, Angela KLEIMAN, Chaïn PERELMAN, Lucie Olbrechts-TYTECA, Leonor Lopes FÁVERO, Ingedore Villaça KOCH, Luiz Carlos TRAVAGLIA, entre outros.

Em seguida, iremos discorrer sobre as idéias sobre a **escrita**, expostas pelos autores: L.S. VIGOTSKI, Patrick DALET, Teun Adrianus van DIJK, Luiz Carlos CAGLIARI, João Wanderley GERALDI, Adilson CITELLI e José Luiz MEURER.

Ao tecermos comentários sobre a **coesão** e a **coerência**, valem-nos das abordagens de autores como: HALLIDAY & HASAN, BEAUGRANDE & DRESSLER, BLANCHE-BENVENISTE, CHAROLLES, Teun Adrianus van DIJK, KINTSCH, Gérard VIGNER, Ingedore Villaça KOCH, entre outros como: Angela KLEIMAN e Luiz Carlos TRAVAGLIA.

2.1. TEXTO

Medeiros (1996: 113) define *texto* como “um tecido verbal estruturado de tal forma que as idéias formam um todo coeso, uno, coerente.” A imagem de tecido contribui para esclarecer que não se trata de frases soltas, muito menos de uma simples seqüência de cadeias significativas (cf. Favero & Koch, 1994), pois os signos individuais que constroem uma seqüência textual interligam-se por múltiplas relações de ordem sintática, semântica e fonológica. São seqüências de signos verbais ordenados

sistematicamente, de modo a manifestar um único direcionamento, ou seja, não pode ser considerado texto um fragmento que trata de diversos assuntos.

Para que um texto seja constituído, é necessário que o assunto a ser discutido seja de todo coerente, ou seja, suas idéias não podem ser apresentadas como contraditórias e os elementos da frase que possibilitam a transição de uma idéia para outra devem estabelecer coesão entre as partes expostas. Logo, para a existência de um texto, é necessário considerar a *unidade*, a *coerência* e a *coesão* (estes dois últimos serão abordados com maior profundidade nas unidades seguintes deste trabalho).

Quanto aos elementos estruturais do texto, o autor cita: o *saber partilhado*, que é a informação antiga - geralmente aparece na introdução, em que o emissor estabelece um acordo com o receptor, para, em seguida, expor informações novas; a *informação nova*, que se caracteriza como uma necessidade para a existência do texto, veiculando uma informação que não é do conhecimento do leitor, ou que não o é da forma como será exposta, o que implica matizes novos e, conseqüentemente, uma nova maneira de ver os fatos; e, por último, as *provas*, que são fundamentos das afirmações expostas. Se o leitor duvidar de suas asserções, poderá recorrer a outras obras indicadas pelo escritor para chegar às mesmas conclusões que ele.

Medeiros (1996) considera, ainda, que o conjunto de idéias entrelaçadas para formar um enunciado, capaz de transmitir uma informação, ou mensagem, que é o texto, nem sempre aparece revestido de palavras, ou seja, pode ser constituído também por um desenho, uma charge, uma figura.

Segundo Geraldi (1996), *texto* pode ser uma palavra ou uma obra completa, que pode ser produzida no interior de um processo interlocutivo. Um texto oral de conversação durante uma refeição, por exemplo, tem características muito diferentes de um texto oral produzido num debate, em uma reunião, ou em uma assembléia, ou em uma cerimônia religiosa, pois ambos respondem a interesses distintos que resultam da atividade de sujeitos envolvidos em uma relação diferente (ainda que sejam os mesmos sujeitos) e submetem-se a regras diferentes, resultantes de práticas históricas diferentes (como os exemplos que citamos acima).

Em se tratando de textos escritos, o convívio com eles faz com que o aluno adquira a capacidade de apreender tanto suas formas quanto seus conteúdos. Isso ocorre porque as suas formas e seus conteúdos não podem ser vistos como fatores separados. Supõe-se, dessa prática, uma atitude produtiva em que ele sai modificado por aderir aos pontos de vista com que compreende o mundo ou por modificar seus pontos de vista em face do diálogo mantido por meio do texto com seu autor.

Para Kleiman (1995: 10), o texto escrito proporciona ao indivíduo a faculdade de materializar significados e intenções “de um dos interagentes à distância”, em que a base textual sobre a qual ele se apóia é inerente a um processo de elaboração.

Um texto escrito, cuja clareza “é condicionada pelas possibilidades de interpretação que ele apresenta” (cf. Perelman & Olbrechts-Tyteca, 1995: 142), envolve a compreensão de frases e sentenças, de argumentos, de provas formais e informais, de objetivos, de intenções, muitas vezes de ações e de motivações, isto é, abrange muitas

das possíveis dimensões do ato de compreender, pois a compreensão verbal inclui desde a compreensão de uma charada até a compreensão de uma obra de arte.

Segundo Fávero & Koch (1994: 25), o texto é abstrato e produzido de vários componentes estilísticos, esquemáticos, retóricos, não se limitando, assim, a componentes simplesmente gramaticais. No sentido *lato*, designa qualquer manifestação da capacidade textual do indivíduo que abrange qualquer tipo de comunicação realizado por meio de um sistema de signos, tais como: poemas, músicas, pinturas, filmes, esculturas etc. No sentido *estrito*, consiste em qualquer passagem, escrita ou falada, que forma um todo significativo e que independe de sua extensão, tratando-se, pois, de uma unidade de sentido, “de um conteúdo comunicativo contextual que se caracteriza por um conjunto de relações responsáveis pela ‘tessitura’ do texto.” Por *tessitura* do texto entendem-se os critérios ou padrões de textualidade, destacando-se, em especial, a coesão e a coerência.

Quanto à eficácia do texto, diz Medeiros (1996: 114):

“Um texto é mais ou menos eficaz dependendo da competência de quem o produz, ou da interação de autor-leitor, ou emissor-receptor. O texto exige determinadas habilidades do produtor, como conhecimento do código, das normas gramaticais que regem a combinação dos signos. A competência na utilização dos signos possibilita melhor desempenho.”

2.2. ESCRITA

Vigotski (1996: 140) já concebia a linguagem escrita como a “construção de um sistema de signos que designam os sons e as palavras da linguagem falada, os quais, por sua vez, são signos das relações e entidades reais”. O domínio da complexidade de tal sistema não é alcançado de maneira mecânica e externa, mas faz parte de um processo de desenvolvimento de funções comportamentais muito longo.

Dahlet (1993: 119) faz alusão à escrita como “um produto de boas maneiras, sendo que uma escrita mal elaborada provoca um descrédito de seu produtor.”, levando o escritor a ser discriminado pela sociedade mais culta.

Embora haja quem discorde, o escrever não se caracteriza como uma tradução imediata do pensamento na língua, pois esta é vista de forma a ser reconduzida ao estatuto de um código tradutor do pensamento, identificando-se, assim, a sua elaboração de forma sistemática:

“... ‘o que se pensa bem, anuncia-se claramente.’ -*Nesta perspectiva, o texto não se faz escrevendo, ele se faz pensando. Escrever se reduz, então, em transmitir uma informação cuja clareza é só o resultado do pensamento.*” (Dahlet, 1993: 123 - Grifo nosso)

Para Cagliari (1996: 104), a produção de um texto escrito envolve problemas específicos de estruturação do discurso, de coesão, de argumentação, de organização das idéias e escolha das palavras, do objetivo e do destinatário do texto etc.

Não basta que o texto atinja um estado satisfatório para o escritor; é preciso que ele se conscientize de que, para ser qualificado, “precisa de um objetivo bem definido, que é o de fornecer subsídios para que alguém *leia*.” (idem, p. 104).

Assim como outras formas de representação do mundo (como cartazes, placas etc), a escrita não só induz à leitura, mas também porque essa leitura é motivada, isto é, quem escreve espera do leitor que interprete o que está escrito, não pelo puro prazer de fazê-lo, mas para realizar algo que a escrita indica.

Para Geraldi et alii. (1997), a contemplação da forma escrita da língua relega ao indivíduo uma capacidade de, automaticamente, passar a refletir sobre a própria linguagem, chegando, muitas vezes, a manipulá-la de forma consciente e diferente daquela pela qual ele manipula a própria fala.

Ainda na visão do autor, “escrever é ser capaz de colocar-se na posição daquele que registra suas compreensões para ser lido por outros e, portanto, com eles interagir.” (1996: 71).

A produção de um texto, então, ocorre no interior de um processo interlocutivo. Esse processo é marcado pelos sujeitos nele envolvidos e pelas práticas históricas que foram se constituindo ao longo do tempo, no interior de cada instituição social.

Citelli (1994: 22), ao discorrer sobre a noção de texto, que pode ser aplicada tanto para as manifestações orais como para as escritas, ressalta que nesses

processos tal ocorrência se dá como uma forma de elaboração de “uma rede de significados com vistas a informar, explicar, discordar, convencer, aconselhar, ordenar.” Então, ao escrever, o indivíduo manifesta o desejo de se comunicar, buscando ser entendido, e deseja estabelecer contratos verbais com o leitor.

As palavras ou frases articuladas produzem significações que são dotadas de intencionalidade, ganhando sentidos pela interferência dos destinatários, criando o que ele denomina de unidades textuais.

Vale observar, ainda, que no ato de escrever é comum o fato de que o texto dialogue com outros textos. O que existe, neste sentido, do ponto de vista da linguagem, é a materialização em um texto do que está presente em muitos outros discursos. Isso é resultante de um estado de prosseguimento a conceitos alheios, a idéias que circulam pela sociedade e as quais são assumidas como se fossem carregadas da mais completa originalidade.¹

A produção de um texto exige mais do que a junção aleatória de palavras e frases. A constituição dos sentidos, em especial os de natureza argumentativa/dissertativa, requisita que sejam adotados certos procedimentos que vão desde a escolha dos vocábulos até as relações entre eles e as frases.

¹ Veremos esse tópico com maior profundidade - a intertextualidade - quando passarmos a discorrer sobre a coerência textual.

2.2.1. O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA ESCRITA

Dahlet (1993: 124) concebe o processo de redação como o resultado de um conjunto de operações: de um lado, o texto se produz e se organiza seguindo combinações regulares e determinadas e, de outro lado, porque estas combinações agem nas representações dos leitores, “isto é, intervindo nas suas crenças em vista de transformá-las.”

Estas operações envolvem três níveis que definem as etapas de redação: 1) a *planificação*, que é o momento pré-verbal, o esforço de um conteúdo preocupado com a semântica; 2) a *textualização*, que corresponde ao momento da estruturação lingüística; e 3) a *revisão*, que comporta o retorno crítico e de adequação final do texto.

Na **planificação**, o escritor seleciona um tema e atribui um objetivo ao seu projeto de escrita, especulando sobre as expectativas do seu leitor. Traça, ainda, limite de conhecimento para mobilizar em função desta especulação e da possível organização do texto. É freqüentemente deficiente por duas incapacidades: a mobilização de um conhecimento esquemático que auxilie a antecipação das características do texto a ser produzido, e a integração nesta produção da imagem especulativa do leitor.

A **textualização** é a etapa que marca a boa formação da produção de um texto. Todo esforço está em apresentar uma correção ortográfica, sintática e mesmo caligráfica, que é uma consequência da preocupação excessiva do escritor pela correção frástica. É muito comum a presença de conectores que se reduzem ao uso de termos

como “é”, “então”, “mas”... “Esta carência pode também ser vista como consequência do pouco caso que este redator faz do trabalho de reconstrução textual que seu futuro leitor terá de realizar para compreendê-lo.” (p. 129)

A **revisão** comporta nela mesma duas operações: a de retorno crítico, em que o escritor passa por um estágio de hesitação geral; e a de adequação final do texto. No primeiro caso, tenta detectar anomalias ou incorreções; e, no segundo, avalia suas consequências em termos de incompreensão para o outro. Ele é um crítico que necessita modificar o seu texto. Portanto, esse reexame não é automatizado na conduta redacional.

Esse conjunto de operações não deverá ser, necessariamente, seguido nessa mesma ordem: planificação-textualização-revisão. “Isto implica que (...) em função do quadro e das suas próprias condições de redação, o assunto negligenciará algumas operações para privilegiar outras” (p. 128).

Como visto, a escrita é um processo no qual o locutor, no momento em que produz o texto, deve levar em consideração o fato de que ele pode estar escrevendo não somente para si, mas também para outra pessoa, que necessita fazer uso de um processo cognitivo para chegar à compreensão do texto produzido.

Van Dijk (1996: 17) não só considera o processamento do discurso constituindo um “mero evento cognitivo” como, também, que “as dimensões sociais do discurso interagem com as dimensões cognitivas.” A isso ele chama de *pressuposto da funcionalidade (social)*.

Acreditamos que, por melhor que seja o escritor, não poderá despojar-se de critérios para fazer-se compreender e preocupar-se com o fato de que os seus interlocutores poderão deixar de preencher as lacunas deixadas no seu texto, pois a compreensão, ainda segundo Van Dijk, envolve não somente o processamento e a interpretação das informações exteriores, como também passará a ativar e usar de informações internas e cognitivas (incluímos, aqui, o seu conhecimento de mundo).

O ideal seria que, ao escrever, o locutor tivesse o bom senso e se empenhasse o máximo para expor as informações de modo a serem processadas em sua quase completude. Assim sendo, van Dijk (1996: 32) assegura:

“... o papel importante do processamento ‘top-down’ na compreensão também envolve o planejamento parcial (ou expectativas) de estruturas e significados de sentenças e textos completos.”

Meurer (1992) apresenta uma proposta de um modelo para a produção de textos escritos dentro de uma perspectiva psicossociolingüística, que consiste em dois componentes: uma representação do roteiro seguido pelo escritor, incluindo um conjunto de parâmetros que leva em consideração ao compor e recompor o seu texto, até atingir um estado considerado por ele satisfatório.

Para a produção de um texto, o primeiro passo está relacionado aos *fatos/realidade*, que significam “qualquer aspecto do universo - exterior ou interno ao próprio indivíduo, real ou imaginário.” (p. 7).

Em seguida, ocorre o que ele chama de *representação mental* “do(s) aspecto(s) da realidade a que quer se referir” (p. 9), em que o escritor entra no estágio do percurso da criação do texto. Essa representação mental nada mais é do que a imagem que ele faz dos fatos/realidade formados em sua mente, que antecede o falar ou o escrever.

A partir daí, o escritor “seleciona um enfoque, um ponto de concentração” (p. 10), em que ele faz uma tentativa de tornar sua mentalização concreta, surgindo o texto escrito, por meio de uma representação lingüística.

O texto, então, surge, a partir dos focos de atenção, não no seu todo, mas em partes e, à medida em que o escritor o está redigindo, pode, ainda, proceder a diversos *retornos*, ciclicamente. “Esse processo poderá conservar, aprofundar ou mudar o foco de atenção, levando tanto à continuação/conclusão como a mudanças do texto produzido até então.” (p. 11-12).

O próximo passo consiste em considerar, ao supor que o escritor se decida a produzir seu texto, que “vários inibidores podem atuar, em conjunto ou separadamente, dificultando ou impossibilitando” (p. 13-14) a sua produção. Esses inibidores podem ser: a falta de uma representação mental clara dos fatos/realidade, ou a falta de habilidade do escritor em interligar os vários pontos de focalização anteriores ao início do texto e durante o processo de textualização.

E, por último, não necessariamente reflete a representação lingüística - o texto - na representação da realidade criada no primeiro estágio. Isso nos leva a concluir

que sempre há um potencial de erro para o escritor, resultando em uma insatisfação e que levará o leitor a fazer interpretações não desejadas do texto.

2.3. COESÃO TEXTUAL

Um texto não pode ser entendido apenas como um emaranhado de frases isoladas. Faz-se necessário considerar que existem termos ou mecanismos que são elementos da língua, cuja função principal é a de estabelecer relações textuais, que são chamados (cf. Koch, 1996:16) de *recursos de coesão textual*.

Esses mecanismos aparecem como auxiliares na tessitura do texto, originando, assim, o fenômeno da coesão textual.

Halliday & Hasan (1976) esclarecem que ocorre a coesão textual quando a interpretação de algum elemento no discurso é dependente da de outro. Um elemento pressupõe o outro, no sentido de que não pode ser efetivamente decodificado a não ser por recurso ao outro.

Segundo esses autores, a coesão é uma relação semântica entre um elemento do texto e algum outro elemento que seja de extrema relevância para que se estabeleça a sua interpretação. A coesão, por estabelecer **relações de sentido**, diz respeito ao conjunto de recursos semânticos por meio dos quais uma sentença se liga

com a que veio anteriormente, aos recursos semânticos mobilizados, proporcionando, assim, a criação do texto.

Kleiman (1995: 48-49) aponta o conjunto dos elementos “que formam as ligações no texto” como aqueles que relacionam suas diversas partes, sendo, também, instrumentais na construção de um significado global para o texto. Esses elementos coesivos apresentam-se como: repetições, substituições, pronominalizações, uso de dêiticos, “elementos estes internos ao texto que permitem construir, com base na leitura, um cenário enxuto, com poucos elementos.”

Para Breaugrande & Dressler (1981), a coesão diz respeito à maneira como as palavras e as frases que compõem um texto - os chamados componentes da superfície textual - encontram-se conectadas entre si numa seqüência linear, por meio de dependências de ordem gramatical.

Marcuschi (1986), define os fatores de coesão como aqueles que dão conta da estruturação da seqüência superficial do texto, afirmando que não se trata de princípios meramente sintáticos, mas de uma espécie de semântica da sintaxe textual, isto é, dos mecanismos formais de uma língua que permitem estabelecer relações de sentido entre os elementos lingüísticos do texto.

Ao fazer uso de elementos coesivos, o texto adquire um toque especial de legibilidade, o que explicita os tipos de relações estabelecidas entre os elementos lingüísticos que o compõem.

É possível conceituar a coesão textual ao afirmar que diz respeito “a todos os processos de seqüencialização que asseguram (ou tornam recuperável) uma ligação lingüística significativa entre os elementos que ocorrem na superfície textual.” (Koch, 1996: 19).

Ainda segundo Koch (1996), são cinco os mecanismos de coesão:

- Referência**: pessoal, demonstrativa, comparativa;
- Substituição**: nominal, verbal, frasal;
- Elipse**: nominal, verbal, frasal;
- Conjunção**: aditiva, adversativa, causal, temporal, continuativa;
- Lexical**: repetição, sinonímia, hiperonímia, uso de nomes genéricos, colocação.

Por **coesão referencial**, pode-se entender aquela em que um componente da superfície do texto faz remissão a outro(s) elemento(s) do universo textual. Ao primeiro, Koch (1996) denomina **forma referencial** ou **remissiva** e ao segundo, **elemento da referência** ou **referente textual**.

A noção de elemento da referência, neste sentido, é bastante ampla, “podendo ser representado por um nome, um sintagma, um fragmento de oração, uma oração ou todo um enunciado.” (p. 30).

Na concepção de Blanche-Benveniste (1984: 31), o referente se constrói no desenrolar do texto, o qual se modifica a cada *nome* a ele dado ou a cada nova

ocorrência desse mesmo *nome*, isto é, “o referente é algo que se (re)constrói textualmente.”

A remissão pode ser feita *para trás* e *para frente*, constituindo uma **anáfora** ou uma **catáfora**, como nos exemplos (1) e (2), respectivamente:

(1) *A professora* pode colocar um problema real que a criança vê na TV, como leite contaminado em diferentes regiões. *Ela* estimula o estudante a elaborar um gráfico...²

(2) *Ela* deve fazer os alunos aprenderem o que não podem aprender sozinhos, *a escola*.

A coesão por **substituição** consiste na “colocação de um item em lugar de outro(s) elemento(s) do texto, ou até mesmo, de uma oração inteira.” (cf. Koch, 1996: 21).

Vejamos os exemplos (1) e (2):

(1) Paulo viajou para os Estados Unidos e João *também*.

² BERNARDES, Betina. “MEC lança livros para orientar professores.” In: **Folha de São Paulo**, cotidiano, p. 3, 16/10/97.

- (2) Paulo comprou uma mala nova, mas João preferiu *uma* velha que estava guardada.

No exemplo (2), do sintagma nominal (SN) *uma mala nova*, o modificador *nova* é “repudiado”, sendo acrescentado, em seu lugar, o modificador *velha*, implicando, assim, numa redefinição do referente.

Na coesão por **elipse**, ocorre uma substituição por zero, ou seja, “omite-se um item lexical, um sintagma, uma oração ou todo um enunciado, facilmente recuperados pelo contexto.” (p. 22):

- (1) Órfã da guerra reencontra mãe depois de 52 anos de separação. (Ø)

Reviu sua mãe, Emília, hoje com 80 anos, no último dia 1º de maio.³

- (2) Maria passou no vestibular?

(Ø) Passou (Ø)

Na coesão por **conjunção**, permite-se “estabelecer relações significativas específicas entre elementos ou orações do texto.” (p. 22). Essas relações aparecem assinaladas por marcadores formais que estabelecem correlações entre aquilo que será dito e aquilo que já foi dito. Esses conectores podem ser representados por: *e*, *mas*, *depois*, *assim* etc.

Um mesmo tipo de relação pode aparecer em uma série de estruturas semânticas equivalentes, como nos exemplos abaixo:

- (1) a) Um temporal agitou a cidade por completo, seguido de um total silêncio.
- b) O silêncio veio logo após o temporal que agitou a cidade.

Há, ainda, a coesão **lexical**, que é obtida por meio de dois mecanismos: a *reiteração* e a *colocação*. A primeira se faz “por repetição do *mesmo item lexical* ou através de *sinônimos, hiperônimos, nomes genéricos.*” (p. 22), como podemos constatar nos exemplos que seguem:

- (1) *A menina* caiu e quebrou o braço. *A menina* foi socorrida às pressas.
(Mesmo item lexical)
- (2) *Um menino* gritou bastante alto ao vê-la com o braço quebrado. *O garoto* parecia ser seu irmão, tamanho o desespero. (Sinônimo)

A coesão lexical não constitui um mecanismo funcionalmente independente, ou seja, o uso de sinônimos, hiperônimos, nomes genéricos constitui uma das formas de

“...reiteração a elementos do mundo textual, tendo, pois, a mesma função coesiva das pro-formas; a reiteração do mesmo item lexical pode ter também essa mesma função (cf. Brown & Yule), ou ainda,

³ “Órfã da guerra reencontra mãe depois de 52 anos de separação.” In: **Folha de São Paulo**, mundo, p. 19, 28/12/97.

exercer função seqüenciadora, como é também o caso da colocação.” (Koch, 1996: 27),

enquadrando-se, assim, no que a autora denomina, posteriormente, de **coesão seqüencial**.

Por outro lado, a **colocação** consiste no uso de termos que venham a pertencer a um mesmo campo significativo:

Exemplo:

Todos queriam ir ao *circo* que chegou na cidade. Os *ingressos* já haviam sido adquiridos com antecedência, principalmente porque as *arquibancadas* iriam ser *lotadas* por causa da *atração* do momento: a *girafinha* manhosa e o *elefante* dançarino.

A **coesão seqüencial** diz respeito aos procedimentos lingüísticos por meio dos quais se estabelecem, entre segmentos do texto (enunciados, partes do enunciado, parágrafos e mesmo seqüências textuais), diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmáticas, à medida que se faz o texto progredir.

Os mecanismos que objetivam garantir a seqüenciação frástica na coesão textual colaboram para uma manutenção do tema, o estabelecimento de relações semânticas e/ou pragmáticas entre segmentos maiores ou menores do texto, a ordenação e articulação de seqüências textuais.

Charolles (1986: 69) apresenta pressupostos, ressaltando que o uso desses mecanismos coesivos facilita a interpretação do texto, bem como a construção da coerência pelos usuários. No entanto, seu uso inadequado pode dificultar a compreensão do texto, que parecerá destituído de seqüencialidade “e, portanto, a construção da coerência pelo leitor/ouvinte.”

Coesão se entende, então, como “a ligação, a relação, os nexos que se estabelecem entre os elementos que constituem a superfície textual.” (Koch & Travaglia, 1990: 40). Ao contrário da coerência, é explicitamente revelada através de marcas lingüísticas, índices formais na estrutura da seqüência lingüística e superficial do texto, “o que lhe dá um caráter *linear*, uma vez que se manifesta na organização seqüencial do texto.”

Assinalando a conexão entre as diferentes partes do texto, tendo em vista a ordem em que aparecem, a coesão é sintática e gramatical, mas também semântica, pois, em muitos casos, os mecanismos coesivos se baseiam numa relação entre os significados de elementos da superfície do texto, como na coesão referencial.

A coesão ajuda, ainda, a estabelecer a coerência na interpretação dos textos, como será visto a seguir.

A coesão lexical contribui para a clareza de um texto, mas se for de forma excessiva, ela fará com que haja uma considerável perda de concisão.

2.4. COERÊNCIA TEXTUAL

Beaugrande & Dressler (1981) concebem a coerência como o modo como os componentes do universo textual, ou seja, os conceitos e relações subentendidos ao texto de superfície são mutuamente acessíveis e relevantes entre si.

Responsável por constituir os sentidos do texto, não é apresentada, pois, como meros traços dos textos, mas sim como o resultado de uma complexa rede de fatores de ordem lingüística, cognitiva e interacional. Assim, a simples justaposição de situações em um texto pode ativar operações que criam relações de coerência. (cf. Marcuschi, 1986)

A coerência faz com que o texto adquira sentido para os usuários da língua, sendo entendida como um princípio de interpretabilidade, ligada à inteligibilidade do texto numa situação de comunicação e à capacidade que o receptor tem para calcular o sentido deste texto. “Este sentido, evidentemente, deve ser do todo, pois a coerência é global.” (cf. Koch & Travaglia, 1990: 21), sendo que, para que haja a coerência, é necessário também que haja a possibilidade de estabelecer no texto alguma forma de unidade ou relação entre seus elementos.

Vale notar que essa observação sobre estabelecer relações entre as idéias, vistas como conhecimentos ativados, mostra como elas são mutuamente acessíveis e relevantes, “influindo umas na construção das outras e se entremeando em sua expressão pela língua” (p. 28), de forma a ocorrer na interlocução entre os usuários do texto, que são seu produtor e seu recebedor.

Os autores citam Charolles (1979:81), que afirma ser a coerência a qualidade inerente aos textos pela qual os falantes passam a reconhecê-lo como bem formados, dentro de um possível mundo (ordinário ou não). Ela pode ser entendida como um princípio de interpretabilidade, dependente da capacidade dos usuários em reconhecer o sentido do texto pelo qual estão interagindo

“e para usuários diversos, dependendo de fatores vários (como grau de conhecimento sobre o assunto, grau de conhecimento de um usuário pelo outro, conhecimentos dos recursos lingüísticos utilizados, grau de integração dos usuários entre si e/ou no assunto, etc.).” (Charolles, 1979: 32)

A coerência tem a ver com boa formação em termos da interlocução, determinando não somente a possibilidade de estabelecer o sentido do texto, mas também, qual sentido se deve estabelecer no texto, de modo freqüente.

Van Dijk e Kintsch (1983) falam de **coerência local** e de **coerência global**, sendo que aquela refere-se à parte do texto, a frases ou a seqüências de frases dentro do texto, enquanto esta diz respeito ao texto em sua totalidade.

Esse autores também falam em diversos tipos de coerência, tais como:

- a) **Coerência semântica:** refere-se à relação entre significados dos elementos das frases em seqüência num texto (local), ou entre os elementos do texto como um todo (global). O respeito ou desrespeito às relações de sentido entre os significados dos termos também tem a ver com coerência semântica;

- b) **Coerência sintática:** refere-se aos meios sintáticos para expressar a coerência semântica como, por exemplo, os conectivos, o uso de pronomes, de sintagmas nominais definidos e indefinidos, etc. A coerência sintática, então, nada mais é do que um aspecto da coesão que pode ter a finalidade de auxiliar no estabelecimento da coerência;
- c) **Coerência estilística:** refere-se àquela pela qual o usuário deveria usar em seu texto elementos lingüísticos, tais como: léxico, tipos de estruturas, frases, etc., pertencentes ou constitutivos do mesmo estilo ou registro lingüístico. Seria o caso, por exemplo, do uso de gírias em textos acadêmicos, sobretudo orais (as conferências), ser normalmente precedido de ressalvas, como: “*se me permitem o termo*”, ou “*para usar uma expressão popular que bem expressa isso*”, etc., ou do uso de palavras de baixo calão em conversas “polidas” ser normalmente precedido de um “*com o perdão da palavra*”;
- d) **Coerência pragmática:** o texto é visto como uma seqüência de atos de fala. São relacionados de modo que, para a seqüência de atos ser percebida como apropriada, os atos de fala que a constituem devem satisfazer as mesmas condições presentes em uma dada situação comunicativa.

Importante notar que é fundamental para o estabelecimento da coerência a possibilidade de estabelecer uma relação, normalmente semântica e/ou pragmática, entre os elementos da seqüência, criando uma unidade.

A coerência contribui para a constituição e existência de um texto ao fazer com que uma seqüência lingüística qualquer seja vista como um conjunto. Porque é a relação entre vários fatores, tais como: morfemas, palavras, expressões, frases, parágrafos, capítulos, etc que estabelece a coerência, o que permite construí-la e percebê-la na recepção, como constituindo uma unidade significativa global. “Portanto, é a coerência que dá textura ou *textualidade* à seqüência lingüística, entendendo-se por *textura* ou *textualidade* aquilo que converte uma seqüência lingüística em texto.” (p. 45), justificando, assim, a definição de Beaugrande & Dressler (1981) como uma função da continuidade de sentidos.

Koch & Travaglia (1990) expõem, ainda, que não existe o texto incoerente em si. Ele pode ser incoerente sim, mas **em** determinada e **para** determinada situação comunicativa, lembrando que a coerência está no processo que coloca texto e usuários em relação numa situação.

Para que se possa estabelecer a coerência de um texto, “é preciso que haja correspondência ao menos parcial entre os conhecimentos nele ativados e o nosso conhecimento de mundo.” (p. 63). Caso contrário, não haverá condições de construir o *mundo textual*, dentro do qual as palavras e as expressões do texto ganham sentido.

Giora (1985) estabelece dois requisitos básicos para que um texto seja visto como coerente, que são a **consistência** e a **relevância**, ou seja, a condição de **consistência** exige que cada enunciado de um texto seja consistente com os enunciados anteriores, isto é, que todos os enunciados do texto possam ser verdadeiros, quer dizer, os enunciados do texto não devem ser contraditórios, dentro de um mesmo mundo ou

dentro dos mundos representados no texto, enquanto que a **relevância** exige que o conjunto de enunciados que compõem o texto seja relevante para um “mesmo tópico discursivo subjacente, isto é, que os enunciados sejam interpretáveis como falando sobre um mesmo tema.”

A coerência, então, segundo a visão desses autores, se contrói na interação entre o texto e seus usuários, numa situação comunicativa concreta, pois não é apenas um traço ou uma propriedade do texto em si.

Charolles (1988: 47) apresenta, quanto aos níveis local (ou microestrutural) e global (ou macroestrutural), que a coerência de um enunciado deve ser conjuntamente determinada de um ponto de vista local e global, “pois um texto pode muito bem ser microestruturalmente coerente sem o ser macroestruturalmente.”

Segundo esse autor, não há diferença fundamental entre as (meta)regras de macro-coerência e de micro-coerência, e que certas restrições específicas aparecem, entretanto, no nível macro-estrutural:

“Uma condição necessária para que um texto seja globalmente coerente é que se possa lhe associar, por construção, uma seqüência de macroestruturas e microestruturalmente coerentes.”
(p. 47)

Apresenta, ainda, quatro meta-regras, a saber: de **repetição**, de **progressão**, de **não-contradição** e de **relação**.

A meta-regra de **repetição** remete à idéia de que, para um texto ser micro e macroestruturalmente coerente, é preciso que contenha, no seu desenvolvimento

linear, elementos de recorrência estrita. Para assegurar as repetições, a língua dispõe de recursos numerosos e variados, tais como: pronominalizações, definitivações, referências contextuais, substituições lexicais, recuperações pressupicionais, retomadas de inferência etc.:

“Todos estes procedimentos permitem ligar uma frase (ou uma seqüência) a uma outra que se encontra no seu contexto imediato, lembrando precisamente tal ou tal constituinte num constituinte vizinho.” (p. 49)

Os mecanismos de repetição expostos acima vêm favorecer a garantia da continuidade temática do enunciado, permitindo, assim, um jogo, submetido a regras, de retomadas a partir do qual se encontra estabelecido “um fio textual condutor.” (p. 57)

Vejamos um exemplo:

“O sujeito manipulador, que pode ser identificado no trecho apresentado, é o pastor Ronaldo Didini. Ele manipula os fiéis da Igreja Universal - sujeitos manipulados - induzindo-os a praticar uma ação: conseguir votos para o representante da Igreja em Brasília...” (Trecho dos Anexos deste trabalho).

O exemplo acima mostra que há manutenção do assunto abordado no texto, que é a manipulação que o pastor Ronaldo Didini exerce sobre os fiéis da Igreja Universal. Percebemos isso através de elementos que aparecem no texto com a finalidade de repetir as informações, tais como: *manipulador, induzindo-os, fiéis, sujeitos manipulados, pastor Ronaldo Didini, representante da Igreja em Brasília.*

A segunda meta-regra diz respeito ao aspecto da informatividade, da **progressão**, ou seja, para que um texto seja micro ou macroestruturalmente coerente, é preciso que haja no seu desenvolvimento uma “contribuição semântica constantemente renovada.” (p. 57), isto é, para ser coerente não pode simplesmente o enunciado repetir indefinidamente seu próprio assunto, sendo necessário, então, adicionar mais elementos que venham aumentar a informatividade.

Exemplo:

"Inicialmente o pastor deixou claro que, apesar dos fiéis serem bem unidos e devotados, não podia afirmar que iria garantir uma eleição. Mas como ele não queria perder de nenhum jeito conseguiu, através de seus cultos, ganhar a confiança de seu povo, mesmo porque propunha aos seus fiéis votos e orava por eles para conseguir apoio nas eleições..." (Trecho dos Anexos deste trabalho)

No exemplo acima, ocorre a progressão de informações a respeito do mesmo assunto (conseguir votos dos fiéis), pois o pastor da Igreja Universal tece comentários a respeito da união e devoção dos fiéis, com o intuito de induzi-los a votarem em seu candidato, e afirma que não garantiria a eleição, porém passa a ganhar a confiança do seu "rebanho", propondo-lhe oração em troca de seus votos.

A produção de um texto coerente supõe, então, que seja realizado um equilíbrio, cuja natureza pode ser difícil de ser avaliada, entre a continuidade temática e a progressão semântica. “... um tal desempenho exige que sejam conjuntamente

dominadas as MRI (meta-regra de repetição) e MRII (meta-regra de progressão).” (p. 58).

A terceira meta-regra, a da **não-contradição**, exprime a idéia de que, para que um texto seja microestruturalmente ou macroestruturalmente coerente, é preciso que no seu desenvolvimento “não se introduza nenhum elemento semântico que contradiga um conteúdo posto ou pressuposto por uma ocorrência anterior, ou deduzível desta por inferência.” (p. 59).

Exemplo:

"Percebe-se neste texto que o sujeito manipulador é o pastor Ronaldo Didini. Ele manipula, por tentação, os fiéis da igreja Universal. (...) O pastor induz as pessoas a votarem no candidato da igreja e em troca oferece a eles orações..." (Trecho dos Anexos deste trabalho)

Como não houve contradição nos textos que analisamos, expusemos no exemplo acima um trecho que simplesmente representa o cuidado dos alunos em não caírem no erro de discorrerem sobre um assunto e apresentarem informações que poderiam comprometer a sua veracidade com elementos contraditórios.

E, por último, a meta-regra da **relação**: para que uma seqüência ou um texto sejam coerentes, é preciso que os fatos que se denotam no mundo representado, que pode ser o estado de coisas ligadas ao mundo real ou a mundos possíveis, estejam relacionados.

Vejamos o exemplo:

*"Paulo tem três **filhos** de seu primeiro casamento: **Thaís, Cristina e João Pedro. Todos os filhos de Paulo estavam doentes...***"

No exemplo acima, percebemos que houve relação entre os elementos do texto, pois a palavra *todos* indica que o locutor está se referindo aos três filhos de Paulo: Thaís, Cristina e João Pedro. Essa palavra está, ainda, flexionada no masculino por haver, dentre as filhas de Paulo, um filho do sexo masculino.

2.4.1. FATORES DE COERÊNCIA

Além do que foi dito até aqui, podemos considerar ainda que a construção da coerência decorre de uma multiplicidade de fatores das mais diversas ordens, tais como: elementos lingüísticos, conhecimento de mundo, conhecimento partilhado, inferências, fatores de contextualização, intertextualidade, intencionalidade e aceitabilidade e consistência e relevância.

A seguir, iremos expor esses fatores, segundo os pontos de vista de Koch e Travaglia (1995):

2.4.1.1. Elementos lingüísticos

Os elementos lingüísticos do texto são de extrema importância para o estabelecimento da coerência, pois atuam como fornecedores de

“pistas para a ativação dos conhecimentos armazenados na memória, constituem o ponto de partida para a elaboração de inferências, ajudam a captar a orientação argumentativa dos enunciados que compõem o texto, etc.” (p. 59)

A ordem como esses elementos serão apresentados, o modo de se inter-relacionarem para veicular sentidos, as marcas utilizadas para que a veiculação de sentidos ocorra, os recursos que permitem voltar a dizer coisas que já foram ditas, ou mesmo apontar para elementos que serão apresentados posteriormente, enfim, todo o contexto lingüístico - ou *co-texto* - contribuirá de maneira ativa na construção da coerência.

2.4.1.2. Conhecimento de mundo

Para o estabelecimento da coerência, o nosso conhecimento de mundo desempenha um papel não menos importante e decisivo, pois é necessário que o texto fale de coisas que façam parte de nossos conhecimentos; caso contrário, não teremos condições de calcularmos o seu sentido e ele nos parecerá destituído de coerência. É o que aconteceria a muitos de nós se nos defrontássemos, por exemplo, com o tratado da teoria da relatividade.

Esse conhecimento de mundo adquirimos com as experiências vividas com o passar do tempo, em nossa existência, por estarmos constantemente em contato com os fatos. Surpreendente ainda é saber que esse conhecimento não é armazenado em nossa memória caoticamente, mas sim em *blocos*, que se denominam *modelos cognitivos*, entre os quais podemos citar:

a) os *frames* - são conjuntos de conhecimentos armazenados na memória debaixo de um certo “rótulo”, não havendo nenhum tipo de ordenação entre eles; ex: “*Carnaval* (confete, serpentina, desfile, escola de samba, fantasia, baile, mulatas, etc.), *Natal, viagem de turismo.*”;

b) os *esquemas* - são conjuntos de conhecimentos armazenados em uma seqüência temporal ou causal; ex.: “como pôr um aparelho em funcionamento, um dia na vida de um cidadão comum.”;

c) os *planos* - são conjuntos de conhecimentos sobre como agir para atingir um objetivo; por exemplo, “como vencer uma partida de xadrez”;

d) os *scripts* - são conjuntos de conhecimentos sobre modos de agir altamente estereotipados em dada cultura, inclusive em termos de linguagem; por exemplo, rituais religiosos (batismo, missa, casamento), as fórmulas de cortesia, as praxes jurídicas;

e) as *superestruturas* ou *esquemas textuais* - são conjuntos de conhecimentos sobre os diversos tipos de textos, que vão sendo adquiridos à proporção que temos contato com esses tipos e fazemos comparações entre eles.

2.4.1.3. Conhecimento partilhado

Apesar da impossibilidade de duas pessoas partilharem exatamente o mesmo conhecimento de mundo, é preciso, no entanto, que produtor e receptor de um texto possuam, ao menos, uma boa parcela de conhecimentos comuns.

A coerência de um texto depende do equilíbrio entre informação “velha” ou dada, que são os elementos textuais que remetem ao conhecimento partilhado entre os interlocutores; e a informação nova trazida pelo texto, ou seja, tudo aquilo que é introduzido a partir da informação dada.

2.4.1.4. Inferências

Para que possamos compreender integralmente um texto, há necessidade de fazermos uma série de inferências, que nada mais são que a

“operação pela qual, utilizando seu conhecimento de mundo, o receptor (leitor/ouvinte) de um texto estabelece uma relação não explícita entre dois elementos (normalmente frases ou trechos) deste texto que ele busca compreender e interpretar.” (p. 65)

2.4.1.5. Fatores de contextualização

Os fatores de contextualização são aqueles que “ancoram” o texto em uma situação comunicativa determinada e podem ser de dois tipos:

“os contextualizadores propriamente ditos e os perspectivos ou prospectivos. Entre os primeiros estão a data, o local, a assinatura, elementos gráficos, timbre etc., que ajudam a situar o texto e, portanto, a estabelecer-lhe a coerência.” (p. 67)

Os fatores perspectivos ou prospectivos são aqueles que avançam expectativas sobre o conteúdo e a forma do texto: título, autor, início do texto.

2.4.1.6. Situacionalidade

A situacionalidade age em duas direções: da *situação para o texto*, que dever-se-á “determinar em que medida a situação comunicativa interfere na produção/recepção e, portanto, no estabelecimento da coerência.”; e *do texto para a situação*, em que o produtor passa a recriar o mundo dependendo de seus objetivos, interesses, propósitos, crenças, convicções, etc.

No primeiro caso (da situação para o texto), faz-se necessário, ao construir um texto, verificar o que é adequado àquela situação específica: variedade dialetal, tratamento a ser dado ao tema, grau de formalidade, etc.

Todos os dados situacionais, tais como: o momento e o lugar da comunicação, as imagens recíprocas que os interlocutores fazem uns dos outros, seus pontos de vista, os papéis que desempenham vão influir tanto na produção como na compreensão do texto.

No segundo caso (do texto para a situação), o mundo criado pelo texto não é uma cópia fiel do mundo real, mas o mundo tal como é visto pelo produtor, partindo de uma determinada perspectiva, tal como de acordo com determinadas intenções. Isso explica o fato de que sempre que duas ou mais pessoas descrevem um objeto, ou uma situação, nunca o fazem da mesma forma, logo os referentes textuais *não* são idênticos aos do mundo real, mas reconstruídos no interior do texto. Por sua vez, o receptor passa a interpretar o texto de acordo com a sua ótica, os seus propósitos e as suas convicções, pois há uma *mediação* entre o mundo textual e o mundo real, e vice-versa.

É importante que haja uma adequação do texto na situação comunicativa, pois um texto que é coerente em uma dada situação pode não sê-lo em outra. Por isso a situacionalidade exerce um papel relevante na construção da coerência.

2.4.1.7. Informatividade

A informatividade é outro fator que interfere na construção da coerência. Ela abrange o grau de previsibilidade da informação contida no texto. Depende da previsibilidade da informação o texto ser *mais* ou *menos* informativo. Isso quer dizer

que se o texto contiver apenas informação redundante ou previsível, seu grau de informatividade será baixo. Por outro lado, ocorrerá um maior grau de informatividade se contiver informação não previsível, além da informação esperada ou previsível. E, por último, se toda a informação de um texto for imprevisível ou inesperada, terá um grau máximo de informatividade, podendo, à primeira vista, parecer incoerente por exigir do receptor um grande esforço de decodificação. O grau máximo de informatividade geralmente aparece na literatura e na linguagem metafórica.

- 1) Exemplo de informação previsível ou redundante, com **grau de informatividade baixo:**

O fogo é quente.

- 2) Exemplo de informação não previsível, além da informação esperada ou previsível, com **grau maior de informatividade:**

O fogo é quente. Mas ele pode se apresentar em forma de gases gelados, como os que inflamam nos botijões de gás de cozinha.

- 3) Exemplo de **grau máximo de informatividade**, quando toda a informação do texto for inesperada ou imprevisível:

“O oceano não é água. Na verdade, ele é constituído de gases e sais.”

(p. 71)

2.4.1.8. Focalização

Tendo a ver com a concentração do produtor e do receptor em apenas uma parte do seu conhecimento e com a perspectiva da qual são vistos os componentes do mundo contido no texto, seria como se uma câmera acompanhasse os usuários (produtor e receptor) no momento em que um texto é processado. O produtor fornece ao receptor pistas sobre o que está focalizando, ao passo que o receptor terá de recorrer a conhecimentos partilhados e crenças sobre o que está focalizando, para poder entender o texto (e as palavras que o compõem) de modo adequado.

Problemas sérios de compreensão podem ser causados pelas diferenças de focalização, o que irá impedir o estabelecimento da coerência:

“Verifica-se, portanto, que a focalização tem relação direta com a questão do conhecimento de mundo e de conhecimento partilhado. Um mesmo texto, dependendo da focalização, pode ser lido de modo diferente.” (p. 72-73)

É o caso, por exemplo, do emprego do termo *massa*, que poderá ter sentido diferente, pois depende da focalização:

Não esqueça de providenciar a massa.

a) o garoto pedindo mais uma massa de chocolate para a dona da sorveteria;

b) Um construtor de casas solicitando ao servente de pedreiro que providencie a massa (cimento) para rebocar a parede.

2.4.1.9. Intertextualidade

Para o processamento cognitivo (produção/recepção) de um texto, é preciso recorrer-se ao conhecimento prévio de outros textos, podendo a intertextualidade ser de *forma* ou de *conteúdo*.

Ocorre a *intertextualidade de forma* quando o produtor de um texto “repete trechos, expressões ou enunciados de outros textos, ou então o estilo de determinado autor ou de determinados tipos de discurso.

Podendo ocorrer de maneira explícita ou implícita, há, também, a *intertextualidade de conteúdo*, e pode-se dizer que se trata de uma constante, ou seja, “os textos de uma mesma área de conhecimento, de uma mesma época, de uma mesma cultura, etc., dialogam, necessariamente, uns com os outros.

Exemplos de intertextualidade de conteúdo são as matérias jornalísticas de um mesmo dia, quer do mesmo jornal, quer de jornais diferentes, quer, ainda, de revistas semanais, noticiários de rádio e TV, que “dialogam” entre si, ao tratarem de um fato em destaque.

É comum também em música popular, quando o autor retoma trechos de outras canções próprias e alheias. Estabelece-se a intertextualidade também quando nos apropriamos de ditos populares e provérbios em nossos textos escritos ou em nossas conversas, endossando-os ou revertendo a sua forma e/ou o seu sentido.

2.4.1.10. Intencionalidade e Aceitabilidade

A *intencionalidade* refere-se ao modo como os emissores usam textos para perseguir e realizar suas intenções, produzindo, para tanto, textos adequados à obtenção dos efeitos desejados, haja vista que o produtor tem determinados propósitos, que vão desde a simples intenção de manter ou estabelecer o contato com o receptor até a de agir ou comportar-se de determinada maneira ou levá-lo a partilhar de suas opiniões. Já a *aceitabilidade* constitui a contraparte da intencionalidade.

A intencionalidade tem uma estreita relação com o que se tem chamado de *argumentatividade*:

“Se aceitamos como verdade que não existem textos neutros, que há sempre alguma intenção ou objetivo da parte de quem produz um texto, e que este não é jamais uma ‘cópia’ do mundo real, pois o mundo é recriado no texto através da mediação de nossas crenças, convicções, perspectivas e propósitos, então somos obrigados a admitir que existe sempre uma argumentatividade subjacente ao uso da linguagem.” (p. 80)

Manifestando-se no texto por meio de uma série de marcas ou pistas, tais como: tempos verbais, operadores e conectores argumentativos (até, mesmo, aliás, ao contrário, mas, embora, enfim, etc.), os modalizadores (certamente, possivelmente, indubitavelmente, aparentemente, etc.), a argumentatividade concederá ao receptor a capacidade de construir a sua leitura, entre aquelas que o texto permite, pela maneira como se encontra lingüisticamente estruturado. É por isso que todo texto abre a possibilidade de várias leituras.

2.4.1.11. Consistência e Relevância

Giora (1985) levanta dois requisitos básicos para que um texto seja tido como coerente, que são a **consistência** e a **relevância**.

Para que um texto seja consistente, é exigido que cada enunciado seja consistente com os enunciados anteriores, isto é, que todos os enunciados do texto possam ser não contraditórios, dentro de um mesmo mundo ou dentro dos mundos representados no texto.

E para que um texto seja relevante, é preciso que o conjunto de enunciados que o compõe seja relevante para um mesmo tópico discursivo subjacente, isto é, que os enunciados sejam interpretáveis como falando sobre um mesmo tema.

A coerência, então, não é tida apenas como um traço ou uma propriedade do texto em si, mas sim, numa situação comunicativa concreta. Ela se constrói na interação entre o texto e seus usuários.

3. ANÁLISE DOS TEXTOS DOS ALUNOS

Neste capítulo, procuraremos analisar as ocorrências mais significativas dos mecanismos⁴ de coesão e coerência, com o objetivo de investigar quais as principais dificuldades de composição de textos dos alunos do Curso de Letras da Universidade Estadual de Maringá.

Quanto aos mecanismos de coesão, destacamos o uso de: pronomes (demonstrativos, indefinidos, possessivos, pessoais, relativos, numerais ordinais e locativos); expressões que podem levar a uma seqüenciação de enunciados; marcadores de seqüenciação parafrástica ou recorrência semântica; elipses; recursos a expressões nominais pessoais, nominalizações, hiperônimos, hipônimos, sinônimos ou quase-sinônimos e repetições lexicais; inadequações verbais; artigos definidos; e formas remissivas livres não-referenciais. E quanto aos mecanismos da coerência, destacamos as ocorrências das quatro meta-regras: repetição, progressão, não-contradição e relação.

Em avaliação aplicada a alunos dos quartos anos diurno e noturno e quinto ano diurno do Curso de Letras, da disciplina *Língua Portuguesa IV*, em uma das questões foi solicitada leitura do fragmento de entrevista com o pastor Ronaldo Didini (texto A), que comandava o programa “25ª Hora” e, em outra avaliação, que discorressem sobre o texto “O gato e a barata”, de Millôr Fernandes (texto B):

⁴ Serão transcritas as redações dos alunos para garantir a visualização fiel dos textos e, em seguida, faremos os comentários pertinentes a elas. As redações que forem citadas serão apresentadas com apenas as iniciais dos alunos, sendo cada linha numerada para facilitar a localização dos comentários nos textos.

TEXTO LIDO PELOS ALUNOS DO 4º ANO NOTURNO (A)

Veja: *Qual é a estratégia da Universal para garantir uma eleição?*

Didini: *Embora os fiéis da Universal sejam muito unidos e devotados, ninguém pode exatamente garantir uma eleição. Mas conseguimos algo muito próximo disso. No caso do deputado Wagner Salustiano, eu o levava para o altar durante o culto e o apresentava como um dos homens que a Igreja Universal escolheu para nos representar em Brasília. Aí perguntava alguma coisa assim: “Quem, voluntariamente, gostaria de conseguir votos em nome de nossa causa?” Uma centena de pessoas se aproximava do altar a cada culto e eu orava por elas. Em seguida, pedia que trouxessem uma lista com dez outros nomes de pessoas que votariam no candidato. Ao lado do nome, deveriam escrever o número do título de eleitor dessas pessoas. Prometia que oraria também por elas. Recebi milhares desses papéis.*

(Revista Veja, 20/08/97, p. 10)

Após a leitura do texto, os alunos deveriam discorrer sobre os itens abaixo relacionados, que transcrevemos tal qual estão expostos na folha que lhes foi entregue:

- sujeito manipulador e sujeito manipulado;
- tipo de manipulação e explicação de como a mesma ocorre;
- a performance que o sujeito manipulado terá que executar.

Em outra avaliação aplicada a alunos do quarto e quinto anos diurnos do Curso de Letras, da disciplina *Língua Portuguesa IV*, em uma das questões foi solicitada leitura do texto “O GATO E A BARATA”, de Millôr Fernandes, do qual analisamos o seguinte item:

1. Segundo Fiorin e Savioli (1992: 56), “Dentro da estrutura narrativa, os enunciados podem ser agrupados em quatro fases distintas: manipulação⁵, competência⁶, performance⁷, sanção⁸.”

O professor pede que o aluno responda à seguinte questão:

Determine essas fases no texto “O gato e a barata”, considerando o percurso do sujeito “gato”;

⁵ Na manipulação, um personagem induz outro a praticar determinada ação.

⁶ Na competência, o personagem tem capacidade de saber como agir diante da manipulação.

⁷ Na performance, o personagem executa a ação.

⁸ Na sanção, o sujeito recebe castigo ou recompensa, ao praticar a ação.

TEXTO LIDO PELOS ALUNOS DO 4º ANO DIURNO E 5º ANO DIURNO (B):*O GATO E A BARATA**Millôr Fernandes*

A baratinha velha subiu pelo pé do copo que, ainda com um pouco de vinho, tinha sido largado a um canto da cozinha, desceu pela parte de dentro e começou a lambiscar o vinho. Dada a pequena distância que nas baratas vai da boca ao cérebro, o álcool lhe subiu logo a este. Bêbada, a baratinha caiu dentro do copo. Debateu-se, bebeu mais vinho, ficou mais tonta, debateu-se mais, bebeu mais, tonteou mais e já quase morria quando deparou com o carão do gato doméstico que sorria de sua aflição, do alto do copo.

_ Gatinho, meu gatinho – pediu ela – me salva, me salva. Me salva que assim que eu sair daqui eu deixo você me engolir inteirinha, como você gosta. Me salva.

_ Você deixa mesmo eu engolir você? – disse o gato.

_ Me saaalva! – implorou a baratinha. _ Eu prometo.

O gato então virou o copo com uma pata, o líquido escorreu e com ele a baratinha que, assim que se viu no chão, saiu correndo para o buraco mais perto, onde caiu na gargalhada.

_ Que é isso? – perguntou o gato. _ Você não vai sair daí e cumprir sua promessa? Você disse que deixaria eu comer você inteira.

_ Ah, ah, ah – riu então a barata, sem poder se conter. _ E você é tão imbecil a ponto de acreditar na promessa de uma barata velha e bêbada?

Moral: Às vezes a autodepreciação nos livra do pelotão.

3.1. QUANTO AOS MECANISMOS DE COESÃO

Como já foi dito, Koch (1996) distingue cinco mecanismos de coesão: **referência** (pessoal, demonstrativa, comparativa); **substituição** (nominal, verbal, frasal); **elipse** (nominal, verbal, frasal); **conjunção** (aditiva, adversativa, causal, temporal, continuativa) e coesão **lexical** (repetição, sinonímia, hiperonímia, uso de nomes genéricos, colocação). Procuraremos, então, analisar os textos de conformidade com esses critérios apresentados, para verificar o domínio dos alunos quanto ao uso desses mecanismos.

Em primeiro momento, vamos analisar os mecanismos de coesão nos textos discentes, para verificarmos como se processam, para, depois, sabermos as proporções em que ocorrem e as principais dificuldades encontradas.

3.1.1. Quanto ao uso de pronomes

- Pronomes Demonstrativos:

A seguir, serão transcritos alguns textos que demonstrarão a utilização de *pronomes demonstrativos*, tais como: **ISTO**, **ESSA** e **NESSA**. Os alunos não apresentam dificuldades no uso deste tipo de pronomes, conforme se pode verificar:

[A]:

01 “O sujeito manipulador do enunciado em questão é o pastor Ronaldo Dedini (sic)
02 isto pode ser observado em marcas textuais como os pronomes de 1ª pessoa observado
03 na sua resposta à Veja: “eu levavava (sic) (Deputado Wagner Salustiano) para o altar
04 (...)”; “(...) a Igreja Universal escolheu para nos representar (...)”; bem como das
05 concordância verbal de 1ª p observáveis no texto. Nota-se que a sua resposta é uma
06 explicação de como a Igreja Universal, representada por ele faz para garantir uma
07 eleição. Ou melhor de como se manipulam os fiéis para que exerçam a performance de
08 votar no candidato de Edir Macedo. Nesta perspectiva têm-se o sujeito manipulado,
09 como já foi dito, - os fiéis.

10 A manipulação se dá através de duas formas, em primeiro o pedido: “quem,
11 voluntariamente, gostaria de conseguir votos (...)”. Mas deve-se notar que antes há uma
12 manipulação subentendida, a de que se o candidato fosse eleito a Igreja e seus fiéis
13 estariam representados, portanto por tentação. A Segunda se dá, paradoxalmente,
14 também por tentação, pois Dedini (sic) se prontifica a rezar por aqueles que atenderem a
15 sua solicitação, o que significa dizer que ele intervirá junto a Deus, através da oração,
16 por aqueles que se oferecerem a conseguir votos. O que se assemelha a indulgência que
17 a Igreja Católica praticava antigamente, só que aqui o que se exige em troca são os
18 votos.

19 Como já deve ter ficado claro, a performance que o sujeito ‘fiéis’ deve executar é
20 ade conseguir votos (e votar) para Wagner Salustiano, o que foi conseguido pois o
21 mesmo foi eleito.”

(A.E.G. – 4º ano)

B:

01 “No texto ‘O Gato e a barata’ de Millôr Fernandes, dentro da sua estrutura narrativa,
 02 os enunciados podem ser agrupados em quatro fases distintas: manipulação,
 03 competência, performance e sanção.

04 O sujeito gato é manipulado pela barata através da tentação, onde ela promete para o
 05 gato se ele a salvar ela deixaria o gato come-la (sic). O sujeito gato aceita a manipulação
 06 da barata.

07 Em relação a (sic) competência o sujeito ‘gato’ sabia e podia agir, porque se tratava de
 08 um gato.

09 Quando o gato vira o copo, executou de fato aquilo que queria fazer. Essa fase é
 10 denominada performance. Nessa fase, há uma relação de perda e ganho. A barata ganhou
 11 e o gato perdeu.

12 Em relação a (sic) sanção, a promessa não foi cumprida, o gato recebe o castigo, ele
 13 não deveria ter acreditado na promessa de uma barata velha e bêbada.”

(P.S. – 5º ano)

Nos textos acima, podemos observar que os alunos empregam adequadamente os *pronomes substantivos demonstrativos*, com o objetivo de remeter, “geralmente, a fragmentos oracionais, orações, enunciados ou a todo o contexto anterior.” (Koch, 1996: 38), conforme demonstra o texto das avaliações A e B, respectivamente às linhas 01 e 02 (emprego do pronome demonstrativo “isto”, que remete a todo o enunciado “O sujeito manipular do enunciado em questão é o pastor Ronaldo Dedini (sic)) e às linhas 09 e 10 (emprego dos pronomes demonstrativos “essa”

e “nessa”, remetendo a todo o enunciado “Quando o gato vira o copo, executou de fato aquilo que queria fazer.”).

Vale notar, ainda, que o aluno do texto "A" empregou o pronome demonstrativo ISTO anaforicamente, quando, segundo algumas correntes, deveria ter empregado cataforicamente. Para que seja considerado seu uso adequado, o aluno deveria ter utilizado o pronome demonstrativo ISSO. Essa questão é objeto de cansativas discussões que envolvem esses dois pronomes.

● Pronomes Indefinidos:

A seguir, serão transcritos alguns textos que demonstrarão a utilização de *pronomes indefinidos*, tais como: **O MESMO** e **TUDO**:

Vale observar que é muito comum os alunos utilizarem a expressão **O MESMO** para substituir termos citados anteriormente. Trata-se de uma construção deselegante para a linguagem culta que poderia ser evitada se o aluno fizesse uso de outros recursos de que a língua dispõe para a composição da textualidade, tais como: pronomes pessoais, possessivos, demonstrativos, advérbios etc.

A⁹:

19 Como já deve ter ficado claro, a performance que o sujeito ‘fiéis’ deve executar é
20 ade conseguir votos (e votar) para **Wagner Salustiano**, o que foi conseguido pois o
21 **mesmo** foi eleito.”

(A.E.G. – 4º ano)

B

01 “De acordo com a teoria de Fiorin e Savioli, pode-se analisar o texto ‘O gato e a
02 barata’, no que se refere à estrutura narrativa.

03 Em relação à manipulação, pode-se notar, através do texto, o papel do manipulador;
04 que tipo de manipulação ele utilizou, e o papel do manipulado.

05 A manipulação ocorre quando a barata (o manipulador) manipula o gato (manipulado),
06 para que este a salve. O manipulador, para conseguir o que quer, desenvolve sua
07 manipulação usando a tentação: ‘Me salva que assim que eu sair daqui eu deixo você me
08 engolir.’ Esta foi uma proposta tentadora para o gato.

09 **O gato sabia e podia salvar a baratinha. Ele teve a competência de realizar a**
10 **performance (salvar a baratinha).** Mas, **tudo** isso foi feito porque sua recompensa seria
11 tentadora. Muito bem, seria, pois ele não teve a recompensa tão desejada. Ele recebeu
12 uma sanção, mas não material. Ele ganhou experiência, que às vezes a autodepreciação
13 nos livro do pelotão.”

(T.L.S. – 5º ano)

⁹ Transcrevemos apenas as linhas que interessam no texto, pois o mesmo texto está transcrito à página 48 quando demonstramos a utilização dos *pronomes substantivos demonstrativos* **ISTO** e **ESSA**. O leitor poderá recorrer ao texto nº 26, em sua íntegra, nos anexos desse trabalho.

Os textos acima representam a utilização dos *pronomes indefinidos* **O** **MESMO** e **TUDO**, sendo que aquele concorda em gênero e número com o elemento de referência (linha 21 do primeiro texto), referindo-se a “Wagner Salustiano” (linha 20) e este último resume o enunciado já apresentado anteriormente, como: “O gato sabia e podia salvar a baratinha. Ele teve a competência de realizar a performance (salvar a baratinha).” (linhas 09 e 10 do segundo texto):

● **Pronomes Possessivos:**

A seguir, serão transcritos alguns textos que demonstrarão a utilização de *pronomes possessivos*, tais como: **DELE, SEU, SUA, SEUS, SUAS**:

A:

01 “- Sujeito manipulador e sujeito manipulado:

02 A manipulação ocorre quando um sujeito induz outro a fazer alguma coisa. Sendo
03 assim, percebe-se que, no texto publicado pela revista Veja, o manipulador é o pastor
04 Ronaldo Didini, pois manipulava **seus** fiéis com o objetivo de garantir uma eleição –
05 dessa forma, os fiéis são os manipulados.

06 - Tipo de manipulação e explicação de como a mesma ocorre:

07 A manipulação praticada é por tentação, pois o pastor tenta estabelecer uma espécie
08 de troca – ele iria orar muito pelos fiéis, mas em troca disso teriam que votar no
09 deputado Wagner Salustiano.

10 - A performance que o sujeito manipulado terá que executar:

11 Inicialmente o pastor deixou claro que, apesar dos fiéis serem bem unidos e

12 devotados, não podia afirmar que iria garantir uma eleição. Mas como ele não queria
13 perder de nenhum jeito conseguiu, através de seus cultos, ganhar a confiança de seu
14 povo, mesmo porque propunha aos seus fiéis votos e orava por eles para conseguir
15 apoio na eleição.

16 O pastor executa a performance quando em seus cultos pedia para que os fiéis
17 escrevessem o número do título de eleitor e o seu nome em um papel e o entregasse, e,
18 em seguida, prometia que iria orar por elas.

19 O resultado obtido pelo pastor Ronaldo foi positivo, pois ao final do texto (...) claro
20 que recebeu milhares de papéis.”

(D.L.G. – 4º ano)

B:

01 “No fragmento da entrevista com o pastor Ronaldo Didini temos o sujeito
02 manipulador que é o próprio pastor Didini e, obviamente, se temos um manipulador
03 temos, também um sujeito manipulado que, no caso são todos os fiéis de sua igreja,
04 provavelmente, eleitores seus.

05 O pastor tenta manipular seus fiéis leitores por meio da sedução, ou seja, o pastor faz
06 um juízo positivo de seus fiéis pelos elogios, pois logo no início da entrevista ele
07 começa dizendo que os fiéis da Universal são muito unidos e devotados.

08 Logo em seguida o pastor expõe um caso que aconteceu com o Deputado Wagner
09 Salustiano, em que Didini manipula os fiéis por tentação, pois os fiéis teriam de
10 conseguir votos para Wagner e como recompensa receberiam a oração do pastor.

11 Em ambos os casos, na manipulação por sedução e por tentação, o sujeito
12 manipulado deverá mostrar sua performance através da ação de conseguir votos e votar
13 no candidato que o pastor Didini indicar.

(A.J.M.)

Notamos uma grande ocorrência de *pronomes possessivos*, que são as formas remissivas possessivas que, além de muitas vezes atuarem anafórica ou cataforicamente, servem para substituir um termo que viria a aparecer em duplicidade, o que causaria uma repetição desnecessária.¹⁰

● Pronomes Pessoais:

A seguir, serão transcritos alguns textos que demonstrarão a utilização de *pronomes pessoais*, tais como: **ELE, ELA, ELES, ELAS, O, A, OS, AS, LHE, LHES:**

A:

- 01 “- Sujeito manipulador e sujeito manipulado:
- 02 A manipulação ocorre quando um sujeito induz outro a fazer alguma coisa. Sendo
- 03 assim, percebe-se que, no texto publicado pela revista Veja, o manipulador é o pastor
- 04 Ronaldo Didini, pois manipulava seus fiéis com o objetivo de garantir uma eleição –
- 05 dessa forma, os fiéis são os manipulados.
- 06 - Tipo de manipulação e explicação de como a mesma ocorre:
- 07 A manipulação praticada é por tentação, pois o pastor tenta estabelecer uma espécie
- 08 de troca – **ele** iria orar muito pelos fiéis, mas em troca disso teriam que votar no

¹⁰ Esses mecanismos podem ser visualizados nos textos que estão nos anexos desse trabalho, a saber: Texto nº 01 (linhas 3 e 7); Texto nº 02 (linhas 6 e 21); Texto nº 03 (linha 3); Texto nº 04 (linha 5); Texto nº 08 (linhas 1, 2 e 8); Texto 09 (linha 9); Texto nº 10 (linha 6); Texto nº 11 (linhas 5 e 9); Texto nº 12 (linhas 8 e 14); Texto nº 15 (linhas 2, 4 e 5); Texto nº 17 (linhas 3, 4 e 5); Texto nº 19 (linhas 1 e 4); Texto 23 (linhas 8 e 10); Texto nº 25 (linhas 4 e 6); Texto nº 26 (linhas 5, 12 e 15); Texto nº 28 (linhas 4 e 9); Texto nº 29 (linha 4); Texto nº 32 (linha 9); Texto nº 33 (linhas 6 e 10); Texto nº 34 (linhas 2, 10 e 12); Texto nº 36 (linha 3); Texto nº 37 (linhas 5 e 7); Texto nº 38 (linhas 13 e 15); Texto nº 43 (linha 1); Texto nº 44 (linha 12); Texto nº 46 (linha 13); Texto nº 48 (linha 15); Texto nº 50 (linha 2), Texto nº 57 (linhas 9 e 13) e Texto nº 59 (linha 11).

09 deputado Wagner Salustiano.

10 - A performance que o sujeito manipulado terá que executar:

11 Inicialmente o pastor deixou claro que, apesar dos fiéis serem bem unidos e
12 devotados, não podia afirmar que iria garantir uma eleição. Mas como **ele** não queria
13 perder de nenhum jeito conseguiu, através de seus cultos, ganhar a confiança de seu
14 povo, mesmo porque propunha aos seus fiéis votos e orava por **eles** para conseguir
15 apoio na eleição.

16 O pastor executa a performance quando em seus cultos pedia para que os fiéis
17 escrevessem o número do título de eleitor e o seu nome em um papel e o entregasse, e,
18 em seguida, prometia que iria orar por **elas**.

19 O resultado obtido pelo pastor Ronaldo foi positivo, pois ao final do texto (...) claro
20 que recebeu milhares de papéis.”

(D.L.G. – 4º ano)

B:

01 “O sujeito manipulador da história em questão é o pastor **Ronaldo Dinini** (sic), pois
02 **ele** manipulava os fiéis, induzindo-os a votar no deputado Wagner Salustiano.

03 O tipo de manipulação que ocorre no texto é por tentação e Sedução. Primeiramente
04 porque **ele** tenta os fiéis a votarem no deputado Wagner Salustiano, em troca disso **ele**
05 recompensaria os mesmos com orações. E pode-se dizer que é por sedução, pois
06 Ronaldo Dinini (sic) seduz os seus fiéis pela fé, sendo que aqueles que acreditarem em
07 suas orações, são manipulados a votarem em Wagner Salustiano.

08 A performance que o **sujeito** executa nada mais é que a ação de pedir votos. E,
09 principalmente a exigência que **ele** faz, querendo que os eleitores coloquem no papel o
10 número do título de eleitor, para que assim **ele** possa orar por **elas** (sic).”

(I.C.D.M. – 4º ano)

C:

01 “No texto ‘O Gato e a Barata’ de Milôr (sic) Fernandes ocorre uma manipulação do
 02 **gato** pela **barata**. O **gato** quer comer a barata e por isso deixa-se manipular através da
 03 tentação. Para comer a **barata** o **gato** precisaria derrubar o copo de vinho – onde **ela** está
 04 – o que não é difícil para o **gato** que tem a sabedoria para fazer tal ação, e o poder, ou
 05 seja, a competência. A performance se dá quando o **gato** executa sua ação, dando uma
 06 patada no copo e assim, livrando a **barata**. Finalmente, Quando a **barata** sai correndo e
 07 não cumpre a sua promessa de se deixar comer pelo **gato** temos uma sanção; neste caso
 08 negativa pois o **gato** não consegue o que **ele** quer.”

(K.B. – 5º ano)

D:

01 “No texto ‘O Gato e a Barata’ de Millôr Fernandes pode-se perceber quatro **fases** na
 02 estrutura da narrativa. São **elas**: manipulação, competência, performance e sanção.

03 Ao observar o percurso do sujeito **gato** vê-se que **ele** foi manipulado pela barata. Essa
 04 manipulação ocorreu através da tentação, ou seja, através da troca ou da recompensa. A
 05 **barata** diz para o **gato** que, se **ele** salvá-la **ela** vai deixar **ele** comê-la inteirinha, como **ele**
 06 gosta.

07 Com relação a recompensa do **gato** percebe-se que **ele** possuía o saber e o poder para
 08 libertar a barata. O texto ao mencionar o sujeito gato, utiliza o aumentativo ‘carão’
 09 dando uma idéia ao leitor de que se tratava de um gato grande e também quando o autor
 10 coloca a expressão ‘... do alto do copo’, reforça a idéia de um grande gato, portanto que

11 poderia facilmente (sic) virar o copo.

12 A performance que o sujeito deveria executar era justamente a ação de virar o
13 copo. Ele então aceita a manipulação e pratica a performance. O gato vira o copo com
14 uma pata.

15 Mas, ao contrário do que esperava, a recompensa, ele recebe como sanção a promessa
16 não cumprida, isto porque a barata foge e não deixa o gato comê-la. É uma sanção com
17 valor negativo.”

(M.C.C.R. – 5º ano)

E:

01 “No texto ‘O Gato e a barata’ de Millôr Fernandes encontramos as quatro fases da
02 estrutura narrativa: manipulação, competência, performance e sanção.

03 A manipulação acontece por tentação, pois o manipulador barata, oferece recompensa
04 ao sujeito e o sujeito gato passou a querer realizar a performance. A barata pediu ajuda, e
05 em troca deixaria que o gato a comesse.

06 A competência consiste em saber e poder fazer a ação, ou seja, o gato sabia e podia
07 salvar a barata. Então acontece a performance. O gato manipulado virou o copo com a
08 pata para salvar a barata, que correu para se esconder no buraco. Assim, a sanção foi um
09 castigo, o gato não pode comer a barata.”

(I.P.V. – 5º ano)

Como se podia prever, há uma grande ocorrência de utilização dos *pronomes pessoais*¹¹ como um recurso que visa a fazer referência a termos, ou até a frases inteiras. Isso, por sua vez, demonstra que os alunos empregam os mecanismos mais comumente usados, mais *fáceis* de serem empregados, a que eles estão habituados e têm domínio. Mesmo assim, observam-se problemas.

Conforme podemos observar, há casos em que os alunos não recorrem devidamente aos pronomes pessoais. No texto “A” ocorre uma inadequação quanto à concordância nominal, pois o aluno se refere aos *fiéis* (linha 16) utilizando o pronome pessoal *elas* (linha 18).

O texto “B”, por sua vez, apresenta um certo exagero do aluno em fazer uso desses pronomes, sendo que, em algumas vezes, ele se perde, causando até o equívoco de flexioná-los quanto à concordância nominal. Uma opção para que esses

¹¹ Esses mecanismos podem ser visualizados nos textos que estão nos anexos desse trabalho, a saber: Texto nº 01 (linhas 3 e 4, 3 e 6, 3 e 7, 4 e 9); Texto nº 02 (linhas 12 e 13); Texto nº 03 (linhas 2 e 4); Texto nº 06 (linhas 5 e 6); Texto nº 08 (linhas 2 e 4, 6 e 7); Texto nº 09 (linha 10); Texto nº 12 (linha 2 e 7); Texto nº 13 (linhas 11, 12 e 13); Texto nº 14 (linha 2); Texto nº 15 (linhas 12 e 13); Texto nº 17 (linhas 3 e 4); Texto nº 18 (linhas 1 e 2); Texto nº 20; Texto 22 (linhas 4 e 6); (linhas 1, 3 e 5); Texto nº 23 (linha 5); Texto nº 25 (linhas 4 e 5, 6 e 7); Texto nº 26 (linhas 1 e 6, 14 e 15); Texto nº 27 (linhas 7, 7 e 8, 8 e 9, 10, 15 e 16); Texto nº 28 (linhas 6, 8 e 9, 10 e 12); Texto nº 29 (linhas 2, 2 e 3, 3 e 4, 2 e 4, 5, 5 e 6); Texto nº 30 (linhas 13 e 14); Texto nº 31 (linhas 2, 2 e 3, 5, 8, 9); Texto nº 32 (linhas 4, 3 e 4, 3 e 5, 7, 10, 10 e 11, 11 e 12, 11 e 14, 15 e 16); Texto nº 34 (linhas 2, 2 e 3, 5 e 6, 7, 9 e 10, 10); Texto nº 35 (linhas 1 e 2, 1 e 3, 3 e 6); Texto nº 36 (linhas 2 e 3); Texto nº 37 (linhas 3, 8); Texto nº 38 (linhas 3, 4 e 5, 4 e 6, 10, 10 e 11, 10 e 12, 10 e 13, 15, 15 e 16, 17 e 18); Texto nº 39 (linhas 3, 6 e 7, 9, 9 e 10, 12, 12 e 13); Texto nº 40 (linhas 1 e 2, 1 e 3, 1 e 4, 3 e 6); Texto nº 41 (linhas 5, 16); Texto nº 42 (linhas 2 e 3, 4); Texto nº 43 (linhas 4, 5, 4 e 5, 12); Texto nº 44 (linhas 2, 2 e 3, 8 e 9, 10 e 11, 12, 17 e 18, 18 e 19, 17 e 19, 17 e 20, 22, 23); Texto nº 45 (linhas 1 e 2, 2, 3); Texto nº 46 (linhas 2 e 3, 2 e 4, 7, 9, 12 e 13); Texto nº 48 (linhas 4, 4 e 5, 7 e 8, 9 e 10, 10 e 11, 11, 12 e 13, 18); Texto nº 49 (linhas 1 e 2, 6, 6 e 7, 8, 8 e 10, 11, 11 e 12); Texto nº 50 (linhas 1, 1 e 3, 5 e 6, 6 e 7); Texto nº 51 (linha 12 e 13, 13); Texto nº 52 (linhas 2 e 3, idem, 8 e 9); Texto nº 53 (linhas 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 13 e 14); Texto nº 54 (linhas 6 e 7, 11 e 12, 12); Texto nº 55 (linhas 3, 3 e 4, 3 e 9, 9, 11, 19, 19 e 20); Texto nº 56 (linha 2, 2 e 3); Texto nº 57 (linhas 4, 4 e 5, 5 e 6, 6, 7, 8, 12, 12 e 14); Texto nº 58 (linhas 7 e 8, 13, 14, 19) e Texto nº 59 (linhas 1, 2, 3, 5, 6, 10, 11 e 12).

deslizes fossem evitados seria a utilização de elipses, o que tornaria o texto menos repetitivo¹².

No texto “D”, novamente o aluno se perde ao exagerar na utilização de pronomes pessoais, chegando a causar, numa única linha (linha 5) uma certa confusão quanto ao emprego de pronomes pessoais e oblíquos, pois poderia ter escrito a frase “*A barata diz para o gato que, se ele salvá-la ela vai deixar ele comê-la inteirinha, como ele gosta...*”, utilizando, por exemplo, a elipse e mais pronomes oblíquos nas expressões que nós sublinhamos, ficando, então, da seguinte maneira: “*A barata diz para o gato que, se salvá-la, vai deixá-lo comê-la inteirinha, como ele gosta.*”:

Em contrapartida, nos textos “C” e “E” os alunos não se preocupam em utilizar pronomes pessoais para evitar muitas repetições. São textos pequenos, porém com um grande número de ocorrência de repetições de léxicos, ficando, assim, o processo de elaboração textual comprometido pela primariedade no uso do mecanismo.

F

01 “No texto ‘O gato e a barata’, acontece manipulação através da tentação, ou seja, a
02 barata manipula o gato, oferecendo-se a ele como recompensa em troca da sua salvação,
03 quando ela cai no copo de vinho. Portanto, o gato passa a querer praticar a ação, ou seja,
04 a performance.

05 Quanto à performance, esta se realiza quando o gato vira o copo para a **barata** sair, ou

¹² Vide, ainda, o Texto nº 29 [linhas 2 (gato/ele), 3 (ele), 3 (barata/ela), 4 (gato/ele), 5 (gato/ele), 5 e 6 (gato/ele)]; Texto nº 33 [linhas 3 e 4 (manipulador/ele), 9 (gato/ele), 11 (ele/Ele), 12 (ele)].

06 seja, quando ele realiza a ação de salvar a **barata**. E podemos dizer então, que para
 07 realizar esta ação, o gato utilizou-se da competência, pois ele podia e sabia como virar o
 08 copo para que a barata saísse (sic).

09 Quanto à sanção, podemos dizer que o gato recebe um castigo, e não uma recompensa,
 10 pois ele tira a **barata** do copo com a intenção de comê-la e ela, por sua vez, ao alcançar o
 11 chão, corre para o buraco mais próximo, não cumprindo a promessa que fizera ao gato, e
 12 além disso, ainda ri dele.”

(D.B.K. – 5º ano)

É interessante o texto “F”, porque o aluno, num primeiro momento, deixa de se preocupar com a utilização do pronome oblíquo **A** para substituir o termo “barata” (linhas 5 e 6) e, logo abaixo, ele o faz, seguramente (linha 10). Isso nos leva a uma reflexão sobre os motivos que levam o aluno a proceder dessa maneira.

● Pronomes Relativos:

A seguir, serão transcritos alguns textos que demonstrarão a utilização de *pronomes relativos*, tais como: **QUE** e **O QUAL**:

A:

01 “No texto ‘O gato e a Barata’ de Millôr Fernandes apresenta em sua estrutura narrativa
 02 as quatro fases, tais como: a manipulação, a competência, a performance e a sanção.
 03 Considerando o percurso do sujeito gato, percebe-se que este é o manipulado e o
 04 manipulador é a barata.

05 A manipulação é feita através da barata por uma tentação ao gato:

06 ‘_ Gatinho, meu gatinho – pediu ela – me salva. Me salva que assim que eu sair daqui
07 eu deixo você me engolir inteirinha, como você gosta. Me salva.’

08 O gato, naquele momento, tinha a competência de saber e poder salvar a barata
09 daquela situação e, é isso que faz, salva a barata.

10 ‘O gato então virou o copo com uma pata, o líquido escorreu e com ele a baratinha
11 que, assim que se viu no chão, saiu correndo para o buraco mais perto, onde caiu na
12 gargalhada.’

13 Nesse momento, o gato pratica a performance que é a ação de salvar a barata e tem
14 como sanção o castigo de não come-lá (sic) inteirinha por ser ingênuo e imbecil.

15 ‘... _ Você não vai sair daí e cumprir sua promessa?...’

(A.L. – 5º ano)

B:

01 “No fragmento citado, temos como manipulador, Didini, o qual quer que o sujeito
02 pratique a ação. Esse sujeito que pratica a ação é o sujeito manipulado, no caso, o
03 deputado Wagner Salustiano.

04 Sendo assim, podemos dizer que ocorre uma manipulação por tentação pois, era
05 estabelecida uma troca: votos ao deputado por orações feitas pelo pastor.

06 Em relação a (sic) performance, temos o pastor recebendo milhares de papéis, o que
07 garantia a eleição. Seria aqui o sujeito do fazer executando sua ação.”

(A.G. – 4º ano)

C:

01 “No texto ‘O gato e a Barata’, de Millôr Fernandes percebemos que a manipulação é
02 por tentação, pois a barata se oferece como recompensa para o gato caso ele a salve.

03 _ ‘Gatinho meu gatinho _ pediu ela _ me salva, me salva. Me salva que assim que eu
04 sair daqui eu deixo você me engolir inteirinha, como você gosta. Me salva.’ A

05 performance é percebida na parte **em que** o gato vira o copo com a pata, pois ele podia
06 sabia fazer isso. Como sabemos a competência nem sempre aparece explícita no texto e
07 no caso do texto **o qual** estamos analisando isto é notado, porém, podemos deduzir que
08 se o gato virou o copo com a pata, além de querer ele tinha competência para isso. A
09 sanção Neste caso não é positiva para o gato, pois ele fez a ação, mas a barata não
10 cumpriu a promessa ou seja o gato não recebeu a recompensa, mas sim o castigo por Ter
11 acreditado em uma ‘barata velha e bêbada’: ficou sem comer e se passou por idiota.”

(M.P. – 5º ano)

No texto “A”, podemos perceber a ocorrência do pronome relativo **QUE** sem nenhum tipo de problema em sua utilização (linhas 11 e 13), com a função de referência, no primeiro caso, à baratinha, e no segundo, à performance do gato, que é a ação de salvar a barata..

Em “B”, o aluno empregou adequadamente os pronomes relativos. Na linha 1, o autor do texto utiliza o pronome relativo **O QUAL** para referir-se ao nome citado anteriormente (Didini). É muito comum encontrarmos a utilização desse pronome relativo em redações dos alunos. Vale notar que é recomendado o emprego do pronome relativo **QUE** em seu lugar, o que torna a construção do enunciado mais elegante.

Logo em seguida, na linha 2, emprega o pronome relativo **QUE** para referir-se ao “sujeito” praticante da ação, explicando que se trata do “sujeito manipulador, no caso, o deputado Wagner Salustiano”. Ainda nesse texto, na linha 6, podemos perceber que o aluno emprega o pronome relativo **QUE**, precedido por um pronome demonstrativo, implicitamente representado pelo pronome pessoal oblíquo **O**

(“*o que* garantia...”), pois essa combinação de pronome demonstrativo + pronome relativo demonstra a intenção de fazer referência a uma expressão já citada anteriormente, “recebendo milhares de papéis”: “Em relação a (sic) performance, temos o pastor recebendo milhares de papéis, *o que* garantia a eleição.” (linhas 6 e 7 – Grifo nosso).

No texto “C”, verificamos que é correta a combinação da preposição **EM** precedida pelo pronome relativo **QUE** (“na parte *em que* o gato vira o copo com a pata...” – linha 5), remetendo o autor à intenção de expressar o uso de termos com um enfoque locativo que confere à noção temporal que leva a uma idéia de seqüenciação dos procedimentos das fases da narrativa do texto (manipulação, performance, competência e sanção).

● Pronomes Ordinais Numerais:

A seguir, será transcrito um texto que demonstrará a utilização de *pronomes ordinais numerais*, tais como: **PRIMEIRO, PRIMEIRA, SEGUNDO, TERCEIRO:**

A:

01 “No texto ‘O gato e a barata’ as quatro fases da estrutura da narrativa podem ser
02 percebidas claramente. **Primeiro**, a manipulação é feita pela baratinha que, dentro do
03 copo com vinho, prestes a morrer. Tenta o gato a tirá-la de lá. Para isso, ela o manipula
04 por tentação se oferecendo como sua recompensa: ‘ _ Gatinho, meu gatinho – pediu ela –
05 me salva, me salva. Me salva que assim que eu sair daqui eu deixo você me engolir
06 inteirinha, como você gosta. Me salva.’

07 **Segundo**, o gato sabe e pode tirar a barata de dentro do copo. Uma vez manipulado
08 pela barata: ‘__ Você deixa mesmo eu engolir você? – disse o gato. _ Me salva! –
09 implorou a baratinha. _ Eu prometo’, ele realiza a ação (performance) pois tinha
10 competência para tal: ‘O gato então virou o copo com uma pata, o líquido escorreu e
11 com ele a baratinha...’

12 **Terceiro**, como sanção do gato, ele fica sem sua recompensa, pois a barata o havia
13 tentado, lhe fazendo uma promessa, mas não a cumpre: ‘... assim que se viu no chão,
14 saiu correndo para o buraco mais perto, onde caiu na gargalhada’ ... ‘Você não vai sair
15 daí e cumprir sua promessa? Você disse que deixaria eu comer você inteira.’

16 Destacando as quatro fases dos enunciados dentro da estrutura narrativa do texto,
17 pode-se dizer que o percurso do sujeito ‘gato’ é de um ‘mero’ manipulado. Em primeira
18 instância, ele até poderia estar em maior vantagem que a barata, uma vez que estava fora
19 de perigo, e era bem maior que ela. Porém, o efeito da tentação foi mais forte e ele se
20 deixa enganar por um inseto ‘menor’ do que ele (em desvantagem).

21 Com relação à moral da história: ‘Às vezes a autodepreciação nos livra do perdão’,
22 esta está diretamente ligada ao sujeito ‘barata’. Ela se autodeprecia quando diz para o
23 gato que ele poderia comê-la assim que saísse do copo. Porém, essa autodepreciação a
24 livrou da morte: ‘__ E você é tão imbecil a ponto de acreditar na promessa de uma barata
25 velha e bêbada? ‘ diz a barata quando já se encontrava à (sic) salvo do gato.’

(R.S.A. – 5º ano)

No texto retro, encontramos *pronomes ordinais numerais*, os quais têm função localizadora, conforme Koch (1996). O uso dos elementos coesivos **primeiro**, **segundo** e **terceiro** nos leva a observar que o aluno, ao utilizar esses termos, consegue fazer com que seu texto apresente um encadeamento, ou uma seqüenciação dos fatos, organizando, assim, sua escrita.

● Pronomes Adverbiais Locativos:

A seguir, serão transcritos alguns textos que demonstrarão a utilização de *pronomes adverbiais locativos*, tais como: **ONDE** e **AQUI**:

A:

01 “No fragmento, retirado da entrevista com o pastor Ronaldo Didini, da Igreja
02 Universal, percebemos que esta, através do pastor, faz uma manipulação dos fiéis para
03 que consigam garantir uma eleição. Cita o caso do deputado Wagner Salustiano, **onde**
04 levava-o para o altar durante o culto, dizendo que a Igreja o escolheu.

05 Assim, ocorre uma manipulação por tentação, pois o pastor orava para os fiéis que se
06 apresentavam como voluntários em prol da causa e ainda prometia orar para aquelas que
07 escrevessem o número do título de eleitor.

08 A performance se dá quando os voluntários trazem a lista com os dez outros nomes
09 de pessoas que votariam no candidato.”

(C.R.S. – 4º ano)

Nesse texto, o aluno deveria ter utilizado no lugar do pronome localivo **onde** o pronome relativo **que**, ou **o qual**, tornando a oração “Cita o caso do deputado Wagner Salustiano, *onde* levava-o para o altar...” (linhas 3 e 4) mais adequada, devendo, ainda, atentar para o fato de ter escrito que o sujeito que estava sendo levado não era o deputado Wagner Salustiano, pois, segundo o que consta, “*levava-o*” nos remete à idéia de que o deputado é que levava alguém ao altar. Então, deveria o aluno ter, também, atentado para esse detalhe, escrevendo que o deputado *era levado* ao altar, ficando a oração da seguinte forma: “Cita o caso do deputado Wagner Salustiano, *que era levado* (ou *o qual era levado*) para o altar durante o culto...”.

B¹³: (...)

04 “O sujeito gato é manipulado pela barata através da tentação, **onde** ela promete para o
05 gato se ele a salvar ela deixaria o gato come-la (sic). O sujeito gato aceita a manipulação
06 da barata.” (...)

(P.S. - 5º ano)

No texto acima, ocorre um caso de inadequação, muito comum entre os alunos, com a utilização do *pronome locativo ONDE*, pois o aluno deixa claro que sua intenção é a de demonstrar que *no momento* em que a barata promete ao gato que o deixaria devorá-la, se ele a salvasse, ocorre uma manipulação. Então, entendemos que os alunos, geralmente, se confundem sobre a real função desse pronome, pois o utilizam, muitas vezes, como se não tivessem o objetivo de expressar o sentido de indicação de lugar, mas, curiosamente (e isso pode chegar à criação, quem sabe, de um

¹³ Transcrevemos apenas as linhas 4, 5 e 6 porque já havíamos transcrito o mesmo texto à página 50, quando expusemos sobre a utilização de *pronomes substantivos demonstrativos*. O leitor poderá recorrer ao Texto nº 43, em sua íntegra, nos anexos deste trabalho.

estilo próprio de escrita), expressar o sentido de indicação temporal, pois, ao que parece, estão querendo mostrar, por exemplo, um determinado *momento* no texto.

C:

01 “No texto ‘O gato e a barata’ há a estrutura narrativa **onde** os enunciados podem ser
02 agrupados em quatro fases distintas: manipulação, competência, performance e sanção.

03 A manipulação ocorre quando a barata bêbada pede ao gato para que ele a salve. A
04 manipulação consiste em um personagem induzir o outro a fazer alguma coisa (a barata
05 induziu o gato a salvá-la e o gato quis salvá-la porque achou que teria sua recompensa).
06 ‘(...) Gatinho, meu gatinho -, pediu ela – me salva, me salva. Me salva que assim que eu
07 sair daqui eu deixo você me engolir inteirinha, como você gosta. Me salva...’ (aqui
08 ocorreu a manipulação).

09 O manipulador pode usar de vários expedientes para induzir a personagem a agir, **aqui**
10 a barata usou de tentação – a barata tentou o gato a salvá-la dizendo que após isso ele
11 poderia comê-la usou um objeto de valor positivo.

12 A competência ocorre quando o gato sabe como salvá-la (ele o sujeito ‘gato’ adquiriu
13 um saber de salvá-la e um poder que é a sua força de virar o copo e o mesmo caiu no
14 chão.)

15 A performance é Quando o sujeito gato executa sua ação de salvar a barata, já que ele
16 tem competência para isso ele executa a ação. Só que na performance um dos
17 personagens sai perdendo aqui nesse texto, a barata ganha porque é salva e foge sem Ter
18 que ser comida, e o gato perde porque a salva e não ganha o que prometeu em troca.

19 A Sanção ocorre quando o sujeito do fazer (o gato) recebe castigo ou recompensa,
20 **aqui** o gato recebeu castigo porque salvou a barata por interesse e não recebeu nada em
21 troca.”

10 saber ao gato, e atribui um poder ao mesmo quando diz que promete.

11 Performance: ‘O gato então virou o copo com uma pata, o líquido escorreu e com ele a
12 baratinha que, assim que se viu no chão, saiu correndo para o buraco mais perto, onde
13 caiu na gargalhada.’

14 Nesta fase o gato executa sua ação, salvando a barata.

15 Sanção: ‘... a baratinha que, assim que se viu no chão, saiu correndo para o buraco
16 mais perto, onde caiu na gargalhada.’

17 ‘_ Ah, ah, ah – riu então a barata, sem poder se conter. – E você é tão imbecil a ponto
18 de acreditar na promessa de uma barata velha e bêbada?’

19 O gato recebe castigo. Ele salva a baratinha, acreditando que ele iria engoli-la, porém
20 após salvá-la, a baratinha corre para o buraco não cumprindo sua promessa.”

(E.G.N. – 5º ano)

No texto acima, podemos observar que o pronome locativo **AQUI** remete a uma situação, mas abarca, também uma configuração temporal, de momento. Na linha 9, o aluno simplesmente poderia ter omitido qualquer referência à localidade ou à temporalidade, pois não ficaria sem sentido se ele iniciasse a frase da seguinte maneira: “A barata afirma que, se ele salvá-la...”.

Até este momento foram vistos os recursos aos pronomes. Vejamos, a partir de agora, o uso de outros recursos para estabelecimento da coesão.

3.1.2. Quanto às expressões que podem levar a uma seqüenciação de enunciados:

A seqüenciação de enunciados pode ocorrer com a utilização de expressões do tipo: **INICIALMENTE, EM SEGUIDA, AO FINAL DO TEXTO, ASSIM, DESSA(DESTA) FORMA, NESSE(NESTE) CASO, NO ENTANTO, PORTANTO, MESMO QUANDO, PRIMEIRAMENTE.** Grande parte dos alunos recorrem a este tipo de expressões para fazer o encadeamento. O uso mostra-se adequado, como os textos destacados mostram¹⁴:

A:

01 “- Sujeito manipulador e sujeito manipulado:

02 A manipulação ocorre quando um sujeito induz outro a fazer alguma coisa. Sendo
03 **assim**, percebe-se que, no texto publicado pela revista Veja, o manipulador é o pastor
04 Ronaldo Didini, pois manipulava seus fiéis com o objetivo de garantir uma eleição –
05 **dessa forma**, os fiéis são os manipulados.

06 - Tipo de manipulação e explicação de como a mesma ocorre:

07 A manipulação praticada é por tentação, pois o pastor tenta estabelecer uma espécie
08 de troca – ele iria orar muito pelos fiéis, mas em troca disso teriam que votar no
09 deputado Wagner Salustiano.

10 - A performance que o sujeito manipulado terá que executar:

11 **Inicialmente** o pastor deixou claro que, apesar dos fiéis serem bem unidos e
12 devotados, não podia afirmar que iria garantir uma eleição. Mas como ele não queria

¹⁴ Esses mecanismos podem ser visualizados nos textos que estão nos anexos deste trabalho, a saber: Texto nº 20 (linha 5); Texto nº 24 (linhas 7 e 10); Texto nº 25 (linha 5); Texto nº 35 (linha 4); Texto nº 36 (linha 3); Texto nº 37 (linha 7); Texto nº 48 (linha 17); Texto nº 51 (linhas 4 e 10); Texto nº 47 (linha 8); e Texto nº 52 (linha 5).

13 perder de nenhum jeito conseguiu, através de seus cultos, ganhar a confiança de seu
14 povo, mesmo porque propunha aos seus fiéis votos e orava por eles para conseguir
15 apoio na eleição.

16 O pastor executa a performance quando em seus cultos pedia para que os fiéis
17 escrevessem o número do título de eleitor e o seu nome em um papel e o entregasse, e,
18 em seguida, prometia que iria orar por elas.

19 O resultado obtido pelo pastor Ronaldo foi positivo, pois ao final do texto (...) claro
20 que recebeu milhares de papéis.”

(D.L.G. – 4º ano)

O texto “A” é um excelente representante da utilização de expressões que podem levar a uma seqüenciação de enunciados, pois o aluno soube fazer uso desses mecanismos ao empregar as expressões: INICIALMENTE (linha 11), ASSIM (linha 3), DESSA FORMA (linha 5), EM SEGUIDA (linha 18) e AO FINAL DO TEXTO (linha 19).

B:

01 “a) Sujeito manipulador e sujeito manipulado:

02 O sujeito manipulador é considerado o pastor Ronaldo Didini, que manipulava aos
03 seus fiéis para votarem no deputado Wagner Salustiano, que era o sujeito manipulado,
04 através da oração, que prometia orar por eles. No entanto, o sujeito manipulador
05 conseguia convencer aos seus fiéis, da seguinte forma: Apresentava como um dos
06 homens que a Igreja Universal escolheu para representarem-os em Brasília com isso
07 chamava-os até o altar a cada culto e orava por elas. Assim em seguida com seu poder,
08 pedia uma lista com mais 10 nomes que votariam no candidato que deveriam escrever o
09 número do título do eleitor dessas pessoas. Portanto ele executa aquilo que queria fazer.

10 Esta é a performance do pastor. Ele ganha os fiéis.”

(C.S.L. – 4º ano)

O texto “B”, embora tenha sido estruturado em apenas um parágrafo, apresenta as expressões NO ENTANTO (linha 4), SEGUINTE FORMA (linha 5), ASSIM EM SEGUIDA (linha 7) e PORTANTO (linha 9), que são mecanismos que colaboram muito para a organização da seqüência informacional.

Porém, nesse texto, percebemos que o aluno não empregou corretamente o conector “no entanto”, por tratar-se de um recurso que tem a função de introduzir no texto uma restrição, oposição ou contraste com relação ao que seria dito anteriormente. No texto, nas linhas 2 e 3, falava-se sobre o Pastor Ronaldo Didini como sujeito manipulador, que conseguia convencer os seus fiéis a votarem no deputado Wagner Salustiano. Pois bem, em seguida, poderia haver a intenção do autor do texto em opor-se ao fato, apresentando uma explicação contrária – o que não ocorre, na verdade. Apenas endossa o que o sujeito manipulador faz, que é convencer os seus fiéis apresentando o deputado como um dos homens que a Igreja Universal escolhera para representá-los em Brasília.

3.1.3. Marcadores de seqüenciação parafrástica ou recorrência semântica:

Também denominada de **seqüenciação**, a segunda maior modalidade da coesão textual é a **coesão seqüencial**, que diz respeito aos procedimentos lingüísticos

“por meio dos quais se estabelecem, entre segmentos do texto (enunciados, partes de enunciados, parágrafos e mesmo seqüências textuais), diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmáticas” (Koch, 1996: 49), à medida que o texto atinge sua progressão.

A autora, dentro do que denomina de SEQÜENCIAÇÃO PARAFRÁSTICA, reporta-se a procedimentos de recorrência, dentre os quais podemos apontar os do tipo “Conteúdos Semânticos – Paráfrase”, em que um mesmo conteúdo semântico pode ser apresentado sob formas estruturais diferentes, como, por exemplo, as expressões lingüísticas do tipo: **ISTO É, OU SEJA, QUER DIZER, OU MELHOR, EM OUTRAS PALAVRAS, EM SÍNTESE, EM RESUMO**, etc.

Os marcadores de seqüenciação parafrástica mais freqüentes nos textos analisados foram: **OU SEJA, OU MELHOR, QUER DIZER, EM OUTRAS PALAVRAS, CONFORME JÁ DITO ACIMA** e **ISTO É**, que contribuem para o desenvolvimento da seqüenciação textual¹⁵:

Para ilustrar, verifiquem-se alguns deles, presentes nos textos destacados a seguir:

¹⁵ Esses mecanismos podem ser visualizados nos textos que estão nos anexos deste trabalho, a saber: Texto nº 06 (linha 5); Texto nº 19 (linha 6); Texto nº 27 (linha 5); Texto nº 29 (linha 8); Texto nº 37 (linhas 4 e 5); Texto nº 40 (linha 4); Texto nº 41 (linha 4); Texto nº 42 (linha 5); Texto nº 46 (linha 12); Texto nº 47 (linha 6), Texto nº 50 (linha 1); Texto nº 53 (linhas 6, 10 e 11); Texto nº 54 (linha 2); Texto nº 56 (linha 2) e Texto nº 59 (linha 11).

A:

01 “No texto ‘O gato e a barata’, acontece manipulação através da tentação, **ou seja**, a
 02 barata manipula o gato, oferecendo-se a ele como recompensa em troca da sua salvação,
 03 quando ela cai no copo de vinho. Portanto, o gato passa a querer praticar a ação, **ou seja**,
 04 a performance.

05 Quanto à performance, esta se realiza quando o gato vira o copo para a barata sair, **ou**
 06 **seja**, quando ele realiza a ação de salvar a barata. E podemos dizer então, que para
 07 realizar esta ação, o gato utilizou-se da competência, pois ele podia e sabia como virar o
 08 copo para que a barata saísse (sic).

09 Quanto à sanção, podemos dizer que o gato recebe um castigo, e não uma recompensa,
 10 pois ele tira a barata do copo com a intenção de comê-la e ela, por sua vez, ao alcançar o
 11 chão, corre para o buraco mais próximo, não cumprindo a promessa que fizera ao gato, e
 12 além disso, ainda ri dele.”

(D.B.K. – 5º ano)

No texto “A”, existe uma relação parafrástica entre o enunciado que aparece *antes* da expressão marcadora OU SEJA e a que aparece depois desse mecanismo, pois podemos perceber que o aluno começa o parágrafo dizendo que “acontece manipulação através da tentação” (linha 1) e, a seguir, após o uso do mecanismo OU SEJA, ele volta a explicar que “a barata manipula o gato, oferecendo-se a ele como recompensa em troca da sua salvação...” (linhas 1 e 2), o que nos faz observar que o autor do texto não acrescentou nada de novo na explicação – apenas disse a mesma coisa com outras palavras. O mesmo ocorre com as expressões “Portanto, o gato passa a querer praticar a ação” (linha 3) e – após o mecanismo OU SEJA – “a performance” (linha 4).

Nota-se, ainda, que nesse texto o aluno limitou-se à utilização do termo OU SEJA, pois em um texto de apenas doze linhas ele o empregou três vezes, sendo que poderia ter empregado outros termos, tais como: ISTO É, QUER DIZER, etc.

B:

01 “No texto O Gato e a Barata ocorre a manipulação por tentação. A barata tenta o gato,
02 prometendo que ele poderia comê-la (sic) se ele a salvasse, **ou seja**, a baratinha manipula
03 o gato por tentação.

04 Quanto a (sic) competência a baratinha não podia salvar-se sozinha. precisava (sic) da
05 ajuda do gato. ‘Gatinho, meu gatinho – pediu ela – me salva.’

06 Considerando o percurso do sujeito gato ele é o manipulado, **conforme já dito acima**, e
07 quanto a (sic) competência (sic) ele podia e sabia como salvar a baratinha. A
08 performance do gatinho foi a ação que ele executou para salvar a baratinha. ‘O gato
09 então virou o copo com uma pata...’

10 A sanção que ele recebeu por salvar a barata foi a promessa não cumprida, pois, ‘... o
11 líquido escorreu e com ele a baratinha que se viu no chão, saiu correndo para o buraco
12 mais perto, onde caiu na gargalhada.’ Ele não pode comê-la.”

(E.A.S. – 5º ano)

Em “B”, o aluno utilizou a expressão CONFORME JÁ DITO ACIMA para caracterizar a paráfrase ou a relação semântica existente nas expressões: “A barata tenta o gato... a baratinha manipula o gato por tentação.” (linhas 1 a 3) e “Considerando o percurso do sujeito gato ele é o manipulado,” (linha 6).

C:

01 “Temos, no texto da Veja, 20.08.97, p. 10 um exemplo de manipulação praticado
02 pelo sujeito Ronaldo Didini, tendo como alvo o(s) sujeito(s) manipulado(s) que são os
03 ‘fiéis’ da Igreja Universal. A manipulação se dá por tentação, ‘em nome da nossa
04 causa’, **quer dizer**, a recompensa vira (sic) se a ‘causa’ for vitoriosa. Promete, também
05 orações.

06 Já o manipulado praticará a ação, a performance, que nesse caso será a angariação de
07 votos para o Deputado Wagner Salustiano. O(s) sujeito(s) ‘fiéis’ sabem e podem
08 praticar a performance: ‘Recebi milhares desses papéis’, sendo que cada ‘fiel’ traria
09 ‘uma lista com dez outros nomes’.”

(J.C.S. – 4º ano)

Como podemos observar, os alunos empregam muito a expressão OU SEJA na maioria dos textos analisados. Poder-se-iam empregar mais outras expressões, como QUER DIZER (texto "C"), ou, ainda: EM SÍNTESE, EM OUTRAS PALAVRAS, para retomar uma idéia já apresentada anteriormente, o que tornaria menos cansativa a leitura e, certamente, melhoraria muito o estilo da escrita.

3.1.4. Quanto à utilização de elipses:

A elipse¹⁶ é um recurso que pode evitar a ambigüidade potencial de referência e repetições no texto e é representada pelo símbolo (ϕ). Para Haroche & Maingueneau (1983), a elipse é apresentada como “categorias vazias”, isto é, “elementos foneticamente nulos que desempenham um papel sintático.”

A:

01 “Temos, no texto da ϕ Veja, 20.08.97, p. 10 um exemplo de manipulação praticado
02 pelo sujeito Ronaldo Didini, tendo como alvo o(s) sujeito(s) manipulado(s) que são os
03 ‘fiéis’ da Igreja Universal. A manipulação se dá por tentação, ‘em nome da nossa
04 causa’, quer dizer, a recompensa vira (sic) se a ‘causa’ for vitoriosa. ϕ Promete, também
05 orações.

06 Já o ϕ manipulado praticará a ação, a performance, que nesse caso será a angariação
07 de votos para o Deputado Wagner Salustiano. O(s) sujeito(s) ‘fiéis’ sabem e podem
08 praticar a performance: ‘Recebi milhares desses papéis’, sendo que cada ‘fiel’ traria
09 ‘uma lista com dez outros nomes’.”

(J.C.S. – 4º ano)

¹⁶ Esse mecanismo pode ser visualizado nos textos que estão nos anexos deste trabalho, a saber: Texto nº 02 (linha 5); Texto nº 03 (linha 5); Texto nº 05 (linha 2); Texto nº 06 (linha 2); Texto nº 09 (linhas 3 e 4); Texto nº 10 (linha 5); Texto nº 12 (linhas 5 e 6); Texto nº 15 (linha 6); Texto nº 22 (linha 4); Texto nº 25 (linhas 3 e 8); Texto nº 26 (linha 14); Texto nº 31 (linha 11); Texto nº 36 (linha 1); Texto nº 39 (linha 3); Texto nº 43 (linha 9); Texto nº 44 (linha 18); Texto nº 49 (linha 4); Texto nº 50 (linha 3); e Texto nº 55 (linha 12).

Em “A” o aluno inicia o texto já utilizando uma elipse ao referir-se à Revista Veja apenas com o título do veículo de comunicação, esperando que o leitor já tenha embutido nele o conhecimento de que se trata de uma revista. Isso é possível porque, na pergunta feita pelo professor, há a referência do texto, como tendo sido extraído da revista.

Ainda nesse texto, na linha 4, ele inicia um novo período utilizando a elipse antes do verbo “prometer” (ϕ Promete, também, orações), fazendo menção ao nome do pastor Ronaldo Didini, já escrito na linha 2, assim como o faz na linha 6, antes da palavra “manipulado”, referindo-se ao “sujeito”, já mencionado também na linha 2. Essa menção ao sujeito faz-nos entender que o aluno provoca um desvio no enfoque, visto que nesse parágrafo o que estava sendo discutido não era o fato de o sujeito (Didini) prometer orações aos fiéis, mas, sim, o tipo de manipulação praticado pelo sujeito (tentação).

B:

01 “O Sujeito manipulador é o pastor Ronaldo Didini, que manipula os fiéis da Igreja
 02 Universal através da tentação, pois ϕ promete fazer orações por todos aqueles que se
 03 dispuserem à votar no seu candidato, deputado Wagner Salustiano. Todavia, ante (sic) de
 04 chegar a oferecer algo em troca dos votos, o pastor Didini primeiro promoveu uma
 05 manipulação por sedução, quando ϕ apresenta o seu candidato e ϕ faz um convencimento
 06 psicológico, ϕ despertando o querer dos seus fiéis: ‘... e ϕ o apresentava como um dos
 07 homens que a Igreja Universal escolheu para ϕ nos representar em Brasília.’
 08 Com isso, a performance que os seguidores teriam que desempenhar seria a de ϕ
 09 apresentar ao seu pastor ‘uma lista com dez nomes de pessoas que votariam no

10 apresentar ao seu pastor ‘uma lista com dez nomes de pessoas que votariam no candidato.’”

(F.A.M.N. – 4º ano)

Há utilização da elipse no texto “B”, na linha 2, em que o aluno evita a repetição do nome “Ronaldo Didini”, escrito na linha 1. Interessante notar que se houvesse um desdobramento da oração “despertando o querer dos seus fiéis...” (linha 6), surgiria uma outra oração correspondente, do tipo: “para que ϕ desperte o querer dos seus fiéis...”. Vejamos que, ainda na linha 7, temos uma elipse que substitui “o candidato” (... Igreja Universal escolheu *o candidato* para nos representar em Brasília.) e na linha 8, ocorre a elipse antes do verbo “apresentar” para evitar a repetição do termo “os seguidores”: “Com isso, a performance que os seguidores teriam que desempenhar seria a de *os seguidores* apresentarem ao seu pastor...”.

C¹⁷:

(...)

08 troca – ele iria orar muito pelos fiéis, mas em troca disso ϕ teriam que votar no deputado

(...)

19 O resultado obtido pelo pastor Ronaldo ϕ foi positivo, pois ao final do texto (...) claro ϕ

20 que recebeu milhares de papéis.” (...)

(D.L.G. – 4º ano)

¹⁷ Transcrevemos apenas as linhas que interessam no texto, pois está transcrito à página 53, quando demonstramos a utilização de *pronomes possessivos*, como: **DELE, SEU, SUA, SUAS**. O leitor poderá recorrer ao texto n° 16, em sua íntegra, nos anexos deste trabalho.

No texto “C”, o aluno evita a repetição apenas do sobrenome do pastor Ronaldo Didini (linha 19), sendo que já havia mencionado seu nome completo anteriormente (ver Texto nº 16 nos anexos desse trabalho). Segundo Abreu (1991), a retomada apenas de parte do nome já mencionado, o que ele denomina de “elipse parcial”, é também um recurso de coesão. O mais comum, ainda segundo esse autor, em se tratando de pessoa do sexo masculino, é retomar apenas o sobrenome, pois o primeiro nome, ou pré-nome, denota uma certa intimidade com o sujeito comentado. Já na linha 8, o aluno usa a elipse do sujeito antes do verbo “ter” para evitar a repetição do termo “fiéis”, citado na mesma linha, o que consideramos pertinente.

D:

01 “No texto ‘O gato e a barata’, a manipulação acontece quando a barata implora ao gato
 02 que a ϕ salve; para isso, ela usa de tentação: se ele a salvar ϕ poderá engoli-la inteirinha.
 03 A competência para ϕ salvá-la o gato já possui (ele é naturalmente capaz de virar o copo)
 04 e ϕ realiza uma performance satisfatória ao ϕ virar o copo com uma pata. No entanto,
 05 apesar da performance de sucesso, a sanção que ϕ recebe é negativa: ϕ fica frustrado
 06 sem ϕ comer a barata, que o engana e ϕ foge para um buraco.”
 07

(A.G. – 5º ano)

No texto “D”, o aluno foi feliz ao utilizar a elipse nas linhas 3, 4 e 5 para evitar a repetição do sujeito “gato”, mesmo podendo ter usado o pronome pessoal “ele”, em alguns casos, o que fez com que o texto se tornasse mais expressivo e elegante. Um outro recurso que podemos destacar no texto é o caso “nítido quanto o da existência ou

não de um sujeito 'subentendido' diante dos infinitivos regidos por um verbo.” (Haroche & Maingueneau, 1983: 2). É o caso das linhas 4 e 7, em que percebemos a elipse do sujeito "gato" diante dos verbos “virar” e “comer”, respectivamente: “... uma performance satisfatória ao ϕ virar o copo com uma pata.” e “... fica frustrado sem ϕ comer a barata...”

3.1.5. Quanto a recursos a expressões nominais

Como expressões nominais, são registradas ocorrências de **nominalizações, hiperônimos, hipônimos, sinônimos ou quase-sinônimos e repetições lexicais:**

- **Nominalizações:**

Para Koch (1996), a nominalização dá-se na passagem da forma verbalizada para a forma nominal de um termo, ou vice-versa. Também este recurso foi observado, mas raramente. Não é muito usado pelos alunos. Observemos algumas ocorrências:

A:

01 “- A respeito da questão do sujeito manipulador e manipulado:

02 Como sujeito manipulador deste texto temos a figura do pastor Ronaldo Didini, que
03 manipula os fiéis da Igreja Universal a conseguirem votos para os candidatos apoiados
04 pela Igreja.

05 Já como sujeito manipulado temos os fiéis que freqüentam o templo da Universal.

06 - Quanto à manipulação, esta ocorre por meio de tentação. Neste caso, o pastor induz
07 os fiéis a angariarem votos aos candidatos ‘protegidos’ prometendo que **oraria** (rezaria)
08 pelas pessoas que votassem se conseguissem eleitores.

09 Assim, Didini prometia uma recompensa, a **oração**, àqueles que **votassem** nos
10 candidatos apontados pela Igreja Universal.

11 - Considerando a performance que os fiéis deverão executar após a ‘tentação’ feita
12 pelo pastor, esta deverá ocorrer com a **votação** dos fiéis nos políticos indicados; esta
13 seria a ação que os membros participantes da Igreja deveriam realizar.”

(M.M.F. – 4º ano)

Como podemos observar, o texto “A” apresenta dois exemplos bastante significativos de ocorrência de mudança de classe verbal para nominal, que chamamos de nominalização, com os verbos “orar” (“... *prometendo que **oraria** (rezaria) pelas pessoas...*” – linhas 7 e 8) e “votar” (“... *àqueles que **votassem** no candidato...*” – linhas 9 e 10), e os nomes: “oração” (“... *Didini prometia uma recompensa, a **oração**, àqueles...*” – linha 9) e “votação” (“... *esta deverá ocorrer com a **votação** dos fiéis nos políticos...*” – linha 12), ou seja:

ORARIA → ORAÇÃO
VOTASSEM → VOTAÇÃO

● Expressões sinônimas ou quase-sinônimas:

A:

01 “1. O **sujeito manipulador** no texto do exercício nº 1 é o pastor **Ronaldo Didini**,
02 enquanto o **sujeito manipulado** são os **fiéis** da Igreja Universal do Reino de Deus.

03 As manipulações empregadas pelo pastor consistiam em duas de diferentes
04 características e com o mesmo objetivo: angariar votos ao candidato Wagner Salustiano.

05 A primeira era uma manipulação por provocação e pode ser identificada na seguinte fala
06 do pastor: “Quem, voluntariamente, gostaria de conseguir votos em nome da nossa
07 causa?” Trata-se de uma manipulação por provação a partir do momento em que a
08 considerarmos como um apelo a um espírito coletivo, cuja força ideológica está
09 canalizada em direção de uma causa. Assim, eleger um deputado que representa os
10 evangélicos é um desejo, ou melhor, uma aspiração ideológica em nome da causa.

11 A outra manipulação empregada é por tentação, pois parte do princípio de que o
12 pastor oraria pelas **peçoas que manifestaram o desejo de votar** no candidato e que
13 também oraria pelo nome dos indicados pelas peçoas por quem ele havia orado. Trata-
14 se de uma tentação porque a promessa de oração é a troca de uma bênção pelos
15 possíveis votos dos indicados. Uma vez que estes são, normalmente, peçoas bem
16 quistas por aqueles que receberam a oração no momento em que o pastor apresentou o
17 candidato.....

18 O sujeito manipulado (fiéis da igreja) desempenhou a performance porque tinha o
19 poder e o saber, pois, dentro do contexto de carência política, os **eleitores** se submetem
20 à prática de muitas vezes vender o voto e para tal o nº do título é importante. O saber

21 fica por conta de o devoto ter em seu círculo de amizade ou no seio familiar uma série
22 de carências que assolam como **doenças, desemprego** etc. uma oração poderia ser o
23 caminho para resolver um desses **problemas**.

(D.C.C. – 4º ano)

No texto “A”, podemos observar que o aluno utiliza expressões sinônimas, como, por exemplo, “pessoas que manifestam o desejo de votar” (linha 12), que correspondem a “eleitores” (linha 19) e também expressões que consideramos quase-sinônimas, como: “sujeito manipulador” (linha 1) com “Ronaldo Didini” (linha 1), pois indiretamente nos remete a supor que ele manipula os seus fiéis com promessas de orações se eles votarem no candidato da Igreja Universal, e “sujeito manipulado” (linha 2) com “fiéis” (linha 2). Nesses casos, existe uma relação semântica que, segundo Abreu (1991), articula o sujeito a uma atividade que pode ser apreciada positiva ou negativamente. Vejamos que a relação semântica existente entre **fiéis/eleitores/pessoas que freqüentam a Igreja Universal/sujeito manipulado** é vista como positiva, enquanto a relação semântica que existe entre **Ronaldo Didini/pastor/sujeito manipulador** é, indiscutivelmente, negativa.

● Hiperônimos:

Segundo Abreu (1991) os hiperônimos “são palavras que correspondem ao gênero do termo a ser retomado, em coesão.” (p. 14). Vejamos algumas ocorrências:

A:

01 “No fragmento o manipulador é Ronaldo Didini e os manipulados são os seus fiéis.
 02 O manipulador consegue manipular os seus fiéis através da sedução, quando
 03 apresenta o deputado Wagner Salustiano nos cultos dizendo que este homem foi um dos
 04 escolhidos pela Igreja Universal para lhes representarem em Brasília.
 05 E também temos a manipulação por tentação, pois cada fiel que ajudasse trazendo
 06 uma lista com dez nomes de pessoas que iriam votar no candidato escolhido, teriam
 07 como recompensa a oração que seria dirigida a elas.
 08 E assim consegue manipular os seus fiéis, pois recebeu milhares de papéis com
 09 assinaturas e estes através dessa ação realizam a performance.”

(M.A.R. – 4º ano)

No texto “A”, o aluno utiliza hiperônimos, ao referir-se a “Ronaldo Didini” (linha 1) como “manipulador” (linha 1), a “fiéis” (linha 1) como “manipulados” (linha 1) e a “Wagner Salustiano” (linha 3) como “candidato” (linha 6).

Como vimos, esses termos são classificados como hiperônimos porque se “Ronaldo Didini” é considerado “manipulador”, não quer dizer que todos os manipuladores são “Ronaldo Didini”; se “Wagner Salustiano” é considerado “candidato”, também não podemos afirmar que todos os candidatos referem-se ao nome da pessoa de “Wagner Salustiano”.

B:

01 “O fragmento da entrevista realizada pela revista Veja apresenta como **sujeito**
 02 **manipulador** o **pastor Ronaldo Didini**. O **sujeito manipulado** pelo pastor são os **fiéis**. A
 03 manipulação realizada pelo pastor em relação as (sic) **pessoas que participam dos cultos**
 04 da igreja Universal é por tentação, pois, quando o pastor Didini apresentava o deputado
 05 **Wagner Salustiano** aos fiéis, afirmando que este era um dos homens que a Igreja
 06 Universal apoiava, ele perguntava às pessoas que aquele que trouxesse votos para o
 07 **deputado** iria receber orações. A tentação ocorre também quando o **pastor** também pedia
 08 uma lista com dez outros nomes de pessoas que votariam no candidato colocando ao
 09 lado do nome o número do título. Ao fazerem isso iriam receber orações.

10 A performance se dá quando os fiéis levam ao pastor os papéis com os dez nomes e
 11 ocorre também quando os fiéis vão até ao altar para mostrarem que estavam dispostas a
 12 apoiar o candidato.”

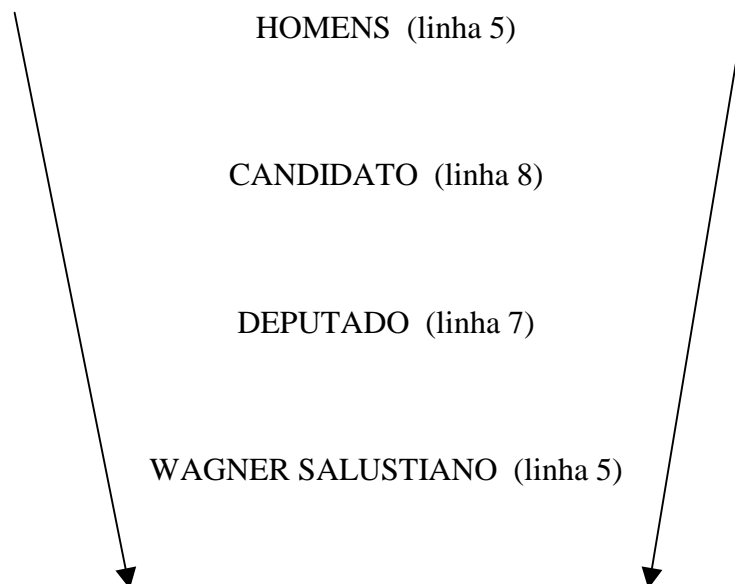
(S.M.M. – 4º ano)

Assim, no texto “B”, observa-se que esse recurso pode ser identificado na linha 2, onde aparecem termos que se associam a um nome, atribuindo-lhe uma característica própria, como: *sujeito manipulador* → *pastor* → *Ronaldo Didini*. E também: *sujeito manipulado* → *fiéis*.

Ainda nesse texto, o aluno utilizou o mecanismo de substituição dos nomes “Ronaldo Didini” (linha 2), “Wagner Salustiano” (linha 5) e “fiéis” (linha 2) pelos termos correspondentes “pastor” (linha 7), “deputado” (linha 7), “candidato”

(linha 8) e “pessoas que participam dos cultos” (linha 3), respectivamente, com a intenção de evitar a repetição desses nomes, o que tornou o texto mais coeso.

Importante notar que podemos, ainda, classificar a associação de nomes (Wagner Salustiano/deputado/candidato) ao que Koch (1996) denomina de “nomes genéricos”, podendo estabelecer uma relação entre esses termos, gerando a seguinte ordem hierárquica, que vai do nome de significado mais abrangente ao de mais restrito:



C:

- 01 “No texto ‘O gato e a barata’ de Millôr Fernandes, podemos analisar a estrutura da
 02 narrativa. Esta pode ser agrupada em quatro fases distintas: manipulação, competência,
 03 performance, sanção.
 04 O sujeito **gato** é manipulado pela **barata**. O **felino** pensa que vai comê-la se salvá-la,

05 mas o inseto lhe ‘passa-a-perna’. Ocorre uma manipulação por tentação pois o gato
 06 ‘quer’ ajudar a barata com a intenção de comê-la, mas a barata lhe diz que se ele a salvar,
 07 o inseto a deixa comer. A barata faz um suborno e o gato terá uma recompensa, comê-la.
 08 A performance, o gato pratica a ação de virar o copo. Ele sabe e pode tirá-la de lá e
 09 assim o fez. Apesar disso, a barata traí (sic) a sua promessa:
 10 ‘(...) Ah, ah, ah – riu então a barata, sem poder se conter – E você é tão imbecil a
 11 ponto de acreditar na promessa de uma barata velha e bêbada? (...)’
 12 Apesar do (sic) gato pensar estar manipulando o inseto, é a barata quem o manipula. O
 13 gato fez a sua parte, mas sua sanção foi negativo (sic), não houve a recompensa, comê-
 14 la.”

(D.G.P. – 5º ano)

E encontramos, ainda, hiperônimos no texto “C” (gato/felino – linha 4; e barata/inseto – linhas 4 e 5, 6 e 7, 12). Esse aluno teve o cuidado de não compor textos que poderiam trazer repetições lexicais, prejudicando o estilo.

● Repetições lexicais:

São formas referenciais com lexema idêntico ao núcleo do SN antecedente, com ou sem mudança de determinante¹⁸. Há repetições, muitas vezes,

¹⁸ Esses mecanismos podem ser visualizados nos textos que estão nos anexos deste trabalho, a saber: Texto nº 13 (linhas 15 e 17); Texto nº 23 (linhas 8 e 10); Texto nº 37 (linhas 2 e 3); Texto nº 40 (linhas 5 e 6); Texto nº 42 (linhas 5 e 6); Texto nº 45 (linha 5); Texto nº 46 (linhas 5 e 6) e Texto nº 47 (linhas 6 e 7).

excessivas de termos, o que contribui para que o texto escrito se torne cansativo e mal elaborado:

A:

01 “O fragmento da entrevista realizada pela revista Veja apresenta como sujeito
02 manipulador o **pastor** Ronaldo **Didini**. O sujeito manipulado pelo **pastor** são os **fiéis**. A
03 manipulação realizada pelo **pastor** em relação as (sic) **pessoas** que participam dos cultos
04 da igreja Universal é por **tentação**, pois, quando o **pastor Didini** apresentava o **deputado**
05 Wagner Salustiano aos **fiéis**, afirmando que este era um dos homens que a Igreja
06 Universal apoiava, ele perguntava às **pessoas** que aquele que trouxesse votos para o
07 **deputado** iria receber orações. A **tentação** ocorre **também** quando o **pastor também** pedia
08 uma lista com dez outros **nomes** de **pessoas** que votariam no **candidato** colocando ao
09 lado do **nome** o número do título. Ao fazerem isso iriam receber orações.

10 A performance se dá quando os **fiéis** levam ao **pastor** os papéis com os dez **nomes** e
11 ocorre **também** quando os **fiéis** vão até ao altar para mostrarem que estavam dispostas a
12 apoiar o **candidato**.”

(S.M.M. – 4º ano)

B:

01 “1. O sujeito manipulador no texto do exercício nº 1 é o **pastor** Ronaldo Didini,
02 enquanto o sujeito manipulado são os fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus.

03 As **manipulações** empregadas pelo **pastor** consistiam em duas de diferentes
04 características e com o mesmo objetivo: angariar votos ao **candidato** Wagner Salustiano.
05 A **primeira** era uma manipulação por **provocação** e pode ser identificada na seguinte fala
06 do **pastor**: “Quem, voluntariamente, gostaria de conseguir votos em nome da nossa

07 causa?” Trata-se de uma manipulação por provação a partir do momento em que a
08 considerarmos como um apelo a um espírito coletivo, cuja força ideológica está
09 canalizada em direção de uma **causa**. Assim, eleger um deputado que representa os
10 evangélicos é um desejo, ou melhor, uma aspiração ideológica em nome da **causa**.

11 A outra **manipulação** empregada é por **tentação**, pois parte do princípio de que o
12 **pastor oraria** pelas **pessoas** que manifestaram o desejo de votar no **candidato** e que
13 também **oraria** pelo nome dos indicados pelas **pessoas** por quem ele havia **orado**. Trata-
14 se de uma **tentação** porque a promessa de **oração** é a troca de uma bênção pelos
15 possíveis votos dos indicados. Uma vez que estes são, normalmente, **pessoas** bem
16 quistas por aqueles que receberam a **oração** no momento em que o **pastor** apresentou o
17 **candidato**.....

18 O sujeito manipulado (fiéis da igreja) desempenhou a performance porque tinha o
19 poder e o saber, pois, dentro do contexto de carência política, os eleitores se submetem
20 à prática de muitas vezes vender o voto e para tal o nº do título é importante. O saber
21 fica por conta de o devoto ter em seu círculo de amizade ou no seio familiar uma série
22 de carências que assolam como doenças, desemprego etc. uma **oração** poderia ser o
23 caminho para resolver um desses problemas.

(D.C.C. – 4º ano)

Como podemos notar, muitas repetições lexicais como as que encontramos nos textos “A” e “B” poderiam ser evitadas se os alunos utilizassem termos correspondentes, ou sinônimos, expressões determinadoras que gerariam uma restrição de significado, com a válida intenção de evitar esse tipo de ocorrência que certamente leva a uma produção textual distanciada da norma culta.

C:

01 “- Manipulação: Ocorre manipulação quando a **baratinha** diz para o **gato**: ‘Me salva
02 que assim que eu sair daqui eu deixo você me engolir inteirinha...’

03 A **baratinha** usa da tentação, pois oferece ao **gato** uma recompensa por lhe salvar.

04 MANIPULADOR: baratinha

05 MANIPULADO: gato.

06 - PERFORMANCE: O **gato** perde devido ao fato de salvar a **barata** e ser enganado,
07 pois ela lhe prometera deixar-se comer por ele e acabou fugindo quando foi salva. A
08 **barata** ganha, porque além de ser salva não precisou dar recompensa ao **gato**.

09 - COMPETÊNCIA: ocorre a competência quando o **gato** sabe o que ele deve fazer
10 para salvar a **barata**; ele tem o poder de fazer isso: ele vira o copo porque tem força e
11 salva a **barata**.

12 - SANÇÃO: O **gato** não recebe **sanção** de recompensa, ele fica esperando essa **sanção**,
13 mas a **barata** não lhe dá. Podemos chegar à conclusão que o **gato** recebeu **sanção** de
14 castigo, pois salvou a **baratinha** por interesse e não porque estava com dó e, acabou
15 ficando sem nada.”

(M.E.C.R. 5º ano)

Como vimos, a utilização de nominalizações, hiperônimos, sinônimos ou quase-sinônimos contribui para melhor elaboração do texto, pois os termos são substituídos por outros correspondentes, evitando, assim, repetições lexicais. Isto, no entanto, não acontece no texto “C”, acima demonstrado, pois notamos que esse aluno não hesita em empregar os mesmos léxicos, até mesmo na mesma linha, o que torna o texto repetitivo, inadequado e deselegante.

3.1.6. Inadequações verbais:

Podemos observar uma significativa ocorrência de inadequações dos tempos verbais nos textos até aqui analisados. Na maioria das vezes, os alunos iniciam o texto conjugando um verbo em determinado tempo e passam a conjugá-lo em outros tempos verbais, de maneira desarticulada. Vejamos alguns exemplos:

A:

01 “a) Sujeito manipulador e sujeito manipulado:

02 O sujeito manipulador **é** considerado o pastor Ronaldo Didini, que manipulava aos
 03 seus fiéis para votarem no deputado Wagner Salustiano, que **era** o sujeito manipulado,
 04 através da oração, que prometia orar por eles. No entanto, o sujeito manipulador
 05 conseguia convencer aos seus fiéis, da seguinte forma: Apresentava como um dos
 06 homens que a Igreja Universal **escolheu** para representarem-os em Brasília com isso
 07 chamava-os até o altar a cada culto e orava por elas. Assim em seguida com seu poder,
 08 pedia uma lista com mais 10 nomes que votariam no candidato que deveriam escrever o
 09 número do título do eleitor dessas pessoas. Portanto ele **executa** aquilo que queria fazer.
 10 Esta é a performance do pastor. Ele **ganha** os fiéis.”

(C.S.L. – 4º ano)

Em “A”, o aluno inicia o texto identificando o sujeito manipulador (pastor Ronaldo Didini) com o verbo “ser” no presente do indicativo (“*O sujeito manipulador é o pastor Ronaldo Didini...*” - linha 1) e, em seguida, identifica o sujeito

manipulado (deputado Wagner Salustiano, embora saibamos que o sujeito manipulado são os fiéis da Igreja) com verbo no pretérito imperfeito (“... *votarem no deputado Wagner Salustiano, que era o sujeito manipulado...* ” -linha 2), quando deveria ter mantido o verbo flexionado em apenas um tempo verbal, ou seja, no presente do indicativo. Trata-se da ocorrência do que Koch (1996), com fundamento em Weinrich, define como “mundo comentado”, cujos verbos devem ser conjugados nos tempos: presente do indicativo, pretérito perfeito e futuro do presente.

Na linha 5, ele se refere ao sujeito manipulador passando a discorrer sobre suas atitudes e comportamentos com verbos conjugados no pretérito imperfeito (consequia/apresentava), o que, ainda segundo os autores mencionados acima, é correto por tratar-se do “mundo narrado”, que também poderia ser conjugado com os verbos nos tempos: pretérito perfeito simples, pretérito mais-que-perfeito e futuro do pretérito do indicativo.

Na linha seguinte, ele conjuga o verbo “escolher”, ainda dando continuidade à narração do fato de que o pastor Didini manipulava seus fiéis através de promessas de orações em troca de votos ao seu candidato, só que agora no tempo pretérito perfeito (escolheu). A anterioridade da ação seria comumente registrada com o verbo no *mais-que-perfeito*: *escolhera* ou *havia escolhido*. O que percebemos é que o aluno não mantém conveniente relação entre os tempos, pois nas últimas linhas, após voltar à conjugação dos verbos no pretérito imperfeito, encerra o texto com os verbos conjugados no presente do indicativo (executa/ganha – linhas 9 e 10). Importante notar que essas inadequações verbais interferem no processo de compreensão, pois atrapalham no encadeamento do texto.

B

01 “Considerando o percurso do sujeito gato, observamos a manipulação por tentação que
 02 a barata lhe faz ela oferece uma recompensa – ela mesma – para que o gato **quisesse**
 03 realizar a performance. O gato tinha a competência, está implícita no texto, pois ele sabia
 04 e podia salvar a barata. A performance executada **foi** a ação de virar o copo para que a
 05 barata pudesse salvar-se. A sanção é o castigo, pois a barata não cumpre o que prometeu
 06 e ainda ironiza a ingenuidade do gato.”

(I.V.G. – 5º ano)

No texto “B” também podemos apontar inadequações verbais que podem comprometer o encadeamento do texto, como a da linha 2. Os verbos “fazer” e “oferecer” aparecem conjugados no presente do indicativo - é o mundo comentado. Entretanto, a ação expressa pelo verbo “querer” às anteriores vem expressa por verbo conjugado no futuro do subjuntivo, quando deveria ter sido conjugado no presente do subjuntivo (“... a barata lhe **faz** ela **oferece** uma recompensa – ela mesma – para que o gato **quisesse** realizar...”).

Ao comentar as quatro fases da estrutura da narrativa, começou com o verbo no presente. Usa-o, também, para expressar a última fase - a sanção - e na terceira fase usa o pretérito perfeito. Deveria ter usado o presente.

De modo contrário, o aluno conjuga o verbo “ser” no pretérito perfeito em vez de conjugá-lo no presente do indicativo, ao informar, agora, sobre o “mundo

comentado” do texto (“*A performance executada **foi** a ação de virar o copo...*” – linha 4).

3.1.7. Artigos definidos

Segundo Abreu (1991), os artigos definidos **O, A** são responsáveis pelo tipo de coesão em que um termo pode ser retomado numa seqüência posterior através da utilização desses artigos, evitando-se, assim, a repetição do léxico, que, como visto no item 3.1.5, prejudicaria a coesão do texto.

Vigner (1982) expõe que a passagem de artigos indefinidos (um, uma) para definidos (o, a), que ele denomina de *definitivização*, remete à tomada do grupo nominal em sua forma de origem. Ele ilustra essa teoria com o seguinte exemplo:

“Ele pede para a filial local de uma firma americana de... Os responsáveis do SPC pedem... para nacionalizar a filial local da firma americana.” (Vigner, 1982: 57-58)

Esse tipo de recurso é bastante utilizado pelos alunos, nos textos que analisamos. Percebemos que é comum começarem o texto com artigos definidos, fazendo remissão à pergunta feita pelo professor, no enunciado da questão, como podemos comprovar nos exemplos que seguem:

A:

01 “Através do texto, podemos constatar que o sujeito manipulador é a igreja Universal
 02 representado pelo pastor Ronaldo Didini. Já os sujeitos manipulados são os fiéis da igreja
 03 Universal que, levados pela manipulação do tipo tentação depositarão seu voto no
 04 membro escolhido da igreja. Na verdade não somente pelo fato de representá-los bem
 05 em Brasília. mas, pelas orações que iriam receber. Para tanto, Ronaldo Didini utilizá-se
 06 (sic) de um discurso positivo “unidos e devotados...”

07 Neste caso, a performance a ser cumprida é que os fiéis levem até o altar o
 08 papelzinho com o nome dos dez eleitores que votarão no candidato escolhido pela igreja
 09 não para defender os interesses do povo em Brasília. e sim interesses próprios “cúpula”.

(A.C.R. – 4º ano)

No texto “A”, podemos observar que o aluno utiliza os artigos definidos desde o início e assim o faz porque refere-se a elementos já mencionados na questão inicial da avaliação que o professor entregou na sala de aula, pois inicia o texto respondendo à pergunta: *quem é o sujeito manipulador e o sujeito manipulado?*, de forma a supor que o leitor já tenha conhecimento da questão da prova: “Através do texto, podemos constatar que o sujeito manipulado é a igreja Universal...” (linha 1). Logo, o artigo definido promove o encadeamento coesivo do texto ao remeter, como visto, a elementos já mencionados anteriormente.

3.1.8. Quanto às formas remissivas livres não-referenciais.

As formas remissivas livres não-referenciais promovem o encadeamento do texto, em sua forma mais completa possível. Além disso, "não remetem a um verbo, mas a todo o predicado, isto é, o verbo com seus complementos e adverbiais." (Koch, 1996: 44). É muito comum encontrarmos essa ocorrência com o verbo **fazer**¹⁹, que tem um papel significativo no processo de coesão, pois aparece sempre acompanhado de uma forma pronominal do tipo: **isso, aquilo, o**, etc.

A:

01 “No texto ‘O gato e a Barata’ de Millôr Fernandes apresenta em sua estrutura narrativa
02 as quatro fases, tais como: a manipulação, a competência, a performance e a sanção.
03 Considerando o percurso do sujeito gato, percebe-se que este é o manipulado e o
04 manipulador é a barata.

05 A manipulação é feita através da barata por uma tentação ao gato:

06 ‘_ Gatinho, meu gatinho – pediu ela – me salva. Me salva que assim que eu sair daqui
07 eu deixo você me engolir inteirinha, como você gosta. Me salva.’

08 O gato, naquele momento, tinha a competência de saber e poder salvar a barata
09 daquela situação e, é **isso** que **faz**, salva a barata.

10 ‘O gato então virou o copo com uma pata, o líquido escorreu e com ele a baratinha
11 que, assim que se viu no chão, saiu correndo para o buraco mais perto, onde caiu na
12 gargalhada.’

13 Nesse momento, o gato pratica a performance que é a ação de salvar a barata e tem

¹⁹ Esses mecanismos podem ser encontrados também nos textos que estão nos anexos deste trabalho, a saber: Texto nº 33 (linha 10); Texto nº 39 (linha 10); Texto nº 48 (linha 13) e Texto nº 54 (linha 7).

14 como sanção o castigo de não come-lá (sic) inteirinha por ser ingênuo e imbecil.

15 ‘... _ Você não vai sair daí e cumprir sua promessa?...’”

(A.L. – 5º ano)

No texto acima, o pronome que aparece posposto ao verbo faz remissão à atitude do gato em *salvar a barata* (linha 9) das suas próprias garras. Nesse caso, o aluno faz remissão ao fato de *salvar a barata* também na linha anterior: “... *tinha a competência de saber e poder salvar a barata daquela situação e, é isso que faz, salvar a barata.*” (linhas 8 e 9), o que demonstra que o aluno utilizou esse recurso para realçar uma idéia.

B:

01 “No texto ‘O Gato e a Barata’ de Milôr (sic) Fernandes ocorre uma manipulação do
02 gato pela barata. O gato quer comer a barata e por isso deixa-se manipular através da
03 tentação. Para comer a barata o gato precisaria derrubar o copo de vinho – onde ela está
04 – o que não é difícil para o gato que tem a sabedoria para **fazer tal ação**, e o poder, ou
05 seja, a competência. A performance se dá quando o gato executa sua ação, dando uma
06 patada no copo e assim, livrando a barata. Finalmente, Quando a barata sai correndo e
07 não cumpre a sua promessa de se deixar comer pelo gato temos uma sanção; neste caso
08 negativa pois o gato não consegue o que ele quer.”

(K.B. – 5º ano)

No texto "B", o verbo **fazer** precede ao objeto direto **tal ação** (linha 4) que remete à ação do gato em “derrubar o copo de vinho” (linha 3). Aqui, ocorre a idéia de que essa expressão do tipo completiva nominal pode estar substituindo o pronome demonstrativo **isso** ou **aquilo**, que, por sua vez, tem a função, como até aqui estudada, de remeter a uma expressão já citada anteriormente.

Além das ocorrências acima demonstradas, foram encontradas, também, expressões como: "**aquilo que queria fazer**", "**fazer aquilo**", "**o fez**", "**fazê-lo**", sempre com o mesmo tipo de encadeamento, que se reporta a toda a frase anterior.

A seguir, demonstraremos o QUADRO DE OCORRÊNCIAS DE MECANISMOS DE COESÃO, que tem como função auxiliar o leitor deste trabalho quanto à visualização geral dessas ocorrências:

REFLEXÕES ACERCA DOS MECANISMOS DE COESÃO

Ao analisarmos as ocorrências de mecanismos de coesão nos textos dos alunos formandos do Curso de Letras da Universidade Estadual de Maringá, podemos observar os recursos que são *mais* e os que são *menos* empregados. Observamos, também, aqueles em que os alunos apresentam *mais problemas*, mais dificuldades de manejo na hora de redigir os textos. Tal levantamento nos possibilita mostrar *como* os alunos usam esses recursos, ou seja, se são empregados corretamente ou não.

- Mecanismos *mais* frequentes:

Quanto aos recursos de coesão empregados com mais frequência, apontamos os seguintes: marcadores de seqüenciação parafrástica do tipo OU SEJA, com vinte ocorrências; utilização de ELIPSES, com trezentos e vinte ocorrências; recursos a expressões nominais, como HIPERÔNIMOS, com quarenta e cinco ocorrências; INADEQUAÇÕES VERBAIS, com trezentos e cinquenta e sete ocorrências; e utilização de ARTIGOS DEFINIDOS, com mil, quinhentos e quarenta e seis ocorrências.

O emprego do marcador de seqüenciação parafrástica OU SEJA totaliza vinte ocorrências, um número até considerável, mas não excessivo se tomarmos como referência o número de cinquenta e nove avaliações.

Quanto à utilização de ELIPSES, percebemos que foram utilizadas de maneira correta e verificamos que há uma grande ocorrência desse mecanismo (trezentos e vinte), o que nos leva a supor que a maioria dos alunos as emprega de forma consciente. Logo, se assim o fazem, contribuem para evitar repetições lexicais que tornariam o texto menos coeso.

Há, também, um número considerável (quarenta e cinco) de ocorrência de HIPERÔNIMOS. Esse recurso pode ser observado nos textos analisados quando ocorrem associações de termos a nomes correspondentes, o que lhes atribui características próprias, que se relacionam. São os casos dos muitos exemplos em que os alunos associam o *sujeito manipulador* à pessoa de *Ronaldo Didini* e a sua função de *pastor* da Igreja Universal.

Vale notar que esse mecanismo é utilizado com maior frequência nos textos referentes à questão do enunciado A (página 45). Pelo visto, sua ocorrência é condicionada a um número maior de personagens envolvidos na história, com um maior número de características próprias, o que já não ocorre significativamente (apenas três ocorrências) com os dois únicos personagens da questão do enunciado B (página 47).

Quanto aos artigos definidos O, A, OS, AS, os alunos inevitavelmente os utilizam com bastante frequência. Percebemos, ainda, que muitos iniciam o texto empregando-os pelo simples fato de que fazem remissão à pergunta feita pelo professor, no enunciado da questão, supondo que o leitor já tenha conhecimento da questão da prova.

- Mecanismos em que apresentam *menos* dificuldades:

Podemos apontar os seguintes mecanismos em que os alunos apresentam menos dificuldades: o uso de pronomes demonstrativos, como: ISTO, ESSA, NESSA; os pronomes indefinidos: MESMO e TUDO; pronomes possessivos, como: DELE, SEU, SUA, SEUS, SUAS; os pronomes relativos: QUE e O QUAL; pronomes ordinais numerais, como: PRIMEIRO, PRIMEIRA, SEGUNDO, TERCEIRO...; o pronome locativo: AQUI.

Há, também, o uso sem dificuldades de expressões que levam a uma seqüenciação de enunciados, do tipo: INICIALMENTE, EM SEGUIDA, AO FINAL DO TEXTO, ASSIM, DESSA(DESTA) FORMA, NESSE(NESTE) CASO, NO ENTANTO, PORTANTO, MESMO QUANDO, PRIMEIRAMENTE..., que muito colaboram para a organização da seqüencia informacional dos textos; a utilização de ELIPSES, contribuindo para evitar a repetição de léxicos; recursos a expressões nominais, do tipo: NOMINALIZAÇÕES, EXPRESSÕES SINÔNIMAS ou QUASE-SINÔNIMAS, HIPERÔNIMOS; os artigos definidos: O, A, que promovem o encadeamento coesivo do texto ao fazerem remissão a elementos já mencionados anteriormente; e as formas remissivas livres não-referenciais, como: ISSO, AQUILO, O, muitas vezes acompanhadas com o verbo FAZER.

- Mecanismos em que apresentam *mais* dificuldades:

Dos mecanismos de coesão mais utilizados, podemos apontar as INADEQUAÇÕES VERBAIS como mais problemáticas nas redações dos alunos, com

trezentos e cinquenta e sete ocorrências, um número considerável e também preocupante. Vale notar que a maioria dos alunos (97%), com exceção dos autores dos textos nºs 13 e 15 (ver anexos), não dominam a conjugação adequada dos tempos verbais.

É bastante freqüente iniciarem seus textos sem adotarem qualquer tipo de critério que poderia possibilitar a escolha correta dos tempos que deveriam fazer parte do "mundo comentado", com verbos a serem conjugados no presente do indicativo, pretérito perfeito e futuro do presente, e do "mundo narrado", com verbos nos tempos: pretérito perfeito simples, pretérito mais-que-perfeito e futuro do pretérito do indicativo.

Há, ainda, um número considerável de pronomes pessoais do tipo: ELE, ELA, ELES, ELAS, O, A, OS, AS, empregados com mais dificuldades pelos alunos devido a sua utilização excessiva.

Também observamos uma certa dificuldade dos alunos ao empregarem o pronome adverbial locativo ONDE, pois há casos em que deveriam ter utilizado em seu lugar os pronomes relativos QUE ou O QUAL.

Vale observar que devemos estabelecer um caráter de funcionalidade para os mecanismos de coesão.

As ocorrências dos muitos mecanismos de coesão encontrados nos cinquenta e nove textos analisados que apresentam menor frequência de utilização podem ser consultadas no Quadro que se encontra na página 101 deste capítulo. Os exemplos, com os textos em sua íntegra, podem, ainda, ser visualizados nos textos que estão disponíveis nos Anexos deste trabalho.

3.2. QUANTO AOS MECANISMOS DE COERÊNCIA

Dando continuidade a nossa análise, passaremos a fazer um levantamento dos mecanismos de coerência dos textos dos alunos, usando como critério as quatro meta-regras mencionadas por Charolles: repetição, progressão, não-contradição e relação. Restringimo-nos a essas quatro meta-regras porque abrangem conceitos dos *fatores de coerência*, como, por exemplo, as noções de informatividade que se encontram implícitas na meta-regra da progressão.

3.2.1. Repetição

A **repetição** garante a manutenção do tema, ou seja, é necessário que o desenvolvimento do texto contenha elementos que funcionem como mecanismos com a função de recorrência ao tema proposto.

Em geral, os alunos tiveram um ótimo desempenho quanto à utilização dessa meta-regra.

A seguir, serão destacados alguns textos para ilustração:

A:

01 “No fragmento da entrevista com o pastor Ronaldo Didini temos o sujeito
02 manipulador que é o próprio pastor Didini e, obviamente, se temos um manipulador

03 temos, também um sujeito manipulado que, no caso são todos os fiéis de sua igreja,
04 provavelmente, eleitores seus.

05 O pastor tenta manipular seus fiéis leitores por meio da sedução, ou seja, o pastor faz
06 um juízo positivo de seus fiéis pelos elogios, pois logo no início da entrevista ele
07 começa dizendo que os fiéis da Universal são muito unidos e devotados.

08 Logo em seguida o pastor expõe um caso que aconteceu com o Deputado Wagner
09 Salustiano, em que Didini manipula os fiéis por tentação, pois os fiéis teriam de
10 conseguir votos para Wagner e como recompensa receberiam a oração do pastor.

11 Em ambos os casos, na manipulação por sedução e por tentação, o sujeito
12 manipulado deverá mostrar sua performance através da ação de conseguir votos e votar
13 no candidato que o pastor Didini indicar.

(A.J.M - 4º ano.)

B:

01 “- Sujeito manipulador e sujeito manipulado:

02 A manipulação ocorre quando um sujeito induz outro a fazer alguma coisa. Sendo
03 assim, percebe-se que, no texto publicado pela revista Veja, o manipulador é o pastor
04 Ronaldo Didini, pois manipulava seus fiéis com o objetivo de garantir uma eleição –
05 dessa forma, os fiéis são os manipulados.

06 - Tipo de manipulação e explicação de como a mesma ocorre:

07 A manipulação praticada é por tentação, pois o pastor tenta estabelecer uma espécie
08 de troca – ele iria orar muito pelos fiéis, mas em troca disso teriam que votar no
09 deputado Wagner Salustiano.

10 - A performance que o sujeito manipulado terá que executar:

11 Inicialmente o pastor deixou claro que, apesar dos fiéis serem bem unidos e
12 devotados, não podia afirmar que iria garantir uma eleição. Mas como ele não queria

13 perder de nenhum jeito conseguiu, através de seus cultos, ganhar a confiança de seu
14 povo, mesmo porque propunha aos seus fiéis votos e orava por eles para conseguir
15 apoio na eleição.

16 O pastor executa a performance quando em seus cultos pedia para que os fiéis
17 escrevessem o número do título de eleitor e o seu nome em um papel e o entregasse, e,
18 em seguida, prometia que iria orar por elas.

19 O resultado obtido pelo pastor Ronaldo foi positivo, pois ao final do texto (...) claro
20 que recebeu milhares de papéis.”

(D.L.G. – 4º ano)

C:

01 “No texto ‘O gato e a barata’, acontece manipulação através da tentação, ou seja, a
02 barata manipula o gato, oferecendo-se a ele como recompensa em troca da sua salvação,
03 quando ela cai no copo de vinho. Portanto, o gato passa a querer praticar a ação, ou seja,
04 a performance.

05 Quanto à performance, esta se realiza quando o gato vira o copo para a barata sair, ou
06 seja, quando ele realiza a ação de salvar a barata. E podemos dizer então, que para
07 realizar esta ação, o gato utilizou-se da competência, pois ele podia e sabia como virar o
08 copo para que a barata saísse (sic).

09 Quanto à sanção, podemos dizer que o gato recebe um castigo, e não uma recompensa,
10 pois ele tira a barata do copo com a intenção de comê-la e ela, por sua vez, ao alcançar o
11 chão, corre para o buraco mais próximo, não cumprindo a promessa que fizera ao gato, e
12 além disso, ainda ri dele.”

(D.B.K. – 5º ano)

É evidente nos textos : "A", "B" e "C" a **repetição** do tema (a manipulação). Percebe-se, ainda, que pode ocorrer esse mecanismo, que caracteriza um texto como coerente, porém não traz a garantia de que seja o texto bem escrito, como mostram os exemplos "D" e "E", abaixo, os quais, embora sejam enquadrados como coerentes, apresentam problemas:

D:

01 “O texto O gato e a barata apresenta quatro fases distintas: manipulação, competência,
02 performance, sanção. Analisando o percurso do sujeito ‘gato’ percebe-se que este foi
03 manipulado pela barata, para que ele a tirasse do copo e em seguida a barata se doaria a
04 ele como comida.

05 Tem-se aqui uma manipulação por tentação pois o gato foi tentado pela promessa da
06 barata. Aceitando a manipulação o gato quer e pode tirar a barata do copo, denomina-se
07 esse ponto, então, como competência, pois a (sic) se propor a tirar a barata do copo ela
08 adquire o querer e o poder.

09 Com o poder de querer, saber o gato executa a ação, ele tira a barata do copo, esta fase
10 é denominada performance, o gato praticou a ação.

11 Ao realizar a performance o gato recebe a sanção por castigo: a barata fugiu.

12 A sanção poderia ser por recompensa, ou seja, o gato comeria a barata inteira, mas ao
13 acreditar na barata ele foi ingênuo e seu castigo por isso é a fuga da barata.”

(L.S.S. – 5º ano)

E:

01 “Na estrutura narrativa do texto ‘O gato e a barata’ de Millôr Fernandes estão
02 presentes as 4 fases distintas.

03 Considerando o percurso do sujeito ‘gato’ temos a manipulação, que consiste em uma
04 personagem induzir a outra personagem a fazer alguma coisa, que, neste caso, temos o
05 manipulador sendo a barata que manipula o gato. A manipulação ocorrida é por tentação
06 pois a barata oferece um objeto de valor, uma recompensa positiva, na troca que
07 ocorrerá. ‘Me salva que assim que eu sair daqui eu deixo você me engolir inteirinha,
08 como você gosta. Me salva.’

09 A competência é uma fase importante da narrativa, pois não basta agir, o querer e o
10 dever mas também o saber e o poder. Neste caso, o gato tinha a competência do saber e o
11 poder salvar a baratinha da morte e assim naquele momento teve essa competência.

12 A performance é a ação que o sujeito executa. O gato executou a performance ao
13 praticá-la. ‘O gato então virou o copo com uma pata, o líquido escorreu, com ele a
14 baratinha...’ Neste (sic) fase há uma relação de perda e ganho entre as personagens.

15 A sanção ocorre com o castigo do gato em qual não recebe o seu ‘prêmio’. A
16 baratinha engana o gato, fazendo-o acreditar e o pobre coitado tem a sua sanção.”

(L.R.B. – 5º ano)

Em "D", o aluno não consegue expor com clareza suas idéias. Há orações do tipo: "...denomina-se, então, como competência, pois a se propor a tirar a barata do copo ela adquire o querer e o poder (grifos do aluno)" (linhas 6 a 8).

No texto "E", o aluno inicia explicando que a estrutura da narrativa consiste em quatro fases distintas, mas não as expõe ao leitor por, talvez, deduzir que

este as tenha embutido em sua mente por já ter sido mencionadas pelo professor no enunciado da questão: "Na estrutura do texto 'O gato e a barata' de Millôr Fernandes estão presentes as 4 fases distintas" (linhas 1 e 2). No final do parágrafo seguinte, é confusa a oração: "A manipulação ocorrida é por tentação pois a barata oferece um objeto de valor, uma recompensa positiva, na troca que ocorrerá (?)" (linhas 5 a 7).

No outro parágrafo: "A competência é uma fase importante da narrativa, pois não basta agir, o querer e o dever mas também o saber e o poder." (linhas 9 e 10). E, por último, encerra o texto com a seguinte oração, também confusa: "A sanção ocorre com o castigo do gato em qual (sic) não recebe o seu 'prêmio'. A baratinha engana o gato, fazendo-o acreditar (*acreditar em que?*) e o pobre coitado tem a sua sanção." (linhas 15 e 16). Devemos notar nesta frase que o emprego inadequado do pronome relativo "qual" precedido pela preposição "em" ("em qual" - linha 15) promove uma falta de coesão que interfere na coerência do texto.

Não observamos, no entanto, a ausência dessa meta-regra em nenhum dos textos analisados. Isto, certamente, se deve ao fato de que o professor já tenha direcionado os alunos a apresentar respostas diretas e objetivas, pois o enunciado das questões aparece esquematizado, contribuindo, assim, para que não fugisse ao tema, o que provavelmente não ocorreria com muita frequência se fossem propostos a eles que discorressem sobre temas livres, por exemplo.

3.2.2. Progressão

Para que o texto seja coerente, não basta apenas haver uma repetição do assunto, indefinidamente. É necessário que se adicionem mais elementos que venham acrescentar informações diversificadas a seu respeito, ou "dizer coisas diferentes sobre o mesmo tema." (cf. Santos, 1998: 30).

Temos, então, a segunda meta-regra da coerência: a **progressão**.

Em geral, os alunos tiveram um ótimo desempenho quanto à utilização dessa meta-regra.

A seguir, mostraremos alguns exemplos de textos analisados, em que não ocorre a progressão:

A:

- 01 “- A respeito da questão do sujeito manipulador e manipulado:
 02 Como sujeito manipulador deste texto temos a figura do pastor Ronaldo Didini, que
 03 manipula os fiéis da Igreja Universal a conseguirem votos para os candidatos apoiados
 04 pela Igreja.
 05 Já como sujeito manipulado temos os fiéis que freqüentam o templo da Universal.
 06 - Quanto à manipulação, esta ocorre por meio de tentação. Neste caso, o pastor induz
 07 os fiéis a angariarem votos aos candidatos ‘protegidos’ prometendo que oraria (rezaria)
 08 pelas pessoas que votassem se conseguissem eleitores.
 09 Assim, Didini prometia uma recompensa, a oração, àqueles que votassem nos
 10 candidatos apontados pela Igreja Universal.

11 - Considerando a performance que os fiéis deverão executar após a 'tentação' feita
12 pelo pastor, esta deverá ocorrer com a votação dos fiéis nos políticos indicados; esta
13 seria a ação que os membros participantes da Igreja deveriam realizar."

(M.M.F. – 4º ano)

A princípio, o texto "A" pareceria enquadrar-se na maioria dos textos que apresentam a progressão. Todavia, percebemos que o aluno, após a metade do texto, não acrescenta novas informações; apenas as repete com palavras diferentes. Até a linha 5 ocorrem dois tipos de informações: a identificação do sujeito manipulador (o pastor Ronaldo Didini) e o sujeito manipulado (os fiéis da Igreja Universal).

Da linha 7 até o final do texto, o aluno começa a discorrer sobre a influência que o pastor exerce sobre os fiéis, prometendo-lhes oração em troca de votos. Isso acontece nos parágrafos quarto: "Neste caso, o pastor induz os fiéis a angariarem votos... prometendo que oraria pelas pessoas que votassem..." (linhas 7 a 9); quinto: "Assim, Didini prometia uma recompensa, a oração, àqueles que votassem nos candidatos apontados pela Igreja Universal." (linhas 10 e 11); e sexto: "- Considerando a performance que os fiéis deverão executar após a 'tentação' feita pelo pastor..." (linha 12); e, ainda, a informação sobre a manipulação por tentação já mencionada anteriormente, na linha 7.

B:

01 “No texto ‘O gato e a Barata’, de Millôr Fernandes percebemos que a manipulação é
02 por tentação, pois a barata se oferece como recompensa para o gato caso ele a salve.

03 _ ‘Gatinho meu gatinho _ pediu ela _ me salva, me salva. Me salva que assim que eu
04 sair daqui eu deixo você me engolir inteirinha, como você gosta. Me salva.’ A
05 performance é percebida na parte em que o gato vira o copo com a pata, pois ele podia
06 (sic) sabia fazer isso. Como sabemos a competência nem sempre aparece explícita no
07 texto e no caso do texto o qual estamos analisando isto é notado, porém, podemos
08 deduzir que se o gato virou o copo com a pata, além de querer ele tinha competência
09 para isso. A sanção (sic) Neste caso não é positiva para o gato, pois ele fez a ação, mas a
10 barata não cumpriu a promessa ou seja o gato não recebeu a recompensa, mas sim o
11 castigo por ter acreditado em uma ‘barata velha e bêbada’: ficou sem comer e se passou
por idiota.”

(M.P. – 5º ano)

C:

01 “No texto ‘O Gato e a Barata’ de Millôr Fernandes a manipulação é realizada pela
02 barata quando diz: ‘... me salva, me salva. Me salva que assim que eu sair daqui eu deixo
03 você me engolir inteirinha como você gosta.’, neste trecho a barata utiliza-se de tentação
04 para manipular o gato, pois se ele a salvar receberá uma recompensa, que no caso seria
05 ela.

06 A performance existente no texto ‘O Gato e a Barata’ é realizada pelo gato quando

07 salva a barata 'O gato então virou o copo com uma pata, o líquido escorreu e com ele a
08 baratinha que, assim que se viu no chão, saiu correndo...' Ao salvar a baratinha do copo
09 o gato executa a ação e realiza sua performance.

10 A competência é adquirida pelo gato a partir do momento em que a barata lhe explora
11 (sic) socorro 'O gato então virou o copo com a pata...' O gato em primeiro momento não
12 tinha intenção (sic) de salvá-la, mas com os enúmeros (sic) pedidos, ele adquire um
13 poder de virar o copo para salvar a barata que até então não possuía (sic), mas através do
14 pedido da baratinha ele obteve a competência.

15 A sanção recebida pelo gato é o castigo por ter salvado a barata por interesse. Desta
16 forma ele não recebe a recompensa. 'E você é tão imbecil a ponto de acreditar na
17 promessa de uma barata velha e bêbada?'

(A.A.R. – 5º ano)

O mesmo acontece com os textos "B" e "C", que não apresentam progressão das informações referentes ao tema. No primeiro, o aluno discorre sobre a performance do gato, ao virar o copo com a pata (linha 6), e repete essa informação logo em seguida (linhas 7 e 8), para explicar a competência do gato, ou seja, ele explica a "performance" e a "competência" da mesma maneira, estando esta última muito confusa. Percebemos, ainda, que esse aluno não consegue expressar-se adequadamente. Seu texto é escrito em apenas dois parágrafos e apresenta sérios problemas de pontuação e repetições lexicais: "... pois ele podia sabia fazer isso" (linhas 5 e 6); "... a competência nem sempre aparece explícita no texto e no caso do texto o qual estamos analisando..." (linhas 6 e 7); "A sanção Neste caso não é positiva... mas a barata não cumpriu a promessa ou seja o gato não recebeu a recompensa..." (linhas 8 a 10).

No segundo, o aluno até que consegue estruturá-lo adequadamente. Porém, volta a discorrer sempre sobre o mesmo acontecimento: a performance do gato em salvar a barata, após virar o copo com uma pata.

Percebemos, ainda, no terceiro parágrafo, falhas de ortografia, como "explora" e "intencao" (linhas 10 e 12, respectivamente), que alteram o léxico e interferem na constituição do sentido.

D:

01 “No texto ‘O gato e a Barata’ de Millôr Fernandes, considerando o percurso do sujeito
02 ‘gato’ tem-se: a manipulação por tentação, pois o manipulador ‘barata’ induz o
03 manipulado ‘gato’ a salvá-la oferecendo-lhe em troca, em recompensa a sua vida; O gato
04 por sua vez sabia e podia realizar a ação e o fez: ‘O gato então virou o copo com uma
05 pata...’ realizando, assim, a terceira etapa da estrutura da narrativa – a performance. É
06 importante observar que a 2ª etapa da estrutura da narrativa – a competência, está
07 pressuposta, uma vez que o sujeito manipulado realizou a ação; A sanção vem como um
08 castigo para o gato. Acreditando nas falsas palavras da barata e na sua condição de velha
09 e bêbada, o gato pensou que poderia comê-la, porém a barata mais esperta o engana e
10 não cumpre a sua promessa.”

(L.S.G. – 5º ano)

Em "D", percebemos que o aluno expõe o texto com progressão das informações, contudo não estabelece uma ordem dos fatos, pois escreve sobre a terceira

etapa da estrutura da narrativa (a performance) antes da segunda (a competência), além de discorrer sobre todas as fases em um único parágrafo. A mesma ocorrência podemos observar no texto nº 58, nos anexos deste trabalho.

E:

01 “Manipulação: ‘Me salva que assim que eu sair daqui eu deixo você me engolir
02 inteirinha, como você gosta. Me salva.’

03 Nesta parte a barata induz o gato a salvá-la, oferecendo algo que ele gosta como
04 recompensa, que no caso, seria ela mesma.

05 A manipulação se dá por tentação: Você me salva e me come.

06 Competência: ‘_ Você deixa mesmo eu engolir você?’

07 disse o gato.’

08 _ Me saalva! – implorou a baratinha. _ Eu prometo.

09 Aqui a barata afirma que se ele salvá-la, tira ela inteirinha para engolir (saber) para um
10 saber ao gato, e atribui um poder ao mesmo quando diz que promete.

11 Performance: ‘O gato então virou o copo com uma pata, o líquido escorreu e com ele a
12 baratinha que, assim que se viu no chão, saiu correndo para o buraco mais perto, onde
13 caiu na gargalhada.’

14 Nesta fase o gato executa sua ação, salvando a barata.

15 Sanção: ‘... a baratinha que, assim que se viu no chão, saiu correndo para o buraco
16 mais perto, onde caiu na gargalhada.’

17 ‘_ Ah, ah, ah – riu então a barata, sem poder se conter. – E você é tão imbecil a ponto
18 de acreditar na promessa de uma barata velha e bêbada?’

19 O gato recebe castigo. Ele salva a baratinha, acreditando que ele iria engoli-la, porém
20 após salvá-la, a baratinha corre para o buraco não cumprindo sua promessa.”

(E.G.N. – 5º ano)

Outro caso que merece ser comentado é o do texto "E", que apresenta repetição do tema, progressão, não-contradição e relação, todavia é bastante confuso na exposição das idéias do aluno. Vejamos o seguinte trecho: "*Aqui a barata afirma que se ele salvá-la, tira ela inteirinha para engolir (saber) para um saber ao gato, e atribui um poder ao mesmo quando diz que promete.*" (linhas 9 e 10). Além de apresentar limitações com relação aos mecanismos de coesão, o aluno expõe o texto recheado de citações do texto original, entregue pelo professor, no enunciado da questão, o que nos leva a supor que se há uma certa coerência no texto, isto se deve ao fato de que as idéias nele contidas não são do aluno, mas do autor do texto original.

3.2.3. Não-contradição

A terceira meta-regra, a da **não-contradição**, exprime a idéia de que no texto escrito não deve haver elementos semânticos que venham *contradizer* um conteúdo pressuposto por uma ocorrência anterior.

Também nesta meta-regra os alunos tiveram um ótimo desempenho.

Para ilustrar, será destacado um texto em que há contradição (se não é bem "contradição", é um desajuste provocado pela inadequação lexical.).

A:

01 “1. O sujeito manipulador no texto do exercício nº 1 é o pastor Ronaldo Didini,
02 enquanto o sujeito manipulado são os fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus.

03 As manipulações empregadas pelo pastor consistiam em duas de diferentes
04 características e com o mesmo objetivo: angariar votos ao candidato Wagner Salustiano.
05 A primeira era uma manipulação por provocação e pode ser identificada na seguinte fala
06 do pastor: “Quem, voluntariamente, gostaria de conseguir votos em nome da nossa
07 causa?” Trata-se de uma manipulação por provação (sic) a partir do momento em que a
08 considerarmos como um apelo a um espírito coletivo, cuja força ideológica está
09 canalizada em direção de uma causa. Assim, eleger um deputado que representa os
10 evangélicos é um desejo, ou melhor, uma aspiração ideológica em nome da causa.

11 A outra manipulação empregada é por tentação, pois parte do princípio de que o
12 pastor oraria pelas pessoas que manifestaram o desejo de votar no candidato e que
13 também oraria pelo nome dos indicados pelas pessoas por quem ele havia orado. Trata-
14 se de uma tentação porque a promessa de oração é a troca de uma bênção pelos
15 possíveis votos dos indicados. Uma vez que estes são, normalmente, pessoas bem
16 quistas por aqueles que receberam a oração no momento em que o pastor apresentou o
17 candidato.....

18 O sujeito manipulado (fiéis da igreja) desempenhou a performance porque tinha o
19 poder e o saber, pois, dentro do contexto de carência política, os eleitores se submetem
20 à prática de muitas vezes vender o voto e para tal o nº do título é importante. O saber
21 fica por conta de o devoto ter em seu círculo de amizade ou no seio familiar uma série
22 de carências que assolam como doenças, desemprego etc. uma oração poderia ser o
23 caminho para resolver um desses problemas.

(D.C.C. – 4º ano)

No texto "A" há contradição. Nas linhas 7 a 10 o aluno afirma que se trata de uma manipulação por *provação* (ou seria *provocação*, como na linha 5?): "... a manipulação por *provação* a partir do momento em que a considerarmos como um apelo a uma espírito coletivo... Assim, eleger um deputado que representa os evangélicos é um desejo, ou melhor, uma aspiração ideológica em nome da causa...", Na realidade, trata-se de um desejo, uma aspiração, os quais são características do tipo de manipulação por tentação.

Prosseguindo, o aluno inicia um novo parágrafo, no qual passa a discorrer sobre uma "outra manipulação", que seria a da tentação. Ele afirma no parágrafo anterior que se tratava de "manipulação por provocação" devido a uma manifestação de desejo e aspiração, sendo que, igualmente, faz menção a essas mesmas características (desejo/aspiração) para esse outro tipo de manipulação (tentação): "A outra manipulação empregada é por tentação, pois parte do princípio de que o pastor oraria pelas pessoas que manifestaram o desejo de votar no candidato e que também oraria..." (linhas 11 a 13).

3.2.4. Relação

Além dos mecanismos de repetição, progressão e não-contradição, que garantem a coerência do texto, há, também, a meta-regra da **relação**, que se caracteriza pela associação entre os fatos expostos no texto.

Em geral, os alunos tiveram um ótimo desempenho quanto à utilização dessa meta-regra.

Vejam um texto em que não ocorre essa meta-regra:

A:

01 “Nesta entrevista, é clara a manipulação por parte da igreja Universal, representada
02 na pessoa de Ronaldo Didini, porque ele quer e deve.

03 Quanto ao sujeito manipulado também se percebe claramente que são os fiéis e o
04 próprio candidato Wagner Salustiano.

05 A manipulação utilizada para com os fiéis é por sedução e intimidação é a utilizada
06 para o Candidato W.S. é por tentação.

07 No primeiro caso por sedução porque ele pergunta de forma indireta quem está
08 disposto a aliar-se à sua causa ‘que seria uma boa causa, causa nobre, recompensadora,
09 e por intimidação quando anota o número do título daqueles que disseram que votariam.
10 Já no segundo caso, considero manipulação por tentação porque oferece uma
11 oportunidade de sobressair-se (sic) politicamente, tenta-o com a promessa (sic) de eleição
12 (se eleger).

13 Em relação à performance, que é a ação praticada, os fiéis deveriam votar e dar os
14 números de seus títulos de eleitores e o candidato se submeter as ordens da igreja
15 Universal.”

(C.S.P.O. – 4º ano)

No texto "A", o aluno não organiza suas idéias de forma muito clara, o que torna seu texto bastante confuso.

No primeiro parágrafo, percebemos que não há qualquer tipo de relação entre as idéias expostas, pois escreve que "é clara a manipulação por parte da Igreja..., representada na pessoa de Ronaldo Didini, *porque ele quer e deve.*" (linhas 1 e 2). Afinal, que relação há entre o fato de o pastor querer e dever com a manipulação por parte da Igreja Universal? E, ainda, ele *quer e deve* o quê? (Trata-se de dois verbos transitivos diretos e que, por isso, exigem um complemento, um objeto direto, o qual não aparece, tornando, assim, a oração incompleta, vaga e incompreensível.

No terceiro parágrafo, o aluno parece que resolveu expor todos os tipos de manipulação, sem, contudo, estabelecer qualquer relação entre suas características: "A manipulação utilizada para com os fiéis é por *sedução e intimidação* é a utilizada para o Candidato W.S. é por *tentação (?)*" (linhas 5 e 6).

A falta de relação prejudica a coerência, tornando o texto de difícil compreensão.

Vejamos, a seguir, um exemplo de texto bem apresentável, com uma estrutura bem definida e com clareza de idéias:

B:

01 “Dentro de uma estrutura narrativa, os enunciados podem ser agrupados em quatro
02 fases distintas: manipulação, competência, performance, sanção.

03 No caso do fragmento retirado de uma entrevista com o pastor Didini, trataremos da
04 manipulação e da performance.

05 Na manipulação um personagem induz outro a fazer algo. E, o que vai fazer precisa
06 querer ou dever. Como vemos no fragmento, o manipulador é o pastor Ronaldo Didini e
07 o manipulado são os fiéis da Universal. Quanto ao tipo de manipulação, é por tentação e
08 por sedução.

09 A manipulação por sedução ocorre quando se faz um elogio à pessoa, o que será um
10 juízo de valor positivo. E, a manipulação por tentação também seria um outro objeto de
11 valor positivo, é uma recompensa. No fragmento, o pastor tentava os fiéis a
12 conseguirem votos para o deputado Salustiano e em troca dos votos ele oraria por eles e
13 dizia que o deputado, se ganhasse a eleição, os representaria em Brasília.

14 Com relação à performance que o sujeito manipulado terá que executar é conseguir
15 votos para o deputado Salustiano, trazendo uma lista de dez outros nomes de pessoas
16 que votariam para o candidato e deveriam escrever o número do título de eleitor dessas
17 pessoas.”

(A.L. – 4º ano)

No início, o aluno citou quatro fases da narrativa e prosseguiu explicando ao leitor que faria uso de apenas duas: manipulação e performance, que foram apresentadas e discutidas ao longo do texto. Foi justamente sobre esses dois itens que ele discorreu posteriormente, distribuindo-os de forma bastante organizada, em

parágrafos diferentes e discorreu sobre eles com informações que se relacionam entre si, com seus respectivos assuntos.

A seguir, apresentaremos outro exemplo em que ocorre essa meta-regra:

C:

01 “No texto ‘O Gato e a Barata’ de Millôr Fernandes pode-se perceber quatro fases na
02 estrutura da narrativa. São elas: manipulação, competência, performance e sanção.

03 Ao observar o percurso do sujeito gato vê-se que ele foi manipulado pela barata. Essa
04 manipulação ocorreu através da tentação, ou seja, através da troca ou da recompensa. A
05 barata diz para o gato que, se ele salvá-la ela vai deixar ele comê-la inteirinha, como ele
06 gosta.

07 Com relação a recompensa do gato percebe-se que ele possuía o saber e o poder para
08 libertar a barata. O texto ao mencionar o sujeito gato, utiliza o aumentativo ‘carão’
09 dando uma idéia ao leitor de que se tratava de um gato grande e também quando o autor
10 coloca a expressão ‘... do alto do copo’, reforça a idéia de um grande gato, portanto que
11 poderia facilmente (sic) virar o copo.

12 A performance que o sujeito deveria executar era justamente a ação de virar o
13 copo. Ele então aceita a manipulação e pratica a performance. O gato vira o copo com
14 uma pata.

15 Mas, ao contrário do que esperava, a recompensa, ele recebe como sanção a promessa
16 não cumprida, isto porque a barata foge e não deixa o gato comê-la. É uma sanção com
17 valor negativo.”

(M.C.C.R. – 5º ano)

Em "C", a meta-regra da **relação** pode ser observada entre os elementos do texto, pois o aluno faz um comentário sobre o tamanho avantajado do personagem gato, relacionando elementos que comprovam essa hipótese aos termos que aparecem ao longo do texto, tais como: "carão" e "do alto do copo": *"O texto ao mencionar o sujeito gato, utiliza o aumentativo 'carão' dando uma idéia ao leitor de que se tratava de um gato grande e também quando o autor coloca a expressão '... do alto do copo', reforça a idéia de um grande gato, portanto que poderia facilmente (sic) virar o copo."* (linhas 8 a 11).

O fato de os textos analisados se caracterizarem como respostas a perguntas feitas pelo professor pode ter contribuído para a presença dos critérios de coerência nos textos.

A pergunta feita pelo professor, no texto "O gato e a barata", incidindo sobre as quatro fases da estrutura da narrativa, em grande parte, já orienta a presença ou organização do texto com as quatro meta-regras.

REFLEXÕES ACERCA DOS MECANISMOS DE COERÊNCIA:

Ao fazermos um levantamento das ocorrências de **repetição** nos textos dos alunos, pudemos observar que todos (100%) apresentam esse mecanismo da coerência, pois, embora apareçam frases mal escritas, períodos confusos, os alunos mantiveram o tema proposto, sem cair na prática considerada bastante comum de dispersarem-se para outras informações que não sejam pertinentes ao proposto pelo professor na questão.

Com relação ao levantamento da **progressão**, percebemos que quase todos os textos (com exceção de três: 24, 31 e 32) apresentam essa meta-regra da coerência. Em sua grande maioria (95%), houve ocorrência de adição de informações referentes ao tema proposto, mesmo que os textos apresentem problemas de coesão, o que nos leva a confirmar a hipótese de que pode haver textos coerentes, porém escritos sem nenhuma coesão, como os casos dos textos 51 e 56 (anexos), os quais têm problemas de coesão por apresentarem muitas deficiências do tipo: falta de uma pontuação adequada e problemas sérios de concordância, porém com progressão das informações solicitadas no enunciado da questão.

A meta-regra da **não-contradição** pode ser observada em quase (98%) todas as avaliações analisadas, com uma única exceção, o texto nº 02, em que o aluno não expõe de maneira correta o conceito de manipulação por provação, pois atribuiu-lhe características idênticas à manipulação por tentação, além de mencionar essa última, com as mesmas características, o que resultou em duplicidade de conceitos.

As informações referentes aos personagens, sejam os sujeitos manipuladores dos textos dos enunciados A e B (pastor Ronaldo Didini / barata), sejam os sujeitos manipulados (fiéis da Igreja Universal / gato), entre outros elementos que fazem parte das duas histórias, são, em sua grande maioria, apresentadas de modo não-contraditório e coerente.

Por último, analisamos a ocorrência da quarta meta-regra da coerência, a **relação**, e chegamos à conclusão de que 98% dos textos apresentam também esse mecanismo, embora haja muitas evidências de mau emprego de concordância verbal, nominal, regência verbal, entre outros. São textos que podem ser considerados coerentes, mas que, em sua grande maioria, apresentam outros sérios problemas de escrita.

SUGESTÕES

Nossa sugestão para contribuir para o sucesso do ensino de língua portuguesa no Curso de Letras da Universidade Estadual de Maringá é que se criem programas paralelos de aperfeiçoamento da escrita dos alunos, podendo, ainda, estender-se a todos os cursos da Universidade. Seriam projetos que pudessem prever ações concretas e planejassem atividades para serem aplicadas em sala de aula.

Nesses programas, o instrutor não se limitaria a ensinar as maçantes regras gramaticais que já foram e ainda são tão exploradas no ensino médio e fundamental, mas preocupar-se-ia em esclarecer melhor justamente as deficiências da escrita encontradas no dia-a-dia do acadêmico, ouvidas as sugestões e reclamações dos professores, em especial os do Curso de Letras, pois certamente saberiam apontar com maior facilidade as dificuldades mais freqüentes e graves de seus alunos.

Acreditamos que é possível elaborar uma proposta desse tipo, concreta, fundamentada em boas metodologias, que concederia aos alunos soluções reais.

Essa atividade proporcionar-lhes-ia um melhor desempenho para uma redação mais consistente e possibilitaria, evidentemente, maior interação entre eles e os professores de ensino superior, contribuindo, ainda, para uma motivação que resultaria em produção de textos criativos.

Hoje, o processo de avaliação tem se limitado à ação do professor em "corrigir" os textos dos alunos com o intuito de julgá-los e não de ajudar a melhorarem

sua produção textual. Em nosso entender, achamos que esse termo - avaliação - está sendo utilizado de forma inadequada, pois percebemos que o objetivo do professor, na hora da correção, tem sido o de avaliar os comportamentos dos alunos, sendo que a parte mais importante da avaliação deveria ser a que vem depois da nota, que é o retorno, ou seja, a ajuda do professor para melhorar a produção textual do aprendiz.

CONCLUSÃO

Muitas vezes encontramos em nossas análises textos considerados coerentes, por não fugirem ao tema proposto (repetição), por adicionarem novas informações referentes ao tema (progressão), por não se contradizerem (não-contradição) e por relacionarem os fatos (relação) neles contidos.

Houve textos com problemas de coerência, porém foram escritos sem uma organização quanto a sua estrutura. Apresentaram falhas lingüísticas gravíssimas, falhas essas que os impedem de tornarem-se absolutamente coesos (ver texto nº 51).

Embora não tenha sido o foco principal de nossa análise, também encontramos aqueles escritos de maneira extremamente confusa (ver textos nº 12, 15, 31, 45, 46, 55, 56), com informações que parecem mais um apanhado de palavras e frases desconexas e sem uma continuidade.

Acreditamos que o que marca muito o conceito que o professor tem da escrita do aluno é a obediência às normas gramaticais, principalmente erros que chamam mais à atenção, como: ortografia, concordância verbal e nominal, regência verbal, pontuação, organização da frase, etc.

Provavelmente o professor de ensino superior acredita que o aluno do Curso de Letras, ao ingressar na Universidade, já deveria ter aprendido a norma culta da língua para empregá-la corretamente no período em que estivesse cursando a graduação e que não é função da Universidade ensiná-lo a escrever corretamente, pois

não há tempo hábil para essa finalidade, pensamento esse até aceitável se não fosse utópico diante da realidade do nível de ensino de nossas escolas de ensino médio e fundamental.

Um dos motivos do insucesso dos resultados com a atividade de produção textual dos textos acadêmicos é a artificialidade dos temas propostos que essas escolas cobram dos alunos; é o problema de se proporem produções de textos que não terão destinatários reais.

A escola estimula os estudantes a produzirem textos de tipologia esgotada, tais como: somente narração, somente dissertação, somente descrição..., sem qualquer possibilidade de mudança de ponto de vista dos alunos, fazendo com que sejam ignorados enquanto sujeitos, impedindo-os, ainda, de se tornarem criativos.

Isto se deve ao fato de que ela sempre adotou um sistema de educação comprometido com a manutenção da minoria de uma classe dominante, reduzindo, dessa forma, significativamente o seu potencial de formar indivíduos pensantes e críticos.

Em termos de preparo prévio para produção de textos, ocorre, ao longo de décadas, ou a completa ausência de qualquer preparação, em que os estudantes escrevem a partir de temas, às vezes, que nada querem dizer para eles, ou são apresentados temas especialmente construídos para um trabalho de produção em sala de aula, a cujo destinatário é o próprio professor da disciplina de Língua Portuguesa. Os alunos escrevem somente para eles e eles lêem suas redações como meros

avaliadores, com o intuito de encontrar, muitas vezes, os erros gramaticais tão corriqueiros e que podem ser "solucionados" através de uma rápida consulta nos manuais de gramática.

Penso que deve haver uma revisão do conceito de avaliação imposto pelos educadores. Não deveriam fazer uso dela com o intuito de julgamento da produção do acadêmico, mas, sim, conversar com o aluno sobre suas dificuldades (refacção).

Por outro lado, observamos que nas salas de aula de ensino médio há uma falta de integração entre as séries, ou seja, os conteúdos não avançam, causando, com isso, um aborrecimento nos alunos, pois há coisas que eles estudam na sétima série ou oitava série, por exemplo, que novamente irão estudar no ensino fundamental. Talvez por não terem conhecimento do conteúdo que foi trabalhado com seus estudantes em séries anteriores, os professores repetem conteúdos de forma pouco dinâmica, levando os jovens e adolescentes a abominarem as aulas de língua portuguesa.

Há, também uma falta de integração entre as disciplinas escolares, seja para ver o que os professores de outras escolas, ou até mesmo na própria escola, estão trabalhando, seja para ajustar conteúdos e textos utilizados. É como se cada professor estivesse isolado em um espaço impossível de se relacionar com as outras disciplinas, como se nada houvesse de comum entre as aulas de Língua Portuguesa, História, Geografia, ou Educação Artística.

Diante desse impasse é que apresentamos nossa sugestão em se criarem na Universidade programas que funcionem paralelamente às disciplinas do Curso de Letras (já que em seu currículo não existe tempo hábil para trabalhar-se com o ensino da língua portuguesa propriamente dito), com o intuito de aperfeiçoar os conhecimentos lingüísticos dos alunos que apresentarem dificuldades com o manejo da produção escrita. Certamente essas atividades proporcionar-lhes-ão um melhor desempenho para uma redação mais consistente e possibilitarão, evidentemente, maior interação entre eles e os professores do Curso de Letras. Seria a contribuição mais efetiva das novas concepções de linguagem para o ensino da língua portuguesa no Curso de Letras da UEM.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Antônio Suárez. **Curso de redação**. 3. ed., São Paulo: Ática, 1991.

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. **Anotações sobre escrita acadêmica:** projetos, pré-projetos e ensaios. Campinas: Unicamp, 1997 (mimeo).

_____. Coesão e coerência na produção do texto acadêmico em português língua materna e inglês língua estrangeira. In: **Trabalhos de Lingüística Aplicada**, Campinas: Unicamp, nº 10, 1987, p. 55-69.

BEAUGRANDE, R. & DRESSLER, W. **Introduction to text linguistics**. London: Longman, 1981.

BERNARDES, Betina. “MEC lança livros para orientar professores.” In: **Folha de São Paulo**, cotidiano, p. 3, 16/10/97.

BOER, Maria Angela de Souza. O perfil acadêmico do aluno da disciplina Língua Portuguesa I do Curso de Letras - 1997. In: ANAIS DA X SEMANA DE LETRAS, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 1997, p. 86-89.

BRITTO, Luiz Percival Leme. **A sombra do caos:** ensino de língua X tradição gramatical. Campinas: ALB, 1997.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & Lingüística**. 9 ed. São Paulo: Scipione, 1996.

CANONICE, Bruhmer Cesar Forone. Redação X Produção Textual. In: **Cadernos de Apoio ao Ensino**, nº 05, dezembro/98, p. 45-50.

_____ & BELZ, Débora Cavalcante. O livro didático: análise de uma unidade. In: ANAIS DA XI SEMANA DE LETRAS, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 1999, p. 69-76.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 40. ed. São Paulo: Nacional, 1997.

CHAROLLES, Michel. "Introdução aos problemas da coerência dos textos: abordagem teórica e estudo das práticas pedagógicas." In: **O texto: escrita e leitura**. Org. por Charlotte Galves. Campinas: Pontes, 1988, p. 39-85.

CHERCHI, Lucien. A elipse como fator de coerência. (Trad. Marcos Bagno). In: **Langue française**, nº 38, maio/1978, pp. 118-128, mimeo.

CITELLI, Adilson. **Linguagem e persuasão**. 9. ed., São Paulo: Ática S.A., Série Princípios, 1995.

_____. **O texto argumentativo**. São Paulo: Scipione, 1994.

DAHLET, Patrick. "Malaises et mécanismes de rédaction." In: **Anais da VI Semana de Letras**, Maringá, 1993.

ERICKSON, Frederick. Transformation and School Success: the politics and culture of educational achievement. In: **Anthropology & Education Quarterly**, vol. 18(4), December/1987, p. 335-356.

_____. Qualitative methods. In: **Research on teaching and learning**, vol. 2, New York: Macmillan Publishing Company.

FÁVERO, Leonor Lopes Fávero & KOCH, Ingedore G. Villaça. **Linguística textual: introdução**. 3. ed., São Paulo: Cortez, 1994.

GALVES, Charlotte et alii (org). "Introdução aos problemas da coerência dos textos: abordagem teórica e estudo das práticas pedagógicas." In: **O texto: escrita e leitura**. Campinas: Pontes, 1988.

GARCIA, Othom M. **Comunicação em prosa moderna**. 17. ed., Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação**. Campinas: Mercado de Letras - ALB, 1996.

_____; ALMEIDA, Milton José de; LEITE, Lígia Chiappini de Moraes et alii. **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática (Coleção Na Sala de Aula), 1997.

GIORA, R. Notes towards Theory of Text Coherence. In: **Poetics Today**, 6(4), 1985.

GRILLO, Sheila Vieira de Camargo (1995). **Escrever se aprende reescrevendo**: um estudo da interação professor/aluno na revisão de textos. Dissertação de Mestrado, Campinas: UNICAMP/IEL.

HALLIDAY, M.A.K. & HASAN, R. **Cohesion in english**, London: Longman, 1976.

HAROCHE, Claudine & MAINGUENEAU, Dominique. A elipse, ou o domínio da fala. (Trad. Marcos Bagno). In: **Histoire, Épistémologie, Langage**, tomo 5, fascículo 1, 1983, mimeo.

KLEIMAN, Angela. **Texto e leitor**: aspectos cognitivos da leitura. 4. ed., Campinas: Pontes, 1995.

KOCH, Ingedore Villaça & TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A coerência textual**. São Paulo: Contexto, 1990.

Idem, 1995.

_____. **O texto e a construção dos sentidos.** 1. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

_____. **A coesão textual.** 8. ed., São Paulo: Contexto, 1996.

_____. A articulação entre orações no texto. In: **Cadernos de Estudos Lingüísticos.** Campinas: (28), 9-18, Jan./Jun.1995.

LOPES, Maria Célia Cence. Considerações sobre a redação em sala de aula. In: **Letras & Letras,** Uberlândia, 1(1): 39-44, maio/1985.

LÜDKE, Menga & ANDRÉ, Marli E.D. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo : EPU, 1986.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Lingüística de texto:** o que é e como se faz. Série Debates 1, Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1986.

MARSON, Fernando et alli. Lingüística aplicada e educação: alfabetização e desenvolvimento da fluência verbal. In: ANAIS DA 49ª REUNIÃO ANUAL DA SBPC, julho/97, pp. 237-247.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação científica:** a prática de fichamentos, resumos, resenhas. 2. ed., São Paulo: Atlas, 1996.

MEURER, José Luiz (1992). **Produção de textos escritos**: proposta de um modelo. Florianópolis, 1992. Trabalho submetido à Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, out./1992.

_____. Aspectos do processo de produção de textos escritos. In: **Trabalhos de Lingüística Aplicada**, Campinas: nº 21, jan./jun.1993, p. 37-48.

MORAIS, Márcia Marques de. O ensino de português no 3º grau. In: **Reflexões sobre a língua portuguesa**: ensino e pesquisa (Org) de Regina Lúcia Peret Dell' Isola e Eliana de Mendonça Pires, Campinas: Pontes, 1997.

“Órfã da guerra reencontra mãe depois de 52 anos de separação.” In: **Folha de São Paulo**, mundo, p. 19, 28/12/97.

PAIVA, V.L.M. et alli. Repensando o Curso de Letras. In: ANAIS DA 49ª REUNIÃO ANUAL DA SBPC, julho/97, pp. 266-272.

PALMIERE, Denise Telles Leme & MATTOS, Maria Augusta Bastos. Algumas reflexões sobre a produção de textos na Universidade. In: **Trabalhos de Lingüística Aplicada**, Campinas: nº 20, jul./dez.1992, p. 95-101.

PAZINI, Maria Céli Beraldo. Buscando atenuar a artificialidade da produção textual na escola. In: ANAIS DA X SEMANA DE LETRAS, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 1997, p. 37-41.

PEREIRA, Rony Farto. A produção textual: perspectivas de mudança a partir das novas concepções de linguagem. In: ANAIS DA X SEMANA DE LETRAS, Maringá, 1997, pp. 34-36.

PERELMAN, Chaïn & OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação: a nova retórica.** São Paulo: Martins Fontes, 1995.

RIBEIRO, Marisa Forte et alli. Cenários do ensino da língua portuguesa no 3º grau. In: **Reflexões sobre a língua portuguesa: ensino e pesquisa.** (Org) de Regina Lucia Peret Dell'Isolla e Eliana de Mendonça Pires. Campinas: Pontes, 1997.

SALOMON, Délcio Vieira. **Como fazer uma monografia.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

SANT'ANA, Rivânia M. et alli. O ensino de língua portuguesa para o 3º grau: relato da experiência "Oficina de Produção de Textos." In: **Reflexões sobre a língua portuguesa: ensino e pesquisa.** (Org) de Regina Lucia Peret Dell'Isolla e Eliana de Mendonça Pires. Campinas: Pontes, 1997.

SANTOS, Maria do Carmo de Oliveira Turchiari. O texto escrito: a seleção e a organização das informações. In: **Acta Scientiarum.** Vol. 20, n. 1, mar./1998, pp. 27-32.

SANTOS FILHO, José Camilo dos. **Pesquisa educacional: quantidade-qualidade.** São Paulo : Cortez, 1995.

SPRADLEY, James P. (1979). **The Ethnographic Interview**. New York: Holt, Rinehart and Winston.

THEREZO, Graciema Pires. A leitura e a produção de textos em língua portuguesa no curso de letras e a formação do novo professor de português. In: **Revista Letras**, PUCCAMP, Campinas, 15(1/2), dez.1996, p. 163-169.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Contribuições do verbo à coesão e à coerência textuais. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas: nº 27, p. 71-84, Jul./Dez.1994.

VAN DIJK, Teun Adrianus. **Text and context**: explorations in the semantics and pragmatics of discourse. New York: Longman linguistics Library; n. 21, 1977.

VAN DIJK, Teun Adrianus. **Cognição, discurso e interação**. In: Ingedore Villaça Koch (Org.). São Paulo: Contexto, 1996.

VIGNER, Gérard. **Ecrire**: elements pour une pédagogie de la production écrite. CLE International PARIS, 1982.

WITTROCK, Merlin C. **La investigación de la enseñanza: métodos cualitativos y de observación**. Barcelona-Buenos Aires-México: Ediciones Paidós, 1996.

ANEXOS

[1]:

01 “a) Sujeito manipulador e sujeito manipulado:

02 O sujeito manipulador é considerado o pastor Ronaldo Didini, que manipulava aos
03 seus fiéis para votarem no deputado Wagner Salustiano, que era o sujeito manipulado,
04 através da oração, que prometia orar por eles. No entanto, o sujeito manipulador
05 conseguia convencer aos seus fiéis, da seguinte forma: Apresentava como um dos
06 homens que a Igreja Universal escolheu para representarem-os em Brasília com isso
07 chamava-os até o altar a cada culto e orava por elas. Assim em seguida com seu poder,
08 pedia uma lista com mais 10 nomes que votariam no candidato que deveriam escrever o
09 número do título do eleitor dessas pessoas. Portanto ele executa aquilo que queria fazer.
10 Esta é a performance do pastor. Ele ganha os fiéis.”

(C.S.L. – 4º ano)

[2]:

01 “1. O sujeito manipulador no texto do exercício nº 1 é o pastor Ronaldo Didini,
02 enquanto o sujeito manipulado são os fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus.

03 As manipulações empregadas pelo pastor consistiam em duas de diferentes
04 características e com o mesmo objetivo: angariar votos ao candidato Wagner Salustiano.

05 A primeira era uma manipulação por provocação e pode ser identificada na seguinte fala
06 do pastor: “Quem, voluntariamente, gostaria de conseguir votos em nome da nossa
07 causa?” Trata-se de uma manipulação por provação a partir do momento em que a
08 considerarmos como um apelo a um espírito coletivo, cuja força ideológica está
09 canalizada em direção de uma causa. Assim, eleger um deputado que representa os
10 evangélicos é um desejo, ou melhor, uma aspiração ideológica em nome da causa.

11 A outra manipulação empregada é por tentação, pois parte do princípio de que o
12 pastor oraria pelas pessoas que manifestaram o desejo de votar no candidato e que
13 também oraria pelo nome dos indicados pelas pessoas por quem ele havia orado. Trata-
14 se de uma tentação porque a promessa de oração é a troca de uma bênção pelos
15 possíveis votos dos indicados. Uma vez que estes são, normalmente, pessoas bem
16 quistas por aqueles que receberam a oração no momento em que o pastor apresentou o
17 candidato.....

18 O sujeito manipulado (fiéis da igreja) desempenhou a performance porque tinha o
19 poder e o saber, pois, dentro do contexto de carência política, os eleitores se submetem
20 à prática de muitas vezes vender o voto e para tal o nº do título é importante. O saber
21 fica por conta de o devoto ter em seu círculo de amizade ou no seio familiar uma série
22 de carências que assolam como doenças, desemprego etc. uma oração poderia ser o
23 caminho para resolver um desses problemas.

(D.C.C. – 4º ano)

[3]:

01 “Através do texto, podemos constatar que o sujeito manipulador é a igreja Universal
02 representado pelo pastor Ronaldo Didini. Já os sujeitos manipulados são os fiéis da igreja
03 Universal que, levados pela manipulação do tipo tentação depositarão seu voto no
04 membro escolhido da igreja. Na verdade não somente pelo fato de representá-los bem
05 em Brasília. mas, pelas orações que iriam receber. Para tanto, Ronaldo Didini utilizá-se
06 (sic) de um discurso positivo “unidos e devotados...”

07 Neste caso, a performance a ser cumprida é que os fiéis levem até o altar o
08 papelzinho com o nome dos dez eleitores que votarão no candidato escolhido pela igreja
09 não para defender os interesses do povo em Brasília. e sim interesses próprios “cúpula”.

(A.C.R. – 4º ano)

[4]:

01 “A partir do texto (fragmento) da entrevista com o Pastor Ronaldo Didini, podemos
02 fazer observações dentro do nível narrativo, onde podem ocorrer transformações com o
03 sujeito → personagem.

04 Dentro de tal fragmento podemos observar que o sujeito manipulador é o pastor
05 Ronaldo Didini e o sujeito manipulado são os devotos de sua igreja que votariam no
06 candidato Wagner Salustiano.

07 A manipulação utilizada é a tentação, pois Ronaldo Didini tenta os fiéis da seguinte
08 maneira: Se vocês votarem no candidato Wagner Salustiano, oro por vocês.

09 ‘Prometia que oraria também por elas’

10 A performance utilizada pelos fiéis era de se aproximarem do altar para receberem a
11 bênção (sic) e conseguir mais dez fiéis escrevendo o nome das mesmas num papel com
12 o número do título de eleitor de cada um, entregando estas listas ao pastor.”

(L.S. – 4º ano)

[5]:

01 “No fragmento, retirado da entrevista com o pastor Ronaldo Didini, da Igreja
02 Universal, percebemos que esta, através do pastor, faz uma manipulação dos fiéis para
03 que consigam garantir uma eleição. Cita o caso do deputado Wagner Salustiano, onde
04 levava-o para o altar durante o culto, dizendo que a Igreja o escolheu.

05 Assim, ocorre uma manipulação por tentação, pois o pastor orava para os fiéis que se
06 apresentavam como voluntários em prol da causa e ainda prometia orar para aquelas que
07 escrevessem o número do título de eleitor.

08 A performance se dá quando os voluntários trazem a lista com os dez outros nomes
09 de pessoas que votariam no candidato.”

(C.R.S. – 4º ano)

[6]:

01 “No fragmento da entrevista com o pastor Ronaldo Didini temos o sujeito
02 manipulador que é o próprio pastor Didini e, obviamente, se temos um manipulador
03 temos, também um sujeito manipulado que, no caso são todos os fiéis de sua igreja,
04 provavelmente, eleitores seus.

05 O pastor tenta manipular seus fiéis leitores por meio da sedução, ou seja, o pastor faz
06 um juízo positivo de seus fiéis pelos elogios, pois logo no início da entrevista ele
07 começa dizendo que os fiéis da Universal são muito unidos e devotados.

08 Logo em seguida o pastor expõe um caso que aconteceu com o Deputado Wagner
09 Salustiano, em que Didini manipula os fiéis por tentação, pois os fiéis teriam de
10 conseguir votos para Wagner e como recompensa receberiam a oração do pastor.

11 Em ambos os casos, na manipulação por sedução e por tentação, o sujeito
12 manipulado deverá mostrar sua performance através da ação de conseguir votos e votar
13 no candidato que o pastor Didini indicar.

(A.J.M.)

[7]:

01 “Temos, no texto da Veja, 20.08.97, p. 10 um exemplo de manipulação praticado
02 pelo sujeito Ronaldo Didini, tendo como alvo o(s) sujeito(s) manipulado(s) que são os
03 ‘fiéis’ da Igreja Universal. A manipulação se dá por tentação, ‘em nome da nossa
04 causa’, quer dizer, a recompensa vira (sic) se a ‘causa’ for vitoriosa. Promete, também
05 orações.

06 Já o manipulado praticará a ação, a performance, que nesse caso será a angariação de
07 votos para o Deputado Wagner Salustiano. O(s) sujeito(s) ‘fiéis’ sabem e podem
08 praticar a performance: ‘Recebi milhares desses papéis’, sendo que cada ‘fiel’ traria
09 ‘uma lista com dez outros nomes’.”

(J.C.S.)

[8]:

01 “No fragmento o manipulador é Ronaldo Didini e os manipulados são os seus fiéis.
 02 O manipulador consegue manipular os seus fiéis através da sedução, quando
 03 apresenta o deputado Wagner Salustiano nos cultos dizendo que este homem foi um dos
 04 escolhidos pela Igreja Universal para lhes representarem em Brasília.
 05 E também temos a manipulação por tentação, pois cada fiel que ajudasse trazendo
 06 uma lista com dez nomes de pessoas que iriam votar no candidato escolhido, teriam
 07 como recompensa a oração que seria dirigida a elas.
 08 E assim consegue manipular os seus fiéis, pois recebeu milhares de papéis com
 09 assinaturas e estes através dessa ação realizam a performance.”

(M.A.R. – 4º ano)

[9]:

01 “O sujeito manipulador, no texto da entrevista, é o pastor Ronaldo Didini que
 02 manipula os fiéis da Igreja Universal. A primeira manipulação dos fiéis ocorre através
 03 da sedução pois o pastor Didini, fazendo um juízo positivo do povo como sendo unido e
 04 devoto à Igreja, apresenta o candidato Wagner como o candidato da Igreja. Assim, o
 05 povo é unido e devoto a nós então demonstrará essa união votando em Wagner.
 06 Como somente pela união e devoção do povo não se poderia “garantir uma eleição.”,
 07 o pastor Didini manipula os fiéis mais uma vez através da tentação, ao oferecer em troca
 08 de votos. Os fiéis, manipulados, deveriam trazer à Igreja Universal uma lista com o
 09 nome de dez pessoas e anotar o número do título de eleitor delas e, em troca, receberiam
 10 oração para elas próprias e para as dez pessoas da lista.”

(E.L.S.)

[10]:

01 “O sujeito manipulador da história em questão é o pastor Ronaldo Dinini (sic), pois
02 ele manipulava os fiéis, induzindo-os a votar no deputado Wagner Salustiano.

03 O tipo de manipulação que ocorre no texto é por tentação e Sedução. Primeiramente
04 porque ele tenta os fiéis a votarem no deputado Wagner Salustiano, em troca disso ele
05 recompensaria os mesmos com orações. E pode-se dizer que é por sedução, pois
06 Ronaldo Dinini (sic) seduz os seus fiéis pela fé, sendo que aqueles que acreditarem em
07 suas orações, são manipulados a votarem em Wagner Salustiano.

08 A performance que o sujeito executa nada mais é que a ação de pedir votos. E,
09 principalmente a exigência que ele faz, querendo que os eleitores coloquem no papel o
10 número do título de eleitor, para que assim ele possa orar por elas.”

(I.C.D.M. – 4º ano)

[11]:

01 “O Sujeito manipulador é o pastor Ronaldo Didini, que manipula os fiéis da Igreja
02 Universal através da tentação, pois promete fazer orações por todos aqueles que se
03 dispuserem à votar no seu candidato, deputado Wagner Salustiano. Todavia, ante (sic) de
04 chegar a oferecer algo em troca dos votos, o pastor Didini primeiro promoveu uma
05 manipulação por sedução, quando apresenta o seu candidato e faz um convencimento
06 psicológico, despertando o querer dos seus fiéis: ‘... e o apresentava como um dos
07 homens que a Igreja Universal escolheu para nos representar em Brasília.’

08 Com isso, a performance que os seguidores teriam que desempenhar seria a de
09 apresentar ao seu pastor ‘uma lista com dez nomes de pessoas que votariam no
10 candidato.’”

(F.A.M.N. – 4º ano)

[12]:

01 “Nesta entrevista, é clara a manipulação por parte da igreja Universal, representada
02 na pessoa de Ronaldo Didini, porque ele quer e deve.

03 Quanto ao sujeito manipulado também se percebe claramente que são os fiéis e o
04 próprio candidato Wagner Salustiano.

05 A manipulação utilizada para com os fiéis é por sedução e intimidação é a utilizada
06 para o Candidato W.S. é por tentação.

07 No primeiro caso por sedução porque ele pergunta de forma indireta quem está
08 disposto a aliar-se à sua causa ‘que seria uma boa causa, causa nobre, recompensadora,
09 e por intimidação quando anota o número do título daqueles que disseram que votariam.
10 Já no segundo caso, considero manipulação por tentação porque oferece uma
11 oportunidade de sobressair-se (sic) politicamente, tenta-o com a promessa (sic) de eleição
12 (se eleger).

13 Em relação à performance, que é a ação praticada, os fiéis deveriam votar e dar os
14 números de seus títulos de eleitores e o candidato se submeter as ordens da igreja
15 Universal.”

(C.S.P.O. – 4º ano)

[13]:

01 “Dentro de uma estrutura narrativa, os enunciados podem ser agrupados em quatro
02 fases distintas: manipulação, competência, performance, sanção.

03 No caso do fragmento retirado de uma entrevista com o pastor Didini, trataremos da
04 manipulação e da performance.

05 Na manipulação um personagem induz outro a fazer algo. E, o que vai fazer precisa
06 querer ou dever. Como vemos no fragmento, o manipulador é o pastor Ronaldo Didini e

07 o manipulado são os fiéis da Universal. Quanto ao tipo de manipulação, é por tentação e
08 por sedução.

09 A manipulação por sedução ocorre quando se faz um elogio à pessoa, o que será um
10 juízo de valor positivo. E, a manipulação por tentação também seria um outro objeto de
11 valor positivo, é uma recompensa. No fragmento, o pastor tentava os fiéis a
12 conseguirem votos para o deputado Salustiano e em troca dos votos ele oraria por eles e
13 dizia que o deputado, se ganhasse a eleição, os representaria em Brasília.

14 Com relação à performance que o sujeito manipulado terá que executar é conseguir
15 votos para o deputado Salustiano, trazendo uma lista de dez outros nomes de pessoas
16 que votariam para o candidato e deveriam escrever o número do título de eleitor dessas
17 pessoas.”

(A.L. – 4º ano)

[14]:

01 “O sujeito manipulador, que pode ser identificado no trecho apresentado, é o pastor
02 Ronaldo Didini. Ele manipula os fiéis da Igreja Universal – sujeitos manipulados –
03 induzindo-os a praticar uma ação: conseguir votos para o representante da Igreja em
04 Brasília.

05 O pastor consegue manipular os fiéis por tentação, pois em troca dos votos as
06 pessoas receberão orações. Mas para conseguir tais votos o pastor Ronaldo Didini
07 realiza uma performance: faz com que muitas pessoas, voluntariamente, consiga (sic)
08 votos de outras pessoas para o candidato da Igreja.”

(4º ano - C.P.)

[15]:

01 “Várias são as pessoas que tendo conhecimento dos recursos lingüísticos alcançam
02 seus objetivos próprios. ___

03 ___ O pastor Ronaldo Didini é uma dessas pessoas, pois para alcançar o que queria
04 soube manusear muito bem o seu discurso.

05 Nessa entrevista observamos que o pator (sic) manipulou (manipulador) seus fiéis
06 (manipulados) para conseguir votos ao Wagner Salustiano. Essa manipulação foi
07 certamente realizada por tentação, uma vez que os interesses da Igreja Universal estaria
08 (sic) bem representada em Brasília, sendo este candidato um homem de confiança do
09 pastor e dos “fiéis”, havendo, caso fosse eleito, uma troca de favores, porém o que os
10 fiéis recebiam era de imediato ___ as orações frente ao altar.

11 Um outro aspecto percebido foi a performance executada pelos fiéis que foi o ato de
12 irem ao altar a cada culto para receberem as orações feitas pelo pastor, uma maneira de
13 aprovarem o pedido feito por ele.”

(M.F.P. – 4º ano)

[16]:

01 “- Sujeito manipulador e sujeito manipulado:

02 A manipulação ocorre quando um sujeito induz outro a fazer alguma coisa. Sendo
03 assim, percebe-se que, no texto publicado pela revista Veja, o manipulador é o pastor
04 Ronaldo Didini, pois manipulava seus fiéis com o objetivo de garantir uma eleição –
05 dessa forma, os fiéis são os manipulados.

06 - Tipo de manipulação e explicação de como a mesma ocorre:

07 A manipulação praticada é por tentação, pois o pastor tenta estabelecer uma espécie

08 de troca – ele iria orar muito pelos fiéis, mas em troca disso teriam que votar no
09 deputado Wagner Salustiano.

10 - A performance que o sujeito manipulado terá que executar:

11 Inicialmente o pastor deixou claro que, apesar dos fiéis serem bem unidos e
12 devotados, não podia afirmar que iria garantir uma eleição. Mas como ele não queria
13 perder de nenhum jeito conseguiu, através de seus cultos, ganhar a confiança de seu
14 povo, mesmo porque propunha aos seus fiéis votos e orava por eles para conseguir
15 apoio na eleição.

16 O pastor executa a performance quando em seus cultos pedia para que os fiéis
17 escrevessem o número do título de eleitor e o seu nome em um papel e o entregasse, e,
18 em seguida, prometia que iria orar por elas.

19 O resultado obtido pelo pastor Ronaldo foi positivo, pois ao final do texto (...) claro
20 que recebeu milhares de papéis.”

(D.L.G. – 4º ano)

[17]:

01 “Na entrevista feita pela veja (sic), o sujeito Ronaldo Didini (pastor da Universal) é o
02 manipulador sobre o sujeito coletivo (os fiéis da Universal), no caso, o manipulado.

03 Nesse caso, ocorre a manipulação por intimidação do pastor sobre seus fiéis, uma
04 vez que ele impunha o deputado Wagner ates (sic) de sua eleição ao cargo que ocupa,
05 como o escolhido pela igreja como seu representante em Brasília. Mesmo quando o
06 pastor nos cultos perguntava ‘Quem voluntariamente, gostaria de conseguir votos em
07 nome da causa?’, a intenção era que todos não ‘voluntariamente’, mas,
08 ‘obrigatoriamente’ atendessem ao pedido do pastor, em nome da igreja.

09 Assim o sujeito manipulado (os fiéis) tinham de realizar a ação ou performance ‘...

10 que trouxessem uma lista com dez outros nomes de pessoas que votariam no
11 candidato...’. E os fiéis realizaram a performance trazendo uma lista cada um de pessoas
12 eleitoras que concordavam em votar no candidato da Universal. Assim a sanção para os
13 fiéis era a recompensa de ganhar as bençãos (sic) do pastor e da Igreja que orava
14 exclusivamente pelas pessoas que davam apoio a igreja, ao contrário de quem não
15 participava.”

(J.L.F. – 4º ano)

[18]:

01 “No fragmento da entrevista com o Pastor Ronaldo Didini percebemos que ele é o
02 sujeito manipulador, pois é ele que induz os fiéis da igreja Universal, a votar (sic) no
03 deputado Wagner Salustiano, através da manipulação por tentação.

04 Em outras palavras, temos: como manipulador o pastor Ronaldo Didini da Igreja
05 Universal, o manipulado que são os fiéis e a manipulação utilizada é a tentação, pois se
06 os fiéis votarem no deputado ganhariam orações. A performance que os manipulados
07 deveriam realizar era a de votar no deputado e além disso trazer uma lista com mais dez
08 nomes de pessoas que votariam no candidato devidamente preenchida com o número do
09 título de eleitor.”

(C.P.S. – 4º ano)

[19]:

01 “O sujeito manipulador é a Igreja Universal, através de seu representante o pastor
02 Ronaldo Didini, e os sujeitos manipulados são os fiéis.

03 Neste fragmento podemos perceber como o pastor Ronaldo Didini conseguia
04 manipular seus fiéis para que estes votassem no deputado Wagner Salustiano. Temos
05 uma manipulação por tentação, pois o pastor realiza uma permuta: ‘dá’ orações em troca
06 de listas de nomes de pessoas que votariam no candidato, ou seja, em troca de votos.

07 Os sujeitos manipulados – fiéis – teriam que realizar a performance de trazer uma
08 lista com dez outros nomes de pessoas que votariam em Wagner Salustiano, juntamente
09 com o número do título, bem como, deveriam votar no candidato escolhido pela Igreja
10 Universal.”

(M.L.C. – 4º ano)

[20]:

01 “Percebe-se neste texto que o sujeito manipulador é o pastor Ronaldo Didini. Ele
02 manipula, por tentação, os fiéis da igreja Universal.

03 O pastor induz as pessoas a votarem no candidato da igreja e em troca oferece a eles
04 orações. No entanto, os manipulados terão que realizar a performance de angariar novos
05 fiéis, a fim de que votem no candidato da igreja, assim também receberão a recompensa:
06 a oração.”

(E.S.S. – 4º ano)

[21]:

01 “No fragmento citado, temos como manipulador, Didini, o qual quer que o sujeito
02 pratique a ação. Esse sujeito que pratica a ação é o sujeito manipulado, no caso, o

03 deputado Wagner Salustiano.

04 Sendo assim, podemos dizer que ocorre uma manipulação por tentação pois, era
05 estabelecida uma troca: votos ao deputado por orações feitas pelo pastor.

06 Em relação a performance, temos o pastor recebendo milhares de papéis, o que
07 garantia a eleição. Seria aqui o sujeito do fazer executando sua ação.”

(A.G. – 4º ano)

[22]:

01 “O fragmento da entrevista realizada pela revista Veja apresenta como sujeito
02 manipulador o pastor Ronaldo Didini. O sujeito manipulado pelo pastor são os fiéis. A
03 manipulação realizada pelo pastor em relação as pessoas que participam dos cultos da
04 igreja Universal é por tentação, pois, quando o pastor Didini apresentava o deputado
05 Wagner Salustiano aos fiéis, afirmando que este era um dos homens que a Igreja
06 Universal apoiava, ele perguntava às pessoas que aquele que trouxesse votos para o
07 deputado iria receber orações. A tentação ocorre também quando o pastor também pedia
08 uma lista com dez outros nomes de pessoas que votariam no candidato colocando ao
09 lado do nome o número do título. Ao fazerem isso iriam receber orações.

10 A performance se dá quando os fiéis levam ao pastor os papéis com os dez nomes e
11 ocorre também quando os fiéis vão até ao altar para mostrarem que estavam dispostas a
12 apoiar o candidato.”

(S.M.M. – 4º ano)

[23]:

01 “O sujeito manipulador, no texto da entrevista, é o pastor Ronaldo Didini e os
02 sujeitos manipulados são os fiéis da Universal.

03 O pastor Ronaldo Didini exerce uma manipulação por tentação, pois oferece uma
04 recompensa aos manipulados – ‘orava por elas’. a oração, no caso dos fiéis, é um objeto
05 de valor muito positivo. Esse fato de orar pelo (sic) fiéis, fazia com que eles
06 ‘voluntariamente’ conseguissem votos para terem um representante em Brasília.

07 Portanto, a performance que os manipulados deveriam executar era a de trazerem
08 uma lista com dez outros nomes de pessoas que votariam no candidato (no caso, o
09 deputado Wagner Salustiano) e ‘ao lado do nome deveriam escrever o número do título
10 de eleitor dessas pessoas’.

11 Esse é o percurso gerativo do sentido no nível narrativo.”

(G.F.X.B. – 4º ano)

[24]:

01 “- A respeito da questão do sujeito manipulador e manipulado:

02 Como sujeito manipulador deste texto temos a figura do pastor Ronaldo Didini, que
03 manipula os fiéis da Igreja Universal a conseguirem votos para os candidatos apoiados
04 pela Igreja.

05 Já como sujeito manipulado temos os fiéis que freqüentam o templo da Universal.

06 - Quanto à manipulação, esta ocorre por meio de tentação. Neste caso, o pastor induz
07 os fiéis a angariarem votos aos candidatos ‘protegidos’ prometendo que oraria (rezaria)
08 pelas pessoas que votassem se conseguissem eleitores.

09 Assim, Didini prometia uma recompensa, a oração, àqueles que votassem nos
10 candidatos apontados pela Igreja Universal.

11 - Considerando a performance que os fiéis deverão executar após a ‘tentação’ feita
 12 pelo pastor, esta deverá ocorrer com a votação dos fiéis nos políticos indicados; esta
 13 seria a ação que os membros participantes da Igreja deveriam realizar.”

(M.M.F. – 4º ano)

[25]:

01 “O sujeito manipulador do fragmento da entrevista da Revista Veja, 20.08.97, p.10,
 02 cujo entrevistado foi o pastor Ronaldo Didini, que comandava o programa 25ª Hora na
 03 Rede Record, é o próprio didini que na condição de pastor lidera a Igreja Universal e
 04 manipula seus fiéis. essa (sic) manipulação é feita através de tentação, pois que o
 05 candidato por eles apoiados “lutaria” pela causa desta Igreja, e assim “em nome da
 06 causa” os fiéis assumiriam o papel de manipulados e teriam a sua recompensa, mas para
 07 obtê-la teriam de realizar a performance de eleger um candidato.

08 A sanção dessa entrevista deve ter vindo na próxima edição da Veja nas cartas dos
 09 leitores.”

(M.A.S. – 4º ano)

[26]:

01 “O sujeito manipulador do enunciado em questão é o pastor Ronaldo Dedini (sic)
 02 isto pode ser observado em marcas textuais como os pronomes de 1ª pessoa observado
 03 na sua resposta à Veja: “eu levavava (sic) (Deputado Wagner Salustiano) para o altar
 04 (...)”; “(...) a Igreja Universal escolheu para nos representar (...)”; bem como das
 05 concordância verbal de 1ª p observáveis no texto. Nota-se que a sua resposta é uma
 06 explicação de como a Igreja Universal, representada por ele faz para garantir uma
 07 eleição. Ou melhor de como se manipulam os fiéis para que exerçam a performance de

08 votar no candidato de Edir Macedo. Nesta perspectiva têm-se o sujeito manipulado,
09 como já foi dito, - os fiéis.

10 A manipulação se dá através de duas formas, em primeiro o pedido: “quem,
11 voluntariamente, gostaria de conseguir votos (...)”. Mas deve-se notar que antes há uma
12 manipulação subentendida, a de que se o candidato fosse eleito a Igreja e seus fiéis
13 estariam representados, portanto por tentação. A Segunda se dá, paradoxalmente,
14 também por tentação, pois Dedini (sic) se prontifica a rezar por aqueles que atenderem a
15 sua solicitação, o que significa dizer que ele intervirá junto a Deus, através da oração,
16 por aqueles que se oferecerem a conseguir votos. O que se assemelha a indulgência que
17 a Igreja Católica praticava antigamente, só que aqui o que se exige em troca são os
18 votos.

19 Como já deve ter ficado claro, a performance que o sujeito ‘fiéis’ deve executar é
20 a de conseguir votos (e votar) para Wagner Salustiano, o que foi conseguido pois o
21 mesmo foi eleito.”

(A.E.G. – 4º ano)

[27]:

01 “Através da leitura do texto e também pelo conhecimento que temos destes fatos,
02 constatamos que o sujeito manipulador é representado pelo pastor Didini que, por sua
03 vez, representa a Igreja Universal do Reino de Deus.

04 Por outro lado, digo, de outro lado, está o sujeito manipulado, representado pelas
05 pessoas que freqüentam a igreja, ou seja, por seus fiéis.

06 Ao que tudo indica, a manipulação ocorre por tentação e por sedução. Vejamos:

07 Quando o pastor usa as palavras ‘voluntariamente’ e ‘nossa causa’, ele acaba
08 seduzindo os fiéis. Isso acontece porque ele não está obrigando as pessoas e, por isso,
09 elas podem se sentir atraídas em fazer sua vontade. O manipulador também faz questão

10 de salientar que seu pedido não é individual, ele pode favorecer a todos.

11 A manipulação por tentação ocorre a partir do momento que o pastor ora pelos fiéis e
12 promete ainda mais orações para quem o ajudar.

13 Ansiosos e desejosos de conseguir bênçãos e graças, milhares de pessoas não
14 resistem à tentação.

15 Para conseguir ganhar aquilo que o manipulador lhe prometeu através da tentação, o
16 sujeito manipulado precisa realizar sua performance.

17 Se a performance está relacionada a ação do sujeito do fazer, então, nesse caso, os
18 fiéis, primeiramente, terão que se dirigir ao altar e, em seguida, prepararem uma lista
19 com outros dez nomes. Apesar de não estar explícito no texto, pode-se imaginar que, ao
20 votarem no candidato da igreja, os fiéis também estarão realizando suas performances.”

(L.B.R.O. – 4º ano)

[28]:

01 “No fragmento retirado da entrevista com o pastor Ronaldo Didini, que comandava o
02 programa 25ª Hora na Rede Recor (sic), podemos perceber que o sujeito manipulador
03 seria A ‘Igreja Universal’, através do pastor Ronaldo Didini, pois este tenta conseguir
04 votos dos fiéis de sua igreja para que o seu candidato, no caso o deputado Wagner
05 Salustiano, ganhe as eleições.

06 Os fiéis aparecem como sujeitos manipulados, pois são eles que sofrem a
07 manipulação feita pelo pastor, são usados para angariar votos. O pastor usa de uma
08 manipulação por sedução, porque o mesmo oferece orações para os fiéis que votarem
09 em seu candidato e para as dez pessoas que eles trouxeram consigo.

10 A performance acontece quando o pastor pede para cada fiel trazer uma lista com o
11 nome de mais dez outros nomes de pessoas que votariam no candidato, com nome e nº
12 do título de eleitor, e ele as recebe aos milhares.”

(S.H.R.O. – 4º ano)

[29]:

01 “Conforme a teoria estudada sobre a estrutura da narrativa, no texto ‘O Gato e a
 02 Barata’ a manipulação acontece quando a barata pede ao gato p/ que ele salve-a,
 03 oferecendo-se a ele como jantar. Essa manipulação feita pela barata, é por sedução, pois
 04 ela oferece uma recompensa ao manipulado caso ele aceite sua oferta. A competência
 05 ocorre quando o gato aceita a proposta da barata, pois ele quer e pode libertá-la do copo
 06 e logo em seguida ele pratica a ação de virar o copo, aí então temos a performance que é
 07 a tomada de decisão do manipulado de fazer aquilo que o manipulador deseja. A sanção
 08 é a recompensa que o gato recebeu de ter acreditado em uma barata, velha e bêbada, isto
 09 é, recebeu o castigo de ser enganado pois foi ingênuo demais”.

(M.L.S.C. – 4º ano)

[30]:

01 “No texto ‘O gato e a Barata’ de Millôr Fernandes apresenta em sua estrutura narrativa
 02 as quatro fases, tais como: a manipulação, a competência, a performance e a sanção.
 03 Considerando o percurso do sujeito gato, percebe-se que este é o manipulado e o
 04 manipulador é a barata.

05 A manipulação é feita através da barata por uma tentação ao gato:

06 ‘_ Gatinho, meu gatinho – pediu ela – me salva. Me salva que assim que eu sair daqui
 07 eu deixo você me engolir inteirinha, como você gosta. Me salva.’

08 O gato, naquele momento, tinha a competência de saber e poder salvar a barata
 09 daquela situação e, é isso que faz, salva a barata.

10 ‘O gato então virou o copo com uma pata, o líquido escorreu e com ele a baratinha
 11 que, assim que se viu no chão, saiu correndo para o buraco mais perto, onde caiu na

12 gargalhada.’

13 Nesse momento, o gato pratica a performance que é a ação de salvar a barata e tem
14 como sanção o castigo de não come-lá (sic) inteirinha por ser ingênuo e imbecil.

15 ‘... _ Você não vai sair daí e cumprir sua promessa?...’”

(A.L. – 5º ano)

[31]:

01 “No texto ‘O gato e a Barata’, de Millôr Fernandes percebemos que a manipulação é
02 por tentação, pois a barata se oferece como recompensa para o gato caso ele a salve.

03 _ ‘Gatinho meu gatinho _ pediu ela _ me salva, me salva. Me salva que assim que eu
04 sair daqui eu deixo você me engolir inteirinha, como você gosta. Me salva.’ A
05 performance é percebida na parte em que o gato vira o copo com a pata, pois ele podia
06 sabia fazer isso. Como sabemos a competência nem sempre aparece explícita no texto e
07 no caso do texto o qual estamos analisando isto é notado, porém, podemos deduzir que
08 se o gato virou o copo com a pata, além de querer ele tinha competência para isso. A
09 sanção Neste caso não é positiva para o gato, pois ele fez a ação, mas a barata não
10 cumpriu a promessa ou seja o gato não recebeu a recompensa, mas sim o castigo por Ter
11 acreditado em uma ‘barata velha e bêbada’: ficou sem comer e se passou por idiota.”

(M.P. – 5º ano)

[32]:

01 “No texto ‘O Gato e a Barata’ de Millôr Fernandes a manipulação é realizada pela
02 barata quando diz: ‘... me salva, me salva. Me salva que assim que eu sair daqui eu deixo

03 você me engolir inteirinha como você gosta.’, neste trecho a barata utiliza-se de tentação
04 para manipular o gato, pois se ele a salvar receberá uma recompensa, que no caso seria
05 ela.

06 A performance existente no texto ‘O Gato e a Barata’ é realizada pelo gato quando
07 salva a barata ‘O gato então virou o copo com uma pata, o líquido escorreu e com ele a
08 baratinha que, assim que se viu no chão, saiu correndo...’ Ao salvar a baratinha do copo
09 o gato executa a ação e realiza sua performance.

10 A competência é adquirida pelo gato a partir do momento em que a barata lhe explora
11 socorro ‘O gato então virou o copo com a pata...’ O gato em primeiro momento não tinha
12 intenção (sic) de salvá-la, mas com os enúmeros (sic) pedidos, ele adquire um poder de
13 virar o copo para salvar a barata que até então não possuía (sic), mas através do pedido
14 da baratinha ele obteve a competência.

15 A sanção recebida pelo gato é o castigo por ter salvado a barata por interesse. Desta
16 forma ele não recebe a recompensa. ‘E você é tão imbecil a ponto de acreditar na
17 promessa de uma barata velha e bêbada?’

(A.A.R. – 5º ano)

[33]:

01 “De acordo com a teoria de Fiorin e Savioli, pode-se analisar o texto ‘O gato e a
02 barata’, no que se refere à estrutura narrativa.

03 Em relação à manipulação, pode-se notar, através do texto, o papel do manipulador;
04 que tipo de manipulação ele utilizou, e o papel do manipulado.

05 A manipulação ocorre quando a barata (o manipulador) manipula o gato (manipulado),
06 para que este a salve. O manipulador, para conseguir o que quer, desenvolve sua
07 manipulação usando a tentação: ‘Me salva que assim que eu sair daqui eu deixo você me

08 engolir.’ Esta foi uma proposta tentadora para o gato.

09 O gato sabia e podia salvar a baratinha. Ele teve a competência de realizar a
10 performance (salvar a baratinha). Mas, tudo isso foi feito porque sua recompensa seria
11 tentadora. Muito bem, seria, pois ele não teve a recompensa tão desejada. Ele recebeu
12 uma sanção, mas não material. Ele ganhou experiência, que às vezes a autodepreciação
13 nos livro do pelotão.”

(T.L.S. – 5º ano)

[34]:

01 “No texto ‘O gato e a barata’, acontece manipulação através da tentação, ou seja, a
02 barata manipula o gato, oferecendo-se a ele como recompensa em troca da sua salvação,
03 quando ela cai no copo de vinho. Portanto, o gato passa a querer praticar a ação, ou seja,
04 a performance.

05 Quanto à performance, esta se realiza quando o gato vira o copo para a barata sair, ou
06 seja, quando ele realiza a ação de salvar a barata. E podemos dizer então, que para
07 realizar esta ação, o gato utilizou-se da competência, pois ele podia e sabia como virar o
08 copo para que a barata saísse (sic).

09 Quanto à sanção, podemos dizer que o gato recebe um castigo, e não uma recompensa,
10 pois ele tira a barata do copo com a intenção de comê-la e ela, por sua vez, ao alcançar o
11 chão, corre para o buraco mais próximo, não cumprindo a promessa que fizera ao gato, e
12 além disso, ainda ri dele.”

(D.B.K. – 5º ano)

[35]:

01 “No texto ‘O gato e a barata’, a manipulação acontece quando a barata implora ao gato
 02 que a salve; para isso, ela usa de tentação: se ele a salvar poderá engoli-la inteirinha. A
 03 competência para salvá-la o gato já possui (ele é naturalmente capaz de virar o copo) e
 04 realiza uma performance satisfatória ao virar o copo com uma pata. No entanto, apesar
 05 da performance de sucesso, a sanção que recebe é negativa: fica frustrado sem comer a
 06 barata, que o engana e foge para um buraco.”

(A.G. – 5º ano)**[36]:**

01 “O sujeito ‘gato’ é manipulado pela barata por tentação, pois em troca receberá a
 02 própria barata como alimento (recompensa). O gato tem a competência para executar a
 03 performance: ele quer e pode tirar a barata do copo; assim sua performance foi adequada,
 04 pois o sujeito pôde virar o copo e libertar a baratinha.
 05 Porém, a sanção foi negativa – a barata não cumpriu a promessa de deixar-se comer e
 06 o gato não recebeu a recompensa (sanção).”

(A.C.C. – 5º ano)**[37]:**

01 “No texto ‘O Gato e a Barata’ de Milôr (sic) Fernandes ocorre uma manipulação do
 02 gato pela barata. O gato quer comer a barata e por isso deixa-se manipular através da
 03 tentação. Para comer a barata o gato precisaria derrubar o copo de vinho – onde ela está
 04 – o que não é difícil para o gato que tem a sabedoria para fazer tal ação, e o poder, ou
 05 seja, a competência. A performance se dá quando o gato executa sua ação, dando uma

06 patada no copo e assim, livrando a barata. Finalmente, Quando a barata sai correndo e
 07 não cumpre a sua promessa de se deixar comer pelo gato temos uma sanção; neste caso
 08 negativa pois o gato não consegue o que ele quer.”

(K.B. – 5º ano)

[38]:

01 “No texto ‘O gato e a barata’ há a estrutura narrativa onde os enunciados podem ser
 02 agrupados em quatro fases distintas: manipulação, competência, performance e sanção.

03 A manipulação ocorre quando a barata bêbada pede ao gato para que ele a salve. A
 04 manipulação consiste em um personagem induzir o outro a fazer alguma coisa (a barata
 05 induziu o gato a salvá-la e o gato quis salvá-la porque achou que teria sua recompensa).
 06 ‘(...) Gatinho, meu gatinho -, pediu ela – me salva, me salva. Me salva que assim que eu
 07 sair daqui eu deixo você me engolir inteirinha, como você gosta. Me salva...’ (aqui
 08 ocorreu a manipulação).

09 O manipulador pode usar de vários expedientes para induzir a personagem a agir, aqui
 10 a barata usou de tentação – a barata tentou o gato a salvá-la dizendo que após isso ele
 11 poderia comê-la usou um objeto de valor positivo.

12 A competência ocorre quando o gato sabe como salvá-la (ele o sujeito ‘gato’ adquiriu
 13 um saber de salvá-la e um poder que é a sua força de virar o copo e o mesmo caiu no
 14 chão.)

15 A performance é quando o sujeito gato executa sua ação de salvar a barata, já que ele
 16 tem competência para isso ele executa a ação. Só que na performance um dos
 17 personagens sai perdendo aqui nesse texto, a barata ganha porque é salva e foge sem Ter
 18 que ser comida, e o gato perde porque a salva e não ganha o que prometeu em troca.

19 A Sanção ocorre Quando o sujeito do fazer (o gato) recebe castigo ou recompensa,
 20 aqui o gato recebeu castigo porque salvou a barata por interesse e não recebeu nada em
 21 troca.”

(K.S. – 5º ano)

[39]:

01 “- Manipulação: Ocorre manipulação quando a baratinha diz para o gato: ‘Me salva
02 que assim que eu sair daqui eu deixo você me engolir inteirinha...’

03 A baratinha usa da tentação, pois oferece ao gato uma recompensa por lhe salvar.

04 MANIPULADOR: baratinha

05 MANIPULADO: gato.

06 - PERFORMANCE: O gato perde devido ao fato de salvar a barata e ser enganado,
07 pois ela lhe prometera deixar-se comer por ele e acabou fugindo quando foi salva. A
08 barata ganha, porque além de ser salva não precisou dar recompensa ao gato.

09 - COMPETÊNCIA: ocorre a competência quando o gato sabe o que ele deve fazer
10 para salvar a barata; ele tem o poder de fazer isso: ele vira o copo porque tem força e
11 salva a barata.

12 - SANÇÃO: O gato não recebe sanção de recompensa, ele fica esperando essa sanção,
13 mas a barata não lhe dá. Podemos chegar à conclusão que o gato recebeu sanção de
14 castigo, pois salvou a baratinha por interesse e não porque estava com dó e, acabou
15 ficando sem nada.”

(M.E.C.R. 5º ano)

[40]:

01 “No texto ‘O gato e a barata’ de Millôr Fernandes, o gato é manipulado pela barata.
02 Esta manipulação ocorre pela tentação, pois a barata lhe prometera uma recompensa para
03 que ele a salvasse. Dentro da competência o gato sabia e podia realizar a performance,
04 ou seja, sabia como salvar a barata e podia fazê-lo, como o fez. Sua performance foi a
05 ação de salvar a barata. Como sanção, ao invés de obter a recompensa que a barata
06 prometera (que seria uma sanção positiva para ele), recebe o riso e o gozo da barata,
07 além do nome de imbecil.”

(M.D. – 5º ano)

[41]:

01 “No texto ‘O Gato e a Barata’ de Millôr Fernandes pode-se perceber quatro fases na
02 estrutura da narrativa. São elas: manipulação, competência, performance e sanção.

03 Ao observar o percurso do sujeito gato vê-se que ele foi manipulado pela barata. Essa
04 manipulação ocorreu através da tentação, ou seja, através da troca ou da recompensa. A
05 barata diz para o gato que, se ele salvá-la ela vai deixar ele comê-la inteirinha, como ele
06 gosta.

07 Com relação a recompensa do gato percebe-se que ele possuía o saber e o poder para
08 libertar a barata. O texto ao mencionar o sujeito gato, utiliza o aumentativo ‘carão’
09 dando uma idéia ao leitor de que se tratava de um gato grande e também quando o autor
10 coloca a expressão ‘... do alto do copo’, reforça a idéia de um grande gato, portanto que
11 poderia facilmente (sic) virar o copo.

12 A performance que o sujeito deveria executar era justamente a ação de virar o
13 copo. Ele então aceita a manipulação e pratica a performance. O gato vira o copo com
14 uma pata.

15 Mas, ao contrário do que esperava, a recompensa, ele recebe como sanção a promessa
16 não cumprida, isto porque a barata foge e não deixa o gato comê-la. É uma sanção com
17 valor negativo.”

(M.C.C.R. – 5º ano)

[42]:

01 “No texto ‘O Gato e a barata’ a manipulação é por tentação, uma vez que é oferecida
02 uma recompensa pela ação do gato, que a aceita.

03 ‘Me salva que assim que eu sair daqui eu deixo você me engolir inteirinha...’

04 O gato tinha competência, pois ele podia e sabia executar a ação: virar o copo.

05 E a performance é a ação executada, ou seja, o gato vira o copo. E na sanção o sujeito
06 gato recebe o castigo: ficou sem a barata.”

(F.P.S. – 5º ano)

[43]:

01 “No texto ‘O Gato e a barata’ de Millôr Fernandes, dentro da sua estrutura narrativa,
02 os enunciados podem ser agrupados em quatro fases distintas: manipulação,
03 competência, performance e sanção.

04 O sujeito gato é manipulado pela barata através da tentação, onde ela promete para o
05 gato se ele a salvar ela deixaria o gato come-la (sic). O sujeito gato aceita a manipulação
06 da barata.

07 Em relação a (sic) competência o sujeito ‘gato’ sabia e podia agir, porque se tratava de
08 um gato.

09 Quando o gato vira o copo, executou de fato aquilo que queria fazer. Essa fase é
10 denominada performance. Nessa fase, há uma relação de perda e ganho. A barata ganhou
11 e o gato perdeu.

12 Em relação a (sic) sanção, a promessa não foi cumprida, o gato recebe o castigo, ele
13 não deveria ter acreditado na promessa de uma barata velha e bêbada.”

(P.S. – 5º ano)

[44]:

01 “No texto ‘O gato e a barata’ as quatro fases da estrutura da narrativa podem ser
02 percebidas claramente. Primeiro, a manipulação é feita pela baratinha que, dentro do
03 copo com vinho, prestes a morrer. Tenta o gato a tirá-la de lá. Para isso, ela o manipula
04 por tentação se oferecendo como sua recompensa: ‘ _ Gatinho, meu gatinho – pediu ela –
05 me salva, me salva. Me salva que assim que eu sair daqui eu deixo você me engolir
06 inteirinha, como você gosta. Me salva.’

07 Segundo, o gato sabe e pode tirar a barata de dentro do copo. Uma vez manipulado
08 pela barata: ‘ __ Você deixa mesmo eu engolir você? – disse o gato. _ Me salva! –
09 implorou a baratinha. _ Eu prometo’, ele realiza a ação (performance) pois tinha

10 competência para tal: ‘O gato então virou o copo com uma pata, o líquido escorreu e
11 com ele a baratinha...’

12 Terceiro, como sanção do gato, ele fica sem sua recompensa, pois a barata o havia
13 tentado, lhe fazendo uma promessa, mas não a cumpre: ‘... assim que se viu no chão,
14 saiu correndo para o buraco mais perto, onde caiu na gargalhada’ ... ‘Você não vai sair
15 daí e cumprir sua promessa? Você disse que deixaria eu comer você inteira.’

16 Destacando as quatro fases dos enunciados dentro da estrutura narrativa do texto,
17 pode-se dizer que o percurso do sujeito ‘gato’ é de um ‘mero’ manipulado. Em primeira
18 instância, ele até poderia estar em maior vantagem que a barata, uma vez que estava fora
19 de perigo, e era bem maior que ela. Porém, o efeito da tentação foi mais forte e ele se
20 deixa enganar por um inseto ‘menor’ do que ele (em desvantagem).

21 Com relação à moral da história: ‘Às vezes a autodepreciação nos livra do perdão’,
22 esta está diretamente ligada ao sujeito ‘barata’. Ela se autodeprecia quando diz para o
23 gato que ele poderia comê-la assim que saísse do copo. Porém, essa autodepreciação a
24 livrou da morte: ‘__ E você é tão imbecil a ponto de acreditar na promessa de uma barata
25 velha e bêbada?’ diz a barata quando já se encontrava à (sic) salvo do gato.”

(R.S.A. – 5º ano)

[45]:

01 “Considerando o percurso do sujeito gato, observamos a manipulação por tentação que
02 a barata lhe faz ela oferece uma recompensa – ela mesma – para que o gato quisesse
03 realizar a performance. O gato tinha a competência, está implícita no texto, pois ele sabia
04 e podia salvar a barata. A performance executada foi a ação de virar o copo para que a
05 barata pudesse salvar-se. A sanção é o castigo, pois a barata não cumpre o que prometeu
06 e ainda ironiza a ingenuidade do gato.”

(I.V.G. – 5º ano)

[46]:

01 “O texto O gato e a barata apresenta quatro fases distintas: manipulação, competência,
02 performance, sanção. Analisando o percurso do sujeito ‘gato’ percebe-se que este foi
03 manipulado pela barata, para que ele a tirasse do copo e em seguida a barata se doaria a
04 ele como comida.

05 Tem-se aqui uma manipulação por tentação pois o gato foi tentado pela promessa da
06 barata. Aceitando a manipulação o gato quer e pode tirar a barata do copo, denomina-se
07 esse ponto, então, como competência, pois a se propor a tirar a barata do copo ela
08 adquire o querer e o poder.

09 Com o poder de querer, saber o gato executa a ação, ele tira a barata do copo, esta fase
10 é denominada performance, o gato praticou a ação.

11 Ao realizar a performance o gato recebe a sanção por castigo: a barata fugiu.

12 A sanção poderia ser por recompensa, ou seja, o gato comeria a barata inteira, mas ao
13 acreditar na barata ele foi ingênuo e seu castigo por isso é a fuga da barata.”

(L.S.S. – 5º ano)

[47]:

01 “No texto ‘O Gato e a barata’ de Millôr Fernandes encontramos as quatro fases da
02 estrutura narrativa: manipulação, competência, performance e sanção.

03 A manipulação acontece por tentação, pois o manipulador barata, oferece recompensa
04 ao sujeito e o sujeito gato passou a querer realizar a performance. A barata pediu ajuda, e
05 em troca deixaria que o gato a comesse.

06 A competência consiste em saber e poder fazer a ação, ou seja, o gato sabia e podia
07 salvar a barata. Então acontece a performance. O gato manipulado virou o copo com a
08 pata para salvar a barata, que correu para se esconder no buraco. Assim, a sanção foi um
09 castigo, o gato não pode comer a barata.”

(I.P.V. – 5º ano)

[48]:

01 “No texto de Millôr Fernandes, chamado: ‘O gato e a barata’ aparece (sic) quatro fases
02 distintas da estrutura narrativa. A primeira fase é a da manipulação, pois o manipulador
03 (barata) induz o manipulado (gato) a fazer alguma coisa. O tipo de manipulação usado
04 pela barata (manipulador) é o da tentação, pois se o gato (manipulado) salvá-la, ela a
05 deixa comê-la.

06 ‘Me salva que assim que eu sair daqui eu deixo você me engolir inteirinha, como você
07 gosta.’ A tentação ocorre quando a barata oferece uma recompensa ao gato, que é o de
08 poder comê-la.

09 A segunda fase ocorrida no texto é o da competência, é quando o gato adquire um
10 saber e um poder, ou seja, ele sabia como tirar a barata de dentro do copo e também
11 podia tirá-la, ainda mais com a proposta que recebeu da barata, de poder comê-la.

12 A terceira fase é a da performance quando o gato tirou a barata de dentro do copo, isto
13 é, ele executou de fato aquilo que queria fazer. Mas nesta fase há uma relação de perda e
14 ganho, portanto, o gato saiu perdendo, pois não conseguiu comer a barata e a barata saiu
15 ganhando além de sua liberdade, conseguiu se salvar das garras do gato.

16 A última fase é a da sanção, em que o sujeito do fazer recebe uma recompensa ou
17 castigo pelo ato que executou. Nesse caso, ocorreu uma sanção negativa, pois o gato
18 salvou a barata com a intenção de comê-la, mas isso não foi possível, porque ela o
19 enganou.”

(A.M.B. – 5º ano)

[49]:

01 “No texto O Gato e a Barata ocorre a manipulação por tentação. A barata tenta o gato,
02 prometendo que ele poderia come-la (sic) se ele a salvasse, ou seja, a baratinha manipula

03 o gato por tentação.

04 Quanto a (sic) competência a baratinha não podia salvar-se sozinha. precisava (sic) da
05 ajuda do gato. ‘Gatinho, meu gatinho – pediu ela – me salva.’

06 Considerando o percurso do sujeito gato ele é o manipulado, conforme já dito acima, e
07 quanto a (sic) competência (sic) ele podia e sabia como salvar a baratinha. A
08 performance do gatinho foi a ação que ele executou para salvar a baratinha. ‘O gato
09 então virou o copo com uma pata...’

10 A sanção que ele recebeu por salvar a barata foi a promessa não cumprida, pois, ‘... o
11 líquido escorreu e com ele a baratinha que se viu no chão, saiu correndo para o buraco
12 mais perto, onde caiu na gargalhada.’ Ele não pode comê-la.”

(E.A.S. – 5º ano)

[50]:

01 “A barata manipula o gato através da tentação. Ou seja, ela oferece ao felino um
02 prêmio (seu corpo) em troca de sua salvação.

03 O gato tem competência para salvá-la. Sabe que virando o copo, a barata sobreviverá,
04 e tem poder para isso, sua força física e sua pata.

05 A performance do gato é virar o copo com a pata, salvando a barata.

06 Porém, a sanção (sic) não lhe agrada. Em vez de comer a barata, ele é enganado e
07 ofendido por ela. Tem, então, ao invés de recompensa, um castigo.”

(D.M. – 5º ano)

[51]:

01 “Na estrutura narrativa do texto ‘O gato e a barata’ de Millôr Fernandes estão
02 presentes as 4 fases distintas.

03 Considerando o percurso do sujeito ‘gato’ temos a manipulação, que consiste em uma
04 personagem induzir a outra personagem a fazer alguma coisa, que, neste caso, temos o

05 manipulador sendo a barata que manipula o gato. A manipulação ocorrida é por tentação
 06 pois a barata oferece um objeto de valor, uma recompensa positiva, na troca que
 07 ocorrerá. ‘Me salva que assim que eu sair daqui eu deixo você me engolir inteirinha,
 08 como você gosta. Me salva.’

09 A competência é uma fase importante da narrativa, pois não basta agir, o querer e o
 10 dever mas também o saber e o poder. Neste caso, o gato tinha a competência do saber e o
 11 poder salvar a baratinha da morte e assim naquele momento teve essa competência.

12 A performance é a ação que o sujeito executa. O gato executou a performance ao
 13 praticá-la. ‘O gato então virou o copo com uma pata, o líquido escorreu, com ele a
 14 baratinha...’ Neste (sic) fase há uma relação de perda e ganho entre as personagens.

15 A sanção ocorre com o castigo do gato em qual não recebe o seu ‘prêmio’. A
 16 baratinha engana o gato, fazendo-o acreditar e o pobre coitado tem a sua sanção.”

(L.R.B. – 5º ano)

[52]:

01 “No texto ‘O gato e a Barata’ de Millôr Fernandes, considerando o percurso do sujeito
 02 ‘gato’ tem-se: a manipulação por tentação, pois o manipulador ‘barata’ induz o
 03 manipulado ‘gato’ a salvá-la oferecendo-lhe em troca, em recompensa a sua vida; O gato
 04 por sua vez sabia e podia realizar a ação e o fez: ‘O gato então virou o copo com uma
 05 pata...’ realizando, assim, a terceira etapa da estrutura da narrativa – a performance. É
 06 importante observar que a 2ª etapa da estrutura da narrativa – a competência, está
 07 pressuposta, uma vez que o sujeito manipulado realizou a ação; A sanção vem como um
 08 castigo para o gato. Acreditando nas falsas palavras da barata e na sua condição de velha
 09 e bêbada, o gato pensou que poderia comê-la, porém a barata mais esperta o engana e
 10 não cumpre a sua promessa.”

(L.S.G. – 5º ano)

[53]:

01 “Dentro da estrutura da narrativa, os enunciados são agrupados em quatro fases
02 diferentes: manipulação, competência, performance e sanção.

03 No texto ‘O gato e a barata’, considerando o percurso do sujeito ‘gato’, a manipulação
04 ocorre por tentação no momento em que a barata pede para o gato salvá-la e promete que
05 o deixara (sic) a engolir inteirinha. Portanto ela, (a barata) o (gato) manipula por
06 tentação, ou seja, oferece uma recompensa a ele, se caso a salvasse.

07 A competência do sujeito ‘gato’ acontece porque, além de querer, ele sabe e pode
08 salvar a barata.

09 Já a performance ocorre no momento em que o sujeito ‘gato’ vira o copo com a pata,
10 ou seja, o momento em que ele executa a ação de salvar a barata.

11 Por último, a sanção é o momento em que o gato recebe o castigo, isto é, por ser
12 ingênuo acreditou que a barata iria cumprir a promessa, (de deixar que ele a engolisse), o
13 que não ocorreu. Ela mais esperta consegue manipulá-lo até conseguir se salvar e depois
14 o deixa na mão.”

(C.A.M. – 5º ano)

[54]:

01 “No texto o Gato e a Barata de Millôr Fernandes, podem ser encontrados (sic) quatro
02 fases distintas, ou seja, a manipulação, competência, performance e sanção. A seguir,
03 far-se-á a análise dessas quatro fases no texto.

04 A manipulação, no texto, é a tentação, o gato para salvar a barata ganhará um prêmio,
05 e este prêmio é comer a barata.

06 A competência é mista, porque, o gato sabe que se virar o copo de vinho, a barata será
07 salva, e ele sabe que pode fazer isso, porque ele tem força suficiente para conseguir virar

08 o copo.

09 Vê-se a performance no texto, quando a ação do gato é virar o copo com a pata e
10 salvar a barata.

11 Por último a sanção, onde vem o castigo. É quando o gato é enganado e humilhado
12 pela barata, pois ele a salva e ela sai correndo e se esconde no buraco mais perto, rindo
13 da sua cara.”

(M.K.T. – 5º ano)

[55]:

01 “Manipulação: ‘Me salva que assim que eu sair daqui eu deixo você me engolir
02 inteirinha, como você gosta. Me salva.’

03 Nesta parte a barata induz o gato a salvá-la, oferecendo algo que ele gosta como
04 recompensa, que no caso, seria ela mesma.

05 A manipulação se dá por tentação: Você me salva e me come.

06 Competência: ‘ _ Você deixa mesmo eu engolir você?’

07 disse o gato.’

08 _ Me saaalva! – implorou a baratinha. _ Eu prometo.

09 Aqui a barata afirma que se ele salvá-la, tira ela inteirinha para engolir (saber) para um
10 saber ao gato, e atribui um poder ao mesmo quando diz que promete.

11 Performance: ‘O gato então virou o copo com uma pata, o líquido escorreu e com ele a
12 baratinha que, assim que se viu no chão, saiu correndo para o buraco mais perto, onde
13 caiu na gargalhada.’

14 Nesta fase o gato executa sua ação, salvando a barata.

15 Sanção: ‘... a baratinha que, assim que se viu no chão, saiu correndo para o buraco
16 mais perto, onde caiu na gargalhada.’

17 ‘ _ Ah, ah, ah – riu então a barata, sem poder se conter. – E você é tão imbecil a ponto

18 de acreditar na promessa de uma barata velha e bêbada?’

19 O gato recebe castigo. Ele salva a baratinha, acreditando que ele iria engoli-la, porém
20 após salvá-la, a baratinha corre para o buraco não cumprindo sua promessa.”

(E.G.N. – 5º ano)

[56]:

01 “Manipulação- o gato é manipulado pela barata, o manipulador (barata) propõe ao
02 manipulado (gato) uma recompensa, ou seja, se o gato salvar a barata, ele poderá comê-
03 la. Trata-se de uma manipulação por tentação.

04 Competência – O gato sabe como salvar a barata, o sujeito do fazer adquire um saber.

05 Performance – Nesta fase, o sujeito executa a ação de salvar a barata ‘... O gato então
06 virou o copo com uma pata...’

07 Na performance, há uma relação de perda e ganho, a barata ganhou sua liberdade, foi
08 salva e o gato perdeu sua comida, pois foi enganado.

09 Sanção – O sujeito do fazer não recebe sua recompensa, recebe o castigo por Ter sido
10 imbecil ao ponto de acreditar numa barata velha e bêbada.”

(L.G.C. – 5º ano)

[57]:

01 “No texto ‘O gato e a barata’ de Millôr Fernandes, podemos analisar a estrutura da
02 narrativa. Esta pode ser agrupada em quatro fases distintas: manipulação, competência,
03 performance, sanção.

04 O sujeito gato é manipulado pela barata. O felino pensa que vai comê-la se salvá-la,
05 mas o inseto lhe ‘passa-a-perna’. Ocorre uma manipulação por tentação pois o gato

06 ‘quer’ ajudar a barata com a intenção de comê-la, mas a barata lhe diz que se ele a salvar,
07 o inseto a deixa comer. A barata faz um suborno e o gato terá uma recompensa, comê-la.

08 A performance, o gato pratica a ação de virar o copo. Ele sabe e pode tirá-la de lá e
09 assim o fez. Apesar disso, a barata traí (sic) a sua promessa:

10 ‘(...) Ah, ah, ah – riu então a barata, sem poder se conter – E você é tão imbecil a
11 ponto de acreditar na promessa de uma barata velha e bêbada? (...)’

12 Apesar do (sic) gato pensar estar manipulando o inseto, é a barata quem o manipula. O
13 gato fez a sua parte, mas sua sanção foi negativo (sic), não houve a recompensa, comê-
14 la.”

(D.G.P. – 5º ano)

[58]:

01 “Dentro da estrutura narrativa, segundo Fiorin e Savioli, os enunciados podem ser
02 agrupados em quatro fases distintas: manipulação, competência, performance e sanção.

03 No texto O gato e a barata de Millôr Fernandes, a manipulação é dada através da
04 tentação. Baseando-se na concepção de manipulação, que é o fato de um personagem
05 induzir outro a fazer alguma coisa, (através do querer ou dever), pode-se dizer a
06 manipulação por tentação, (quando o manipulador oferece uma recompensa em troca de
07 algo ou alguma coisa), ocorre quando a barata pede para o gato tirá-la do copo, dizendo
08 que como recompensa ele poderá comê-la inteirinha:

09 ‘_ Gatinho, meu gatinho – pediu ela – me salva, me salva. Me salva que assim que eu
10 sair daqui eu deixo você me engolir inteirinha, como você gosta. Me salva.’

11 Fazendo um gancho com a última fase do enunciado, ‘sanção’, pode-se dizer que, a
12 sanção sugerida pela barata e esperada pelo gato, (comer a barata, não se concretizou. A
13 sanção que o gato recebeu por libertar a barata foi vê-la saindo correndo e rindo dele: ‘-
14 Ah, ah, ah – riu então a barata, sem poder se conter.’

15 A competência ocorreu quando o gato através do poder viu que ele poderia fazer o que
16 a baratinha havia pedido: ‘Você deixa mesmo eu engolir você? – disse o gato.’

17 E por fim a performance, que é quando o sujeito do fazer executa sua ação. Está (sic)
18 se dá quando o gato vira o copo e solta a barata:

19 ‘O gato então virou o copo com uma pata, o líquido escorreu e com ele a baratinha...’”

(M.S.M. – 5º ano)

[59]:

01 “No texto ‘O gato e a barata’, de Millôr Fernandes, o personagem ‘gato’ passa por
02 quatro fases distintas. Primeiramente ele passa pela fase da manipulação. Através da
03 tentação (a barata promete deixar-se engolir pelo gato) a barata o manipula para que ele a
04 salve. Dentro do percurso do sujeito ‘gato’ ocorre então outra fase: a competência; é
05 quando o gato sabe que tem o poder de realizar a ação de salvamento da barata. Além de
06 saber e poder ele quer realizar a ação. Passa-se então para a fase da performance, que é
07 quando o gato realiza efetivamente a ação de salvamento. A última fase deste percurso
08 narrativo é a sanção. O gato aceitou a manipulação da barata, efetivou a performance e
09 portanto recebeu a ‘recompensa’. Neste caso a sanção realmente seria positiva
10 (recompensa) se a barata cumprisse o prometido, mas, como ela não cumpre, a sanção do
11 gato é negativa, ou seja, ele não recebe nada concreto em troca de sua ação e ainda por
12 cima recebe no final uma lição de moral da barata que o chama de imbecil por acreditar
13 numa barata velha e bêbada.”

(M.B.F. – 5º ano)